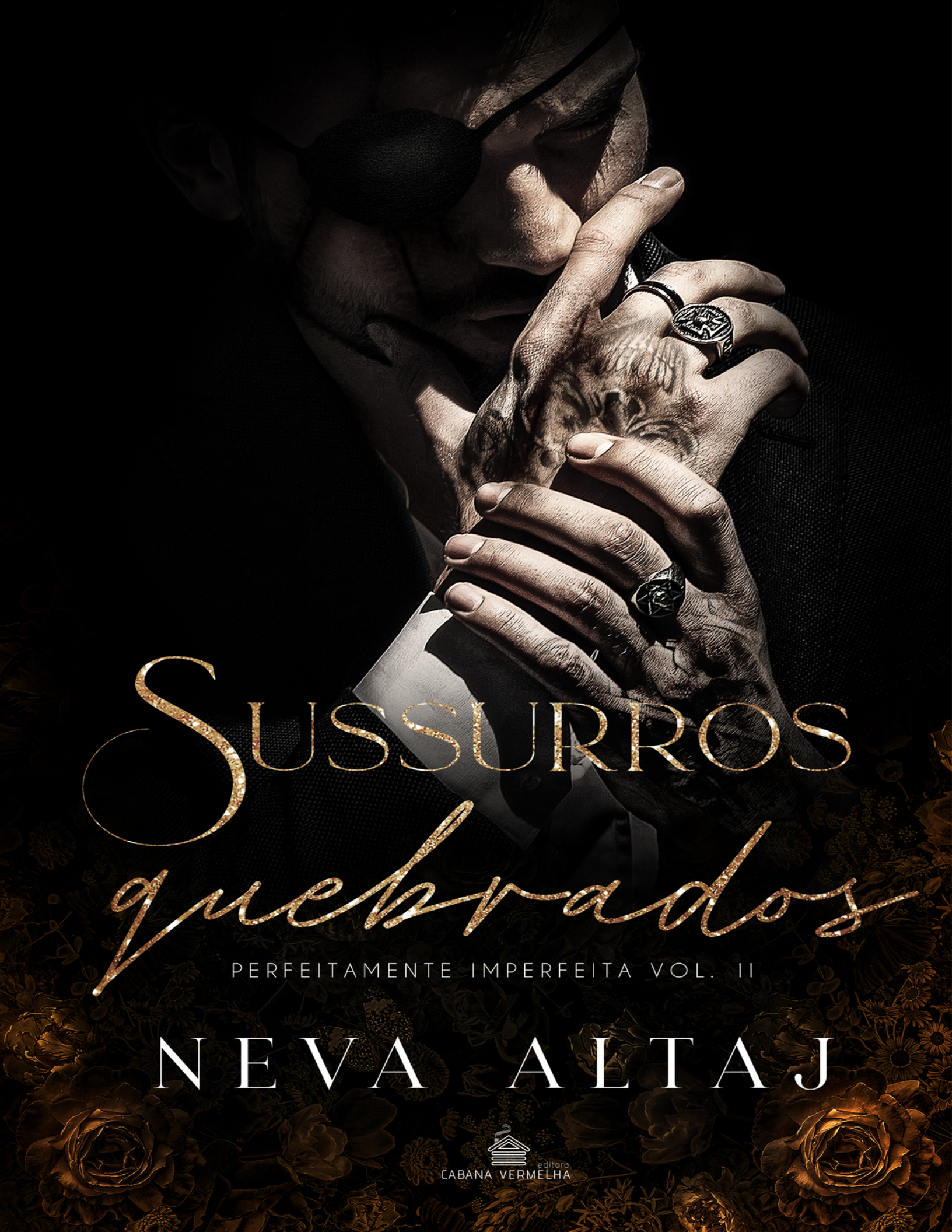




SUSSURROS

quebrados

PERFEITAMENTE IMPERFEITA VOL. II

NEVA ALTAJ

SUSSURROS
quebrados

PERFEITAMENTE IMPERFEITA VOL. I

NEVA ALTAJ

SUSSURROS QUEBRADOS

Perfeitamente Imperfeita – Livro 2

COPYRIGHT © 2022 NEVA ALTAJ
COPYRIGHT © 2025 EDITORA CABANA VERMELHA
Todos os direitos reservados.

Diretora Editorial: Elaine Cardoso

Assistente Editorial: Tiago Toy

Tradução e Preparação: Tiago Toy

Revisão: Elaine Cardoso

Adaptação de Capa: Elaine Cardoso

Diagramação: Kaique Cardoso

Esta obra foi revisada segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo o uso da internet, sem permissão expressa da autora (Lei 9.610 de 19/02/1998).

Sumário

[Sinopse](#)

[Nota da autora](#)

[Aviso de conteúdo sensível](#)

[Prólogo](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[Epílogo](#)

[Sobre a autora](#)

Sinopse

Mikhail

As máfias italiana e russa estão em guerra,
E ela é brutal.
Somos ambas impiedosas, implacáveis e inclementes.
Mas então, é tomada a decisão de fundir nossos mundos,
Um casamento entre os dois lados.

A mulher mais bonita da máfia italiana,
E o monstro mais temido da Bratva.

Eu a amei à distância por tanto tempo,
E finalmente posso tê-la como minha.
Mas será que ela vai fugir
Quando perceber quem eu realmente sou?

Bianca

Qualquer coisa.
Eu faria qualquer coisa pela minha irmã.
Até mesmo me casar com um membro da Bratva para mantê-la
segura.

Eu esperava um selvagem cruel e sem coração,
Mas tive uma surpresa.

Esse homem assustador e cheio de cicatrizes
É tudo o que eu sempre quis.

Agora, cabe a mim
Derrubar suas defesas
E destruir as barreiras entre nós

Com sussurros quebrados.

Sussurros Quebrados é um romance de máfia completo, sem traições e com um “felizes para sempre” garantido.

Este é o segundo livro da série de máfia “Perfeitamente Imperfeita”. Cada livro dessa série apresenta um casal diferente e pode ser lido de forma independente, mas, para aproveitar ao máximo, siga a ordem de leitura recomendada.

Nota da autora

Língua Americana de Sinais (ASL) é usada com frequência neste livro para comunicação. Embora a estrutura das frases da ASL seja consideravelmente diferente da linguagem falada, tomei a liberdade criativa de fazer os diálogos em ASL seguirem as regras gramaticais do inglês americano para facilitar o fluxo da história. Espero que você não se importe com essa decisão.

Há algumas palavras em russo mencionadas no livro, então aqui estão as traduções e explicações:

Solnyshko – солнышко (pequeno sol, raio de sol) é usado como um termo carinhoso.

Zayka – зайка (coelhinho) é usado como um termo carinhoso.

Lenochka – uma forma diminutiva de Lena.

Piroshki – пирожки (tortas artesanais) são pequenos bolos recheados com carne, frutas ou legumes, delicadamente picados. Podem ser assados ou fritos.

Dusha moyá – душа моя (minha alma, alma gêmea) é usado como um termo carinhoso.

“Ya lyublyu tebya vsey dushoy, solnyshko... Ya ne pozvolyu nikomu zabrat’ tebya.” – “Eu amo você com toda a minha alma, raio de sol... Não vou permitir que ninguém tire você de mim.”

“Ty luch solntsa v pasmurnyy den.” – “Você é um raio de luz em um dia nublado.”

Aviso de conteúdo sensível

Esteja ciente de que este livro inclui conteúdo capaz de gerar gatilho em certos públicos: violência doméstica, menções de abuso e descrições gráficas de violência e tortura (nenhuma ocorre entre o herói e a heroína).

Prólogo

MIKHAIL

12 anos atrás

Uma porta se abre com um estrondo e penetra em minha consciência nebulosa, seguida pela sensação de estar caindo em câmera lenta. Vozes desconhecidas sussurram ao longe, gradualmente ficando mais altas, até que tudo o que ouço são gritos apressados.

Um suspiro à minha esquerda.

— Meu Deus.

Tento abrir os olhos, mas é em vão. Preciso de algumas tentativas antes de conseguir abrir as pálpebras, mas tudo o que vejo são formas borradas.

E então vem a dor.

Parece que fui perfurado por mil facas, com as lâminas ainda alojadas na minha carne. A sensação aguda e ardente se espalha por todo o meu corpo.

Eu me engasgo com a minha própria respiração e tento falar, mas a única coisa que sai é um suspiro ofegante e doloroso. O vazio volta a me cercar, os sons desaparecem lentamente e eu me deixo flutuar. A última coisa que me lembro são frases incompletas rompendo minha consciência até não restar mais nada. Apenas a dor.

— Roman! Mikhail ainda está vivo!

— Jesus... aplique pressão no rosto dele...

— Não tenho certeza se ele vai sobreviver...

— Mais alguém?

— Não, estão todos mortos.

1

MIKHAIL

Presente

Nunca há drogas o bastante.

O eco dos meus sapatos na antessala vazia do Chicago Opera Theater se mistura com as fracas notas de abertura de *O Lago dos Cisnes* vindas do corredor à esquerda. Como o balé já está começando, a entrada está vazia. Aceno para o segurança e sigo pelo longo corredor em direção às portas duplas de madeira no final, onde um pôster na parede chama minha atenção.

Eles mudaram a foto. A anterior mostrava toda a trupe no meio de um salto em grupo, tirada de longe para que todo o palco ficasse visível. Mas a nova apresenta apenas a fotografia ampliada de um dançarino. Dou um passo e fico bem diante da imagem. Inconscientemente, minha mão se ergue e traça os contornos do rosto dela – as maçãs do rosto definidas, a boca semelhante a uma flor de cerejeira, o pescoço esguio, depois o contorno dos olhos, que parecem me encarar. As letras garrafais na parte superior do pôster anunciam que o show desta noite é a última apresentação dela. Parece que a temporada está chegando ao fim.

Às vezes, eu me imagino me aproximando dela, talvez depois de uma de suas apresentações. Trocaríamos algumas palavras e eu a convidaria para jantar. Nada extravagante, talvez aquela cafeteria aconchegante no centro. Eles têm o melhor vinho e...

Percebo meu reflexo no vidro que cobre o pôster e imediatamente afasto minha mão, sentindo que, de alguma forma, meu toque a maculou. Acho que isso é o máximo que alguém como eu – odioso por dentro e por fora – deve poder se aproximar de tal perfeição.

Abro a grande porta de madeira com cuidado e entro sem fazer barulho. Como a única fonte de luz vem do palco, o espaço é bastante

obscuro, mas ainda assim me mantenho na parte de trás, onde a escuridão é mais densa. Tenho sido extremamente cuidadoso ao perseguir minha obsessão, sempre me certificando de chegar depois que o espetáculo começa e sair antes que ele termine. É melhor manter a discrição. Dizer que não me misturo à multidão seria um eufemismo.

Minha aparência nunca me incomodou. No meu ramo de atividade, quanto mais assustador você parece, mais fácil é fazer as pessoas falarem. Às vezes, a única coisa que preciso é me apresentar para que elas contem tudo o que sabem. Minha reputação também ajuda.

Encontrar uma transa adequada costumava ser complicado, mas isso não tinha nada a ver com meu rosto. Muitas mulheres do nosso círculo estavam ansiosas para levar o Açougueiro da Bratva para a cama, mas a ansiedade diminuía consideravelmente quando eu lhes apresentava as regras: tirar a roupa apenas o suficiente para fazer o trabalho, estritamente por trás e sem nenhum tipo de toque.

Os civis tiveram reações diferentes. A maioria tendia a evitar me olhar nos olhos. Já outros gostavam de me encarar. Eu estava tranquilo com qualquer uma das abordagens.

Então, por que isso está me incomodando agora? Por que estou me escondendo em cantos escuros, perseguindo essa garota que só vi de longe, como um psicopata? Ainda estou questionando minha sanidade quando o solo de violino começa e meus olhos se voltam para o palco. Não entendo nada de música, mas não perco nenhuma apresentação dela há meses e, agora, sei exatamente quando ela entra. Quando meu olhar a encontra deslizando em direção ao meio do palco, sinto minha respiração ficar presa no peito.

Ela é uma visão, girando em sua saia longa e transparente. Fico hipnotizado, acompanhando cada um de seus movimentos. Seus cabelos loiros claros estão trançados na nuca, mas, em vez de fazê-la parecer sisuda, o penteado austero apenas acentua suas características perfeitas de boneca. Ela é como um passarinho, graciosa e frágil, e meu Deus... tão dolorosamente jovem. Eu me apoio na parede atrás de mim e balanço a cabeça. Se eu não me livrar dessa loucura, vou pirar.

Depois que a parte dela termina, faço um desvio para a grande mesa perto da porta dos bastidores. Ela está repleta de arranjos de flores que os visitantes deixaram para serem enviados aos camarins dos dançarinos. Estranho, mas funciona para mim. Como sempre, deixo uma rosa ali e saio.

BIANCA

— Seu pai quer falar com você — diz minha mãe da porta.

Ignoro-a e termino de embrulhar o último dos meus figurinos em papel branco fino, deslizando os dedos pelo tecido leve do tule da saia enquanto faço isso. Depois, coloco o traje na grande caixa branca sobre a cama, onde já guardei o restante dos meus trajes de palco, e encaixo a tampa com cuidado. Tudo o que restou da minha carreira como dançarina profissional, pronto para acumular poeira. Nunca imaginei que tudo terminaria tão rápido.

A estrela do Chicago Opera Theater, que se tornou primeira-bailarina da companhia aos dezesseis anos. Agora, aposentada aos meros vinte e um. Quinze anos de trabalho duro simplesmente perdidos por causa de uma lesão estúpida.

Ao me virar para colocar a caixa no fundo do armário, sinto vontade de chorar, mas seguro as lágrimas. Qual seria o propósito, afinal?

— Ele está no escritório — insiste minha mãe. — Não o faça esperar, Bianca. É importante.

Espero que ela saia, depois começo a ir em direção à porta, mas paro em frente à minha penteadeira e olho para o vaso de cristal que contém uma rosa amarela solitária. Normalmente, eu doo todas as flores que recebo após uma apresentação para o hospital infantil. Esta é a única que guardei. Estendo a mão e traço o caule longo, sem espinhos, envolto em uma fita de seda amarela com detalhes dourados. Durante os últimos seis meses, sempre havia uma deixada para mim após cada espetáculo. Sem bilhete. Sem assinatura. Nada. Bem, esta será a última que vou receber.

Saio do quarto e desço as escadas até a parte mais afastada da casa, onde ficam os escritórios do meu pai e do meu irmão. A dor maçante nas minhas costas quase desapareceu agora, mas há meses deixei de me iludir achando que era algo passageiro. Nunca mais vou conseguir suportar seis horas de ensaio, cinco dias por semana.

A porta do escritório do meu pai está aberta, então entro sem bater, fecho-a e fico de pé diante da sua mesa. Ele não me dá atenção, apenas continua rabiscando anotações no caderno de couro. Bruno Scardoni nunca reconhece pessoas que considera inferiores antes de achar que é o momento certo. Ele gosta de vê-las inquietas enquanto pratica seu poder sobre elas.

Infelizmente, nunca me importei com seus joguinhos de poder, então me sento na cadeira à sua frente sem convite e cruzo os braços sobre o peito.

— Sempre tão malcriada — ele diz, sem levantar os olhos do caderno. — Estou feliz que sua desobediência logo será problema de outra pessoa.

Meu coração dispara com suas palavras, mas mantenho minha expressão neutra. Meu pai é como um predador, esperando que a presa demonstre fraqueza para atacar, mirando direto na jugular.

— Estamos assinando uma trégua com os russos — ele diz, finalmente me encarando. — E você vai se casar com um dos homens de Petrov na próxima semana.

Demoro alguns segundos para me recompor do choque, depois o encaro diretamente nos olhos e, sem emitir som, digo “não”.

— Isso não foi uma pergunta, Bianca. Tudo já foi acertado: a filha de um capo por um dos homens dele. Parabéns, *cara mia*. — Um sorriso venenoso se espalha pelo seu rosto.

Pego um pedaço de papel e uma caneta da mesa dele, escrevo rapidamente algumas palavras e deslizo o bilhete em sua direção. Ele lê a nota e range os dentes.

— Eu não posso te obrigar? — ele rosna.

Começo a me levantar, mas ele se inclina para frente, segura meu braço e me dá um tapa tão forte que minha cabeça vira para o lado. Meus ouvidos zumbem, mas eu respiro fundo, viro novamente para encará-lo e pego o papel do outro lado da mesa, onde ele o jogou. Endireito as bordas do papel, coloco-o de volta na mesa, apontando para as palavras que escrevi, e caminho em direção à porta.

Eu não vou me casar, especialmente com algum brutamontes russo.

— Se você não fizer isso, darei Milene a eles.

Suas palavras me fazem parar. Ele não ousaria. Minha irmã mais nova tem apenas dezoito anos. Ainda é uma criança. Eu me viro, olho nos olhos do meu pai, e vejo. Ele ousaria.

— Vejo que isso chamou sua atenção. Bom. — Ele aponta para a cadeira da qual acabei de me levantar. — Volte aqui.

Os cinco passos que dou de volta àquela cadeira provavelmente são a segunda coisa mais difícil que já fiz na vida. Meus pés parecem feitos de chumbo o caminho inteiro.

— Agora que isso está resolvido, algumas considerações. Você será uma esposa dócil e obediente para o seu marido. Ainda não sei quem ele será, mas não importa. O que importa é que será alguém do círculo interno de Petrov.

Observo enquanto ele se recosta na cadeira e pega um charuto da caixa à sua frente.

— Vai controlar seu temperamento, deixá-lo te foder o quanto quiser e garantir que ele confie em você. Provavelmente, ele vai te subestimar, como as pessoas geralmente fazem quando descobrem que você não pode falar, e começará a se abrir, tagarelando sobre negócios. — Ele aponta o charuto na minha direção. — Você vai lembrar de tudo o que ele disser, cada detalhe sobre como estão organizados, quais rotas usam para distribuição, tudo que ele mencionar.

Ele abre uma gaveta da mesa, pega um celular descartável e desliza-o na minha direção.

— Você me mandará tudo o que souber. Cada detalhe. Entendeu, Bianca?

Tudo faz mais sentido agora. Que estratégia perfeita ele montou: livrar-se da filha problemática, ganhar a simpatia do don ao sacrificar uma das filhas para a Bratva, enquanto garante ser o único a obter informações internas sobre os russos. Brilhante, realmente.

— Fiz uma pergunta! — ele rosna.

Inclino a cabeça para o lado e o encaro, imaginando apontar uma arma entre os olhos dele e puxar o gatilho. Não erraria. Ao longo dos anos, meu irmão garantiu que minha mira fosse impecável, levando-me secretamente para praticar tiro com ele. Não sei se teria coragem de matar meu pai, mas imaginar isso com certeza me faz sentir bem.

Aceno com a cabeça, pego o celular da mesa e saio do escritório, vendo pelo canto do olho o sorriso satisfeito dele. Que ele acredite no que quiser. Eu posso até me casar com alguém da Bratva, mas farei isso pela minha irmã, não por causa das ordens dele. E não vou ser sua espiã. Não vou morrer por ele. Não de novo.

MIKHAIL

Quando Roman Petrov, o Pakhan da Bratva, entra na sala de jantar, todos se levantam e permanecem de pé até que ele se sente à cabeceira da mesa. Ele apoia a bengala em sua cadeira e faz sinal para que nos sentemos. A primeira cadeira à sua direita permanece vazia. Sua esposa deve estar se sentindo mal novamente. Eu achava que gravidez só causava enjoos pela manhã, mas, pelo que ouvi na cozinha, Nina Petrova está vomitando sem parar há semanas.

Roman se vira para a empregada e faz um gesto com a cabeça em direção à porta.

— Saia e feche a porta, Valentina. Eu a chamarei quando terminarmos.

Ela acena rapidamente com a cabeça e sai correndo do recinto, fechando as portas duplas. Parece que vamos tratar de negócios antes do jantar. Roman se recosta em sua cadeira, e eu me pergunto que tipo de bomba ele vai lançar sobre nós hoje. Na última vez em que nos chamou, ele nos informou que se casou às escondidas dois dias depois de conhecer sua esposa.

— Como vocês já sabem, estamos pedindo uma trégua com os italianos — diz ele. — Eles concordaram com meus termos, eu concordei com os deles, e a única coisa que resta é organizar um casamento para selar o acordo. — Ele levanta as sobrancelhas. — Então, quem gostaria de se voluntariar para ser o noivo sortudo?

Ninguém diz uma palavra. Nós não temos casamentos arranjados na Bratva. Isso sempre foi uma coisa italiana, e ninguém quer carregar um cavalo de Troia nas costas. É o que a mulher seria, e todo mundo sabe disso. Fico imaginando quem ele escolherá. Não serei eu, porque Roman conhece meus problemas muito bem. Também não será o Sergei. Ninguém em seu perfeito juízo confiaria a esse lunático uma torradeira, muito menos um ser humano. Maxim é velho demais, então estou apostando em Kostya ou Ivan.

— O quê, ninguém quer uma bela garota italiana? Talvez isso os ajude a mudar de ideia. — Ele enfia a mão no bolso do paletó, puxa uma foto e a passa para Maxim.

— Bianca Scardoni, a filha do meio do capo italiano Bruno Scardoni e, até recentemente, a primeira bailarina do Chicago Opera Theater.

Sinto meu corpo congelar. Não é possível.

— Eles realmente querem essa aliança. — Roman sorri. — A mulher mais bonita da máfia italiana está em oferta.

Maxim passa a foto para Pavel, cruza os braços e olha para Roman.

— Qual é a pegadinha?

— Por que você acha que haveria uma?

— Os italianos jamais cederiam a filha de um capo, especialmente uma com essa aparência, para os Bratva. Não importa o quanto eles queiram uma aliança. Deve haver algo de errado com ela.

— Bem, há um pequeno detalhe, mas prefiro chamar de bônus. — Roman sorri.

Pego a foto que Pavel me passa e a contemplo. Ela está ainda mais bonita com o cabelo solto emoldurando o rosto perfeito, enquanto os olhos castanhos claros sorriem para a câmera. Rangendo os dentes, passo a foto para Ivan. Só de pensar nas mãos de um dos meus companheiros sobre ela, uma onda de raiva se apodera de mim. Agarro os braços da cadeira com toda a minha força para não acabar socando alguma coisa.

Ivan olha para a fotografia e ergue as sobrancelhas, depois cutuca Dimitri com o cotovelo e lhe passa a foto.

— Ela não parece... ser muito italiana. — Dimitri assente com a cabeça para a foto em suas mãos. — Eu pensei que todas as garotas italianas tivessem cabelos escuros. Ela foi adotada?

— Não. A avó materna era norueguesa — diz Roman.

Sergei é o próximo, mas ele simplesmente passa a foto para Kostya, sem sequer olhar para ela.

— Caramba, ela é gostosa. — Kostya assobia e chacoalha a cabeça. — Você tem outra aí? De preferência com menos roupas.

Focando na parede à minha frente, aperto a cadeira com ainda mais força, tentando controlar a vontade de me levantar e esmurrar a cara de Kostya ou fazer algo pior, como reivindicá-la para mim. Kostya continua olhando para a foto e, por um momento, ao imaginá-lo colocando as mãos nela, meu controle se desintegra em uma fração de segundo.

— Eu fico com ela — digo.

Um silêncio absoluto se instala no ambiente e todos os olhos se voltam para mim, com surpresa e descrença visíveis em todos os rostos. Viro-me para Roman, que me examina com as sobrancelhas erguidas.

— Um desdobramento interessante — diz ele. — Eu estava planejando entregá-la ao Kostya se ninguém se oferecesse. Ele é o mais

próximo da idade dela.

— Bem, ele não vai ficar com ela.

— Você ainda não ouviu o tal detalhe, Mikhail. Talvez mude de ideia.

— Não mudarei.

— Bem. — Roman dá de ombros e toma um gole de sua bebida. — Está decidido, então.

O jantar transcorre em silêncio, o que é incomum. Em vez de uma conversa de negócios e uma risada aqui e ali, hoje todos parecem mais preocupados com a refeição do que qualquer outra coisa, mas percebo que os rapazes olham na minha direção de vez em quando. Devem estar se perguntando o que deu em mim para reivindicar a italiana, mas não ligo para o que pensam. Ela é minha, custe o que custar.

Quando o jantar termina, Roman acena com a cabeça para mim e eu o sigo pelo longo corredor até seu escritório. Ele se senta na poltrona reclinável no canto, enquanto eu permaneço em pé e me encosto na parede.

— Ela tem vinte e um anos. Você é muito velho para ela, Mikhail.

— Dez anos não é muito. Você é onze anos mais velho que a sua esposa.

— Tenho uma personalidade bastante jovem — diz ele, e sorri.

— Com certeza.

— Eloquente como sempre. — Ele balança a cabeça. — Ela mal é adulta. O que você vai fazer quando ela começar a atormentá-lo para sair todas as noites? E se ela quiser curtir uma balada e você tiver que dizer que precisa trabalhar? Você terá de levá-la para ver filmes adolescentes toda semana. Até a Nina adora essa porcaria. Se quiser, posso pedir a ela que lhe indique alguns.

— Obrigado. Eu dispenso.

Roman suspira e se inclina para trás.

— Garotas da idade dela querem um homem que fale mais de cinco frases por dia, Mikhail. Elas esperam beijos, carinho. Já pensou nisso?

— Daremos um jeito.

Silêncio. Ele está apenas me observando com a cabeça inclinada para o lado, e eu sei exatamente o que está pensando.

— Ela não é uma de suas fadas habituais. Como você espera que uma garota de vinte e um anos lide com seus... problemas?

— Não será preciso. Lidarei com meus problemas sozinho.

— Ah, é? Quando foi a última vez que você tocou alguém de livre e espontânea vontade que não fosse a Lena?

Fico olhando para ele sem responder. Não porque eu não queira, mas porque não me lembro.

— Vou lidar com isso, Roman.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Tudo bem, então. — Ele suspira e continua: — Sabe que ela provavelmente vai nos espionar e se reportar aos italianos, certo? Você está encarregado da maioria das nossas operações com drogas, então preciso que tenha cautela com o que disser na frente dela. Além disso, certifique-se de remover todas as informações confidenciais do seu escritório, caso ela decida bisbilhotar quando você não estiver lá.

— Farei isso.

— Há mais uma coisa que precisa saber sobre ela e, se você decidir mudar de ideia, selarei Kostya com ela.

— Não mudarei de ideia.

— Ela não fala, Mikhail.

Eu me enrijeço e encaro Roman, me perguntando se ouvi direito.

— Ela não pode ser surda — eu digo. — Ela é uma dançarina.

— Ela não é surda. Houve um acidente de carro quando ela era adolescente. Não tenho mais detalhes. Foi tudo compartilhado por Scardoni.

— Como ela se comunica?

— Não faço ideia. Deve escrever em um caderno ou usar linguagem de sinais, suponho. Você ainda está dentro?

— Sim.

Roman levanta uma sobrancelha, mas não comenta minha decisão.

— Quer que eu marque uma reunião antes de organizarmos o casamento?

Eu me sinto paralisado.

— Não.

— Por quê? — ele pergunta, como se ainda não soubesse a resposta.

— Ela não pode dizer não. Já está tudo acertado.

— Sem reunião.

Roman me examina, depois balança a cabeça.

— Vamos providenciar o casamento, então.

2

BIANCA

Os raios de sol da manhã atravessam as cortinas das janelas, banhando o ambiente de calor. Seria um dia perfeito para um casamento, se não fosse o meu. Pode estar quente lá fora, mas há uma tempestade de gelo me assolando por dentro.

Eu me inclino para frente, coloco a ponta do delineador no canto do olho e faço um traço longo e fino na pálpebra. Talvez eu devesse ter fugido. Eles acabariam me encontrando, mas teria valido a pena.

— Você está tão linda! — Milene exclama da porta e entra correndo no meu quarto. — Eu vou chorar!

Dou um sorriso para minha irmã e continuo a me maquiar. Para alguém que odeia casamentos, ela tem estado excepcionalmente animada com tudo isso, então não consigo me obrigar a lhe contar a verdade.

— Eu queria que Angelo estivesse aqui para ver você. Ele ficou tão bravo quando papai o mandou para o México.

Sim, eu também queria que meu irmão estivesse aqui hoje. Ele é o único membro da família, além de Milene, que se importa comigo de verdade, e tenho quase certeza de que papai o mandou embora de propósito.

— Fiz o Agosto me levar para ver o salão de recepção às seis da manhã. É incrível. Ainda não acredito que você concordou com um casamento arranjado. Sempre achei que ficaríamos solteironas juntas, morando sozinhas com um bando de gatos.

Ela começa a mexer no meu vestido, alisando o tecido.

— Estou vivendo através de você hoje. É o mais próximo que pretendo chegar de um casamento. De verdade. — Rindo, ela se inclina para verificar a bainha do vestido enquanto eu a observo no espelho.

Milene não faz ideia do quanto esteve perto de estar em meu lugar hoje. Ela planeja ir para a faculdade depois que terminar os estudos. Desde que fez oito anos, ela só fala que será enfermeira, e é tudo o que ela sempre quis. Espero que seu desejo se realize. Sabendo como Milene é teimosa, ela

provavelmente conseguirá, a menos que nosso pai decida casá-la antes que ela consiga escapar.

— Então, me conte sobre ele. Quero saber tudo sobre seu futuro marido! Por que não o trouxe para nos conhecer?

Deixo o delineador na penteadeira e me viro na cadeira para encarar Milene, minha doce irmãzinha que passou horas de seu tempo livre no YouTube e aprendeu a linguagem de sinais por minha causa. Minha mãe e meu irmão também aprenderam o básico, mas só praticaram o suficiente para entender frases simples. Minha irmã mais velha, Allegra, e meu pai nunca se deram ao trabalho.

— *O nome dele é Mikhail Orlov* — eu sinalizo. Milene melhorou tanto na linguagem de sinais nos últimos anos que podemos ter uma conversa normal, mas ela ainda precisa que eu vá devagar.

— E? Como ele é? Gostoso? Quantos anos ele tem? Vamos logo, conta pra mim.

— *Isso é tudo o que eu sei.*

— Ah, não seja tão reservada. — Milene ri e belisca meu braço. — Conta!

— *Nós ainda não nos conhecemos. E eu não sei mais nada, exceto o nome dele.* — A verdade é que não me importo, por isso nunca perguntei. De que adiantaria? Vou me casar com o cara, quer eu queira ou não.

— O quê? Você pirou? Pensei que pelo menos o tivesse conhecido e decidido se casar porque gostava dele.

— *Vá se trocar. Vamos nos atrasar.*

— Bianca? — Ela coloca a mão no meu ombro. — Você concordou com o casamento? Ou é o pai que está lhe obrigando?

— *Claro que concordei.*

— Você concordou em se casar com alguém que nunca viu? Não minta para mim, minha querida.

— *Não estou mentindo. Por favor, vá se trocar.*

Ela me encara com os olhos apertados, mas acaba indo embora. Termino de me maquiar, coloco meus sapatos de salto alto e vou para o meu “infeliz para sempre”, rezando para que Milene não tenha o mesmo destino.

MIKHAIL

O casamento está marcado para acontecer no salão de recepção do luxuoso hotel Four Seasons, no centro de Chicago, e assim que chegamos, todas as cabeças se voltam para nós. Dezenas de olhares nos acompanham enquanto Roman e o resto do grupo se sentam nas duas primeiras fileiras do lado direito. Somos apenas oito no total, enquanto o lado esquerdo, onde os italianos estão sentados, está lotado. Todas as vinte fileiras estão ocupadas com rostos sombrios. Acho que ninguém está feliz com o fato de um dos seus se casar com a Bratva, mas isso certamente não os impediu de vir para fofocar e comer de graça.

Os italianos investem seriamente em suas celebrações e aparências. Há enormes arranjos de flores brancas por toda parte e laços de fitas de seda ao redor de cada cadeira. Colocaram até mesmo um monte de pétalas brancas por todo o chão. Para os italianos, o importante é sempre causar uma ótima impressão.

Enquanto os outros se sentam, Kostya e eu ficamos perto da primeira fileira. Os italianos começam a conversar entre si, cutucando uns aos outros com os cotovelos, de olho em nós. A maioria deles desvia o olhar no momento em que vê meu rosto e se concentra em Kostya, avaliando-o. Com seus longos cabelos loiros e sorriso travesso, Kostya é um rapaz bonito. As mulheres sempre se atiraram sobre ele, então não me surpreende que essa gente tenha concluído que é ele quem vai se casar hoje.

Avanço um passo e fico na frente, onde o oficiante aguarda do outro lado de uma mesa alta. Kostya, meu padrinho, me segue, mas para dois passos à minha direita. No momento em que se torna evidente que sou o noivo, há um suspiro coletivo e o recinto inteiro fica em silêncio.

Encaro a multidão de italianos, me encarando com choque evidente em seus olhos, e passo meu olhar por eles até chegar a Bruno Scardoni. Não era para ele acompanhar a filha até o altar? Ele está sentado no meio da primeira fileira, com um sorriso presunçoso e satisfeito nos lábios. Interessante. As três mulheres à sua direita, sua esposa e duas filhas, estão imóveis, com horror no rosto. Isso, pelo menos, é esperado. Eu me pergunto onde está o irmão. Pelas informações que obtive, Bianca e seu irmão são próximos, então é estranho ele perder o casamento da irmã.

Assim que começo a ponderar se deveria ter tido aquela reunião com Bianca antes do casamento, os sons da marcha nupcial enchem a sala. Espero que ela não saia correndo aos gritos ao me ver, do contrário, correrei atrás dela.

BIANCA

Fitando a porta branca à minha frente, pergunto-me que tipo de vida me espera do outro lado. Catalina, minha prima e hoje dama de honra, mexe no véu, arrumando as dobras para que caiam sobre meu rosto.

Vendida. Estou sendo vendida como gado para garantir que os objetivos de outra pessoa gerem frutos. Não havia nada que eu pudesse ter feito para evitar isso, a não ser arruinar a vida da minha irmã em troca da minha própria. Não posso voltar atrás, portanto, vou seguir em frente com a cabeça erguida e deixar que meu pai idiota veja que ele não me destruiu.

Ele teve um ataque de fúria quando eu lhe disse que entraria no altar sozinha e gritou:

— O que as pessoas vão dizer?

O que as pessoas dizem não faz diferença para mim. Não tenho intenção de fazer com que o homem que decidiu me usar como dano colateral interprete um pai dedicado. E certamente não entrarei lá com o rosto coberto, como se fosse uma vítima assustada e recatada.

Um funcionário com uniforme de hotel abre a porta quando as primeiras notas da marcha nupcial começam a tocar. Agarro a bainha do véu, tiro a porcaria da minha cabeça e deixo o tecido rendado cair no chão. Catalina suspira atrás de mim, mas eu a ignoro, respiro fundo e entro no salão.

MIKHAIL

A mulher pela qual estive obcecado durante meses entra, e eu sinto o ar fugir dos meus pulmões. Eu sabia que ela era bonita, mas ao vê-la tão de perto e pessoalmente... eu me enganei. Ela não é apenas bonita; essa palavra é simples demais. Com o longo vestido branco que flui sobre seu corpo e termina em uma cauda curta, ela é de tirar o fôlego. Cachos loiros e macios caem livres em ambos os lados de seu rosto e até a cintura. Acho que nunca vi uma mulher com cabelos tão longos. Ela me lembra uma princesa élfica. Fico imaginando que tipo de monstro eu seria nessa história.

De cabeça erguida, ela caminha pelo corredor com passos seguros e rápidos, em minha direção. Ela olha para mim e mantém o olhar fixo, sem

recuar ao ver meu rosto arruinado e o tapa-olho, sem vacilar enquanto se aproxima. Eu esperava uma garota tímida, amedrontada com a situação em que foi jogada, mas não há nenhum traço de medo em seus olhos, apenas determinação.

Ela para diante de mim, tão linda e desafiadora, e sinto uma necessidade súbita e inexplicável de tocá-la. Para ter certeza de que ela é real. É uma sensação estranha. Não gosto de contato com a pele de ninguém, exceto Lena. Não gosto disso e nunca o faço.

O oficiante da cerimônia começa a falar e, quando nos viramos para ele, não resisto e passo meu dedo nas costas da mão dela. É um pequeno toque. Tenho certeza de que ela nem vai perceber. O homem à nossa frente continua tagarelando, e eu olho para baixo para dar mais uma espiada na minha noiva. Ela é baixinha, com uma mãozinha que, ao lado da minha, parece tão delicada. Frágil. Mas então ela olha para cima, e não há nada de frágil nos olhos que me observam sem piscar.

BIANCA

Ele não é o que eu esperava.

Quando o oficiante começa a recitar sua parte, não ouço uma palavra do que ele diz. Todo o meu ser está concentrado no homem ao meu lado. Quando entrei no salão e meus olhos pousaram em sua enorme estrutura no final do corredor, quase tropecei, e foi graças aos meus anos de prática no palco que consegui seguir em frente. Meu futuro marido tem o porte físico de um lutador profissional, com ombros largos que quase rasgam o paletó. Ele está vestindo camisa e calça sociais pretas e, com seu cabelo preto e o tapa-olho, parece um anjo vingador das trevas.

Não notei as cicatrizes logo de cara porque estava concentrada demais em sua figura imponente. A maior delas começa acima da sobrancelha direita e desce em linha reta pelo rosto, desaparecendo sob o tapa-olho e continuando até a mandíbula. Há outra ao lado dela, começando em algum lugar sob o tapa-olho e descendo até quase o canto dos lábios. A que está no lado esquerdo do queixo percorre toda a extensão do pescoço e desaparece sob a gola da camisa. Não tenho ideia do que poderia ter acontecido com ele para infligir tais ferimentos, mas deve ter sido algo horrível. A maioria dos homens que conheço teria deixado a barba crescer

para esconder pelo menos algumas das marcas em seu rosto. Parece que meu futuro marido não oculta suas cicatrizes, porque está com a barba feita, como se não se importasse com o que as pessoas pensam.

O oficiante termina seu discurso, e o homem que estava ao lado do meu noivo se aproxima e coloca uma caixinha de veludo com as alianças sobre a mesa. Mikhail pega a menor e olha para mim, esperando. Levanto a mão e vejo como ele desliza a aliança em meu dedo sem tocar minha pele. Parece que ele está deliberadamente evitando fazer isso. Tiro a aliança grande da caixa e, em vez de oferecer sua mão, ele pega a aliança entre meus dedos e a coloca no dedo.

O oficiante nos declara marido e mulher e faz um gesto em direção ao grande livro aberto sobre a mesa. Não houve a parte “você pode beijar a noiva”, e eu me pergunto se foi intencional ou se ele esqueceu, porque o homem parece estranhamente angustiado, com as mãos inquietas, olhando para qualquer lugar, exceto para o meu marido.

Mikhail pega a caneta, escreve seu nome e a oferece para mim. Ergo os olhos e o encontro me observando como se esperasse que eu fosse sair correndo. Sem quebrar nosso contato visual, arqueio uma sobrancelha, pego a caneta de sua mão e assino meu nome. Bianca Orlov. Está feito.

MIKHAIL

Observo a multidão “atacar” o bufê, enchendo seus pratos de comida e conversando em voz alta. Bianca está ao meu lado, examinando silenciosamente o ambiente, e tenho a sensação de que ela não é fã de aglomerações. É algo que temos em comum.

Roman se aproxima de mim e diz que está indo embora com Dimitri. Ele deve estar ansioso para voltar para sua esposa, que ficou em casa. Estou surpreso que ele tenha vindo, considerando o quanto reluta em deixá-la longe de sua vista. Ele se vira para Bianca e se apresenta, oferecendo a mão. Quando suas palmas se conectam, sou consumido por uma estranha necessidade de afastar a mão de Roman para impedi-lo de tocar minha esposa.

— Você quer ir embora? — pergunto quando Roman desaparece.

Bianca olha para a multidão, ergue o rosto para mim e assente. Começo a me dirigir para a saída, fazendo sinal com a cabeça para Kostya e

o resto de nossos homens. Estamos quase chegando à porta quando sinto a mão de Bianca tocar meu antebraço, apertando de leve, e fico tenso por uma fração de segundo antes de relaxar meus músculos. Ela olha para a mesa onde sua família está sentada, como se quisesse se despedir, então me viro e começo a andar na direção deles.

A irmã mais nova se levanta e corre ao encontro de Bianca, abraçando-a pela cintura e sussurrando algo em seu ouvido. Bianca dá um passo para trás e começa a gesticular com as mãos. Tomando cuidado para que nada em meu rosto demonstre reconhecimento, observo discretamente seus dedos formarem as palavras.

— *Nós estamos indo. Está tudo bem. Vou lhe enviar uma mensagem pela manhã e conversaremos.*

— O papai vai ficar bravo se você sair tão cedo — sussurra a irmã dela.

— *Você pode mandar o nosso querido pai para o inferno.* — Bianca faz sinais lentos, como se quisesse ter certeza de que a irmã entendeu cada palavra, depois a pega pela mão e vira a garota para mim.

A pobrezinha engole em seco, mas logo se recompõe e sorri. Ela não me oferece sua mão, e fico feliz por isso. Quando necessário, não tenho problemas com interações sociais padrão, como apertos de mão, mas prefiro evitá-los.

— Me chamo Milene. Prazer em conhecê-lo, Sr. Orlov.

Não me passa despercebido o fato de que Milene é a única pessoa de sua família que Bianca apresenta pessoalmente. Com os outros, eu apenas faço acenos curtos com a cabeça, o que não é tão estranho, considerando que, nem um mês antes, estávamos tentando nos matar.

Quando Milene se vira para dizer algo a Bianca, um tiro explode no salão.

BIANCA

Apenas um segundo após o primeiro disparo, um braço forte me agarra pela cintura. Quando dou por mim, estou no chão ao lado de Milene, com Mikhail curvado sobre nós, usando o próprio corpo para nos proteger.

— A porta de serviço. Fiquem abaixadas. Agora! — ele grita por cima do barulho de mais tiros e da gritaria.

Consigo desvencilhar minhas pernas da barra do vestido, pego o tecido com uma mão e rastejo o mais rápido que posso atrás de Milene em direção à porta a alguns metros de distância. Assim que chego a um corredor estreito, encosto-me na parede e abraço Milene com força. Ela está tremendo como uma folha na ventania, ofegante, e eu não estou muito longe disso. Dou uma olhada para a porta, esperando encontrar Mikhail lá, mas ele não está no corredor conosco.

Há mais dois estrondos rápidos antes que o tiroteio pare de vez, e a única coisa que consigo ouvir são homens gritando e mulheres berrando. Espero alguns segundos, volto para a porta e dou uma espiada. O lugar está um caos.

As pessoas estão correndo em direção às portas duplas do outro lado, sem prestar atenção nos outros ao redor. Um homem mais velho, que reconheço como um dos primos do meu pai, está deitado em uma poça de sangue, imóvel. Não muito longe dele, uma mulher está sentada no chão com dois homens ajoelhados ao seu lado, um deles segurando um braço dela que sangra. Mais pessoas no salão parecem feridas, seja pelas balas ou pela debandada, mas ninguém mais parece estar morto ou gravemente ferido. Vários homens circulam com suas armas em punho, verificando os feridos. Reconheço alguns deles como os que estavam com Mikhail, mas os demais são homens do meu pai.

Ao lado, perto de uma parede, Mikhail está reunido com um grupo sobre o corpo de um garçom no chão, de bruços. Observo Mikhail guardar sua arma no coldre escondido sob o paletó e se agachar ao lado do corpo. Ele desabotoa a manga direita do homem morto e a levanta, inspecionando seu antebraço. Meu pai vai até o lado de Mikhail. Eles discutem por alguns segundos, depois Mikhail se vira e vem em minha direção.

— Vá até seu pai, Milene — diz ele à minha irmã, depois se vira para mim. — Por aqui.

Ele me conduz pelo longo corredor e passa pela lavanderia do hotel, onde os funcionários uniformizados espreitam por trás de grandes máquinas de lavar. Saímos por uma porta de metal e viramos à direita em direção ao estacionamento. Parece que estou me movendo em um vácuo, sem ouvir nada e quase sem perceber o que nos cerca. É a primeira vez que presencio um tiroteio fora do campo de tiro e posso estar em choque.

Mikhail se aproxima de um carro e abre a porta do passageiro para mim. Se alguém me perguntasse o modelo ou até mesmo a cor do veículo

em que entrei, eu não saberia dizer. Ele liga para alguém durante o trajeto, mas toda a conversa é em russo, então não tenho ideia do que diz nem com quem fala.

Pouco depois de encerrar a ligação, ele estaciona na garagem subterrânea de um prédio alto e moderno. Como não prestei atenção para onde estávamos indo, a única coisa que sei é que estamos em algum lugar no centro da cidade.

Mikhail abre a porta do carro para mim e eu o sigo até um elevador prateado, observando enquanto ele passa um cartão de acesso pela pequena tela e pressiona o botão para o último andar. Pouco tempo depois, as portas do elevador se abrem em um pequeno saguão com apenas uma porta diretamente à frente.

Respiro fundo. Ele me trouxe para sua casa. Não sei por que isso me atinge tão forte. É claro que ele me levaria para a casa dele. Não que eu esperasse que ele fosse me deixar na casa do meu pai, mas, ainda assim, é como se só agora eu compreendesse o quanto minha vida será diferente de agora em diante. Respiro fundo e entro na casa de Mikhail.

— Sala de estar, sala de jantar, cozinha, banheiro de hóspedes. — Mikhail aponta para o enorme espaço aberto no lado oposto, com janelas do chão ao teto. — A sala que uso como academia. O quarto da Lena. Meu escritório.

Quem é Lena? Talvez ele tenha uma governanta que mora no trabalho.

Mikhail se vira e aponta para o outro lado do ambiente.

— Meu quarto. Você pode ficar com o quarto de hóspedes ao lado dele.

Eu o encaro, processando o que acabei de ouvir. Sério que não vai me obrigar a dormir com ele?

Com seu único olho azul me observando de cima com interesse, ele apanha uma mecha de cabelo que caiu no meu rosto e a coloca atrás da orelha.

— Eu não forço mulheres, Bianca. Está claro?

Aceno com a cabeça.

— Ótimo. Tenho que ir agora e é provável que eu não volte antes do amanhecer. Há comida na geladeira. Coma. Tome um banho e vá dormir, você precisa descansar. Me dê seu telefone.

Não sei como, mas a bolsinha de mão pendurada no meu peito por uma fina corrente de ouro sobreviveu aos eventos desta noite. Tiro meu celular de dentro dela e, com relutância, entrego-o a ele. Não imaginei que ele o confiscaria.

Em vez de levar o aparelho embora, ele começa a digitar.

— Estou registrando meu número, bem como o número da mesa de segurança no andar de baixo. Se precisar de alguma coisa, pode me enviar uma mensagem. Talvez eu não consiga responder na mesma hora, mas farei isso assim que puder. — Ele devolve meu telefone. Lentamente, eu levanto a mão e o pego.

— Fique à vontade para explorar, mas meu escritório é proibido. Todo o resto é permitido. Estamos entendidos quanto a isso?

Aceno com a cabeça mais uma vez e continuo olhando para ele, esperando que diga algo como “Vejo você de manhã” ou “Boa noite”, mas, em vez disso, ele simplesmente chega mais perto e passa o dedo no dorso da minha mão, com um toque leve como uma pluma. Dura apenas um segundo, e então ele se vai sem dizer uma palavra.

Que homem estranho.

MIKHAIL

— Ele tinha uma tatuagem de uma gangue albanesa na parte interna do antebraço — digo a Roman. — Em quem você pensou? Na Dushku?

— É possível. Talvez ele tenha descoberto que fui eu quem matou seu amigo Tanush. Ou talvez tenha se irritado porque nós o prejudicamos ao fazer um acordo com os italianos.

— Pode ser as duas coisas. — Balanço a cabeça. — Ou alguém quer que pensemos que foi a Dushku. Eles enviaram apenas um homem, e metade das pessoas naquela sala estava armada. Era uma missão suicida. E é conveniente que ele tenha uma tatuagem que o ligue aos albaneses. Há algo que não está batendo.

Roman se inclina para a frente, tamborilando os dedos na mesa.

— Pode ser que os italianos estejam nos enganando, preparando o terreno para algo maior. Eles estavam encarregados da segurança do casamento, e um homem armado conseguiu entrar. — Ele aponta o dedo

para mim. — Você precisa vigiar sua esposa. Observá-la com bastante atenção.

— Farei isso.

Assinto e saio do escritório do Pakhan.

No caminho de volta para casa, penso no que Roman disse. Será que ele está certo? Será que Bianca pode estar agindo como uma espiã para seu pai? Seria uma grande oportunidade, e tenho certeza de que um capo tão implacável quanto Bruno Scardoni não perderia essa chance. Ainda assim, tenho a sensação de que esse não é o caso aqui. O desgosto que percebi nos olhos de Bianca toda vez que ela olhava para o pai não podia ser fingido. Sim, minha esposa tem olhos muito expressivos.

Será que eu deveria dizer a ela que sou proficiente em libras? Isso facilitaria a comunicação, mas levaria a assuntos que ainda não estou pronto para discutir com ela. Por enquanto, teremos que nos virar sem a linguagem de sinais.

BIANCA

Quando estou estressada, ou eu faço faxina ou cozinho. Não há nada aqui para limpar. Tudo está impecável. Assim, vou para a cozinha e começo a procurar ingredientes para preparar meu macarrão com queijo.

Mais cedo, tomei banho no banheiro de hóspedes e passei algum tempo andando pelo apartamento de Mikhail. O lugar é enorme. Ocupa todo o último andar do prédio e é decorado em um estilo moderno, principalmente com vidro e madeira escura combinados com detalhes em branco. Primeiro, dei uma olhada na cozinha, que é o sonho de qualquer chef, totalmente equipada. Encontrei alguns itens interessantes, como cacau na despensa, iogurte de morango na geladeira e uma gaveta cheia de doces. Meu marido não me parece ser do tipo que curte doces e iogurte de morango, mas as pessoas têm gostos estranhos.

O cômodo seguinte era o quarto de Mikhail. Parecia errado bisbilhotar ali, então fui até o armário dele e peguei a primeira camiseta que vi. Eu não iria dormir de toalha ou nua. Ficar sem calcinha já era ruim o suficiente.

Depois do quarto de Mikhail, pulei o quarto da governanta e parei na porta da academia, confusa. Eu esperava um monte de aparelhos de

musculação de última geração, uma esteira e itens semelhantes. Em vez disso, havia apenas uma prateleira com pesos antigos de diferentes tamanhos em um canto, uma barra de elevação ao lado e um saco de pancadas. Tudo estava alinhado ao longo da parede em frente às janelas panorâmicas, e não ocupava nem um quinto da sala. Que desperdício de espaço. Ele bem que poderia ter acrescentado outro cômodo ali. Da academia, voltei direto para a cozinha, ignorando a porta do escritório dele.

Quando termino de cozinhar o macarrão, preparo um prato para mim e deixo a panela com o resto no balcão. Olho em volta, procurando um papel e algo para escrever, até que encontro uma caneta em uma das gavetas. Mas não há papel. Pego a caixa de macarrão vazia, rasgo um pedaço, sento-me à mesa de jantar e começo a escrever.

Quando termino, deixo o bilhete no chão ao lado da porta, onde Mikhail possa encontrá-lo, e volto para o quarto de hóspedes.

MIKHAIL

Pego o pedaço de papelão que está no chão e começo a ler.

Eu fiz macarrão. Deixei na bancada.

Peguei emprestada uma camiseta sua. Espero que não se importe.

Com tudo o que aconteceu, esqueci que preciso passar na casa do meu pai e pegar uma bolsa com minhas roupas. Você pode passar lá amanhã para pegá-la?

Talvez precisemos passar em uma loja para comprar uma muda de roupa. Não posso ir à casa do meu pai usando apenas a sua camiseta.

Não consegui encontrar café na cozinha. Meu nome é Bianca e sou viciada em caféina. Se tiver em algum lugar, por favor, me mande uma mensagem dizendo onde está antes de ir dormir. Não sou a pessoa mais agradável pela manhã até tomar minha dose.

Meus lábios se curvam ligeiramente com essa última frase e me dirijo à porta do quarto de hóspedes, encontrando-a entreaberta. Enrolada em um edredom grosso, Bianca está dormindo profundamente, com os cabelos emaranhados. Eu me apoio no batente e observo seu corpo adormecido até que a luz da manhã comece a entrar no quarto.

3

BIANCA

São quase nove horas quando acordo, e me surpreende que eu tenha dormido como uma pedra por oito horas na casa de um estranho. Quando fui para a cama na noite anterior, apaguei assim que minha cabeça pousou no travesseiro. Talvez seja algum efeito colateral bizarro daquele tiroteio.

Depois de passar no banheiro para aliviar a bexiga e escovar os dentes, vou para a cozinha. No balcão próximo à máquina de café, encontro meu bilhete preso por um dos cantos debaixo de um saco de grãos de café fechado. Ao lado de cada uma das minhas anotações há comentários em uma caligrafia caprichada.

Obrigado.

Não me importo.

Sim.

Liguei para minha governanta e pedi que ela comprasse algo para você usar amanhã até pegarmos suas coisas. Ela vai deixar no balcão.

Armário mais à direita, prateleira de cima. Mas você pode colocar onde quiser.

Ao lado do bilhete, há uma sacola de papel. Dou uma olhada dentro dela e tiro um par de calças de ioga cinza e duas camisetas. No fundo, há algumas roupas íntimas e meias. Nada de sapatos, então parece que vou combinar meus saltos altos com calças de ioga e uma camiseta quando formos pegar minhas coisas. Que elegância.

Depois de um breve desvio até o quarto de hóspedes para vestir uma roupa íntima, preparo uma xícara de café, pego uma banana da fruteira e subo em uma cadeira alta na mesa de café da manhã que separa a cozinha da sala de jantar. Eu deveria mandar uma mensagem para Milene.

09:22 Bianca: Só estou checando para saber se está tudo bem. O tio Fredo sobreviveu? Mais alguém se machucou feio ontem? Como você está?

09:23 Milene: Ele se foi. Ouvi o papai hoje de manhã dizendo que o Fredo só estava gastando o dinheiro da família e, palavras dele, “Pelo

menos alguma coisa boa saiu daquele casamento”. A amante de Agapito levou um tiro no braço, mas acho que foi só isso. Mal posso esperar para deixar essa vida idiota.

09:26 Bianca: Papai não vai financiar sua faculdade, Milene.

09:28 Milene: A Nonna Giulia disse que vai pagar. Mais três meses e tchau tchau para essa merda de Cosa Nostra. Papai vai ficar louco, ha ha ha! Está tudo bem por aí? Quero o relatório completo. Como foi? Como ele está? Você teve que dormir com ele?

09:25 Bianca: Ele é razoável, eu acho. Um pouco estranho. Não fala muito. Ele me deixou em casa ontem e foi para algum lugar. Trabalho, eu acho. Não o vi mais desde então.

09:26 Milene: COMO ASSIM? Na noite de núpcias dele? Acho que você teve sorte. Tenho que ir, o professor está chegando.

Há mais duas mensagens novas, uma da minha mãe e outra do Angelo. Leio primeiro a de Angelo.

02:11 Angelo: Parabéns, irmã. Quem é o noivo sortudo? A conexão aqui é horrível, não ouvi metade das coisas que papai disse quando ligou.

Dou uma olhada na mensagem e suspiro. Angelo nunca achou nada de errado com a tradição dos casamentos arranjados. Era algo esperado e, portanto, deveria ser feito. Pelo que ouvi, papai já havia combinado que ele se casaria com a neta de Don Agostini. Mas Isabella e Angelo já se conhecem. Não é a mesma situação, porém, e eu estaria mentindo se dissesse que esperava que ele fosse tão indiferente.

09:29 Bianca: Mikhail Orlov. Quando você vai voltar? E o que está fazendo no México, afinal?

A próxima mensagem é de mamãe. Eu a abro e um monte de palavras preenche a tela. Resmungo, diminuo o tamanho da fonte e começo a ler a dissertação dela.

07:44 Mãe: Você estava tão linda ontem. Todos comentaram sobre isso. E aquele vestido valeu cada centavo. A mãe de Catalina me perguntou onde o compramos para que ela possa encomendar um para a filha. Aquela mulher está sempre nos copiando. É uma insuportável. Pena que tudo terminou tão abruptamente. Não acredito que Fredo tenha levado um tiro e morrido, mas acho que é melhor ele do que outra pessoa. Ele tinha mais de oitenta anos. Você notou que Luca Rossi veio sozinho? A Simona nunca gostou de mim, mas perder seu casamento? Nunca entendi como aqueles dois acabaram juntos. É lamentável que um homem como Luca acabe com

uma vadia como ela. Alguém deveria lhe dizer que está na hora de ele cortar aquele cabelo, não é adequado. Ele é um capo, pelo amor de Deus.

Fecho os olhos e suspiro. As prioridades da minha mãe sempre foram estranhas. Não é culpa dela. Se ela não fosse a esposa de um capo, tenho certeza de que teria sido uma assassina ou algo semelhante. Não é que ela tenha sido diagnosticada, mas tenho quase certeza de que minha mãe é uma sociopata limítrofe. Fico imaginando em que ponto da mensagem ela perguntará como estou lidando com o fato de estar casada com um estranho. Continuo lendo seu longo texto.

Já que você parou com o balé, terá mais tempo livre agora. Deveríamos ir às compras juntas um dia, tenho certeza de que a distração lhe faria bem. Não tenho ideia do que seu pai estava pensando quando concordou em casá-la com aquele homem. Sinceramente, ainda bem que eu não estava com meus óculos ontem, assim não pude ver tão bem. Tentei usar lentes de contato novamente ontem de manhã, mas meus olhos começaram a coçar. Talvez eu deva tentar outra marca. Allegra diz que ele parece um monstro. Isso é verdade? Você deveria ter se casado com o Marcus...

Tomo um gole do café. Allegra... sempre metendo o nariz onde não é chamada. Não, isso não é verdade. O homem tem um olho, e daí? Não é como se lhe faltasse metade do cérebro, como o Marcus. Quanto ao caráter dele... não sei dizer. Não interagimos muito, então não posso concluir que tipo de homem ele é. Mas quando o primeiro tiro foi disparado, ele usou o próprio corpo para proteger a mim e a minha irmã. E isso diz muito. Com relutância, termino de ler.

Como ele a está tratando? Se ele levantar a voz para você, é só me avisar que eu peço para seu pai falar com ele. Ninguém desrespeita a filha de um capo. Por favor, use proteção, você é jovem demais para ter filhos. Amo você.

Claro, como se meu pai me respeitasse.

09:42 Bianca: Está tudo bem. Eu aviso você sobre as compras.

Largo o telefone e pego a xícara de café quando a porta da academia se abre e Mikhail aparece. É preciso um controle tremendo para evitar que meu queixo caia no chão. Ontem ele estava de terno, mas, mesmo com o paletó, notei que ele tinha uma bela massa muscular por baixo. Agora, ele está usando moletom e uma camiseta de mangas compridas que se estende

sobre seus ombros impossivelmente largos e braços musculosos. O homem é uma máquina.

— Vou tomar banho e depois podemos buscar suas coisas — ele diz e se dirige ao seu quarto.

Eu o sigo com meus olhos, e me sinto uma tarada. Havia um monte de rapazes na companhia de dança, e todos em excelente forma, mas nenhum deles tinha a aparência de Mikhail. Nunca conheci ninguém parecido com ele. É bem provável que ele conseguisse me levantar por horas sem derramar uma gota de suor.

Quando saio do meu quarto trinta minutos depois, com meu look arrasador composto por camiseta, calça de ioga e salto alto com paetês, Mikhail está à minha espera na porta. Pensei que ele estaria de terno novamente, mas parece que ele não vai trabalhar hoje, já que está usando jeans preto desbotado e uma camisa Henley preta. O homem gosta mesmo de preto e, pelo visto, de mangas compridas.

Na garagem, Mikhail me leva até um SUV monstruoso. Tenho quase certeza de que não é o mesmo carro em que chegamos ontem à noite, até porque não tenho a menor ideia de como vou entrar naquela coisa com meus saltos. O assoalho está a mais de meio metro do chão.

Mikhail abre a porta para mim e, enquanto estendo a mão para agarrar algo que me ajude a subir, as mãos dele me agarram pela cintura.

— Precisa de uma mãozinha? — ele pergunta em um tom sério, com o rosto a poucos centímetros do meu.

Ele não espera pela minha resposta, apenas me levanta, me coloca no banco e fecha a porta.

— Conseguiu encontrar tudo o que precisava ontem à noite? — ele pergunta ao entrar no veículo. — Pedi à governanta que lhe comprasse alguns itens básicos.

Eu aceno com a cabeça. Havia uma cesta grande com sabonete líquido, xampu, condicionador, escova e pasta de dente e até uma escova de cabelo nova no banheiro.

— Se precisar de mais alguma coisa, basta me enviar a lista por mensagem e eu mando alguém comprar.

Ele dá a partida enquanto eu finjo estar olhando para a calçada, mas, secretamente, eu o observo pelo canto do olho. Será que ele também acha essa situação estranha? Ele escolheu se casar ou seu chefe o obrigou? E se ele tiver namorada? Vai continuar saindo com ela? E se a levar para o

apartamento dele enquanto eu estiver lá? Será que está esperando que eu durma com ele?

Deixo meu olhar percorrer seu braço, reparando nos contornos dos músculos rígidos visíveis mesmo sob a manga. Ele parece concentrado na estrada e, como estou sentada do seu lado cego e recostada no banco, tenho certeza de que ele não percebe que o estou observando. Aproveito a oportunidade para examinar melhor seu rosto. O que quer que tenha acontecido com ele, não foi recente. Essas cicatrizes parecem antigas. O interessante é que elas não me incomodam nem um pouco. Na verdade, acho meu marido extremamente bonito, portanto, no aspecto físico, não tenho do que reclamar.

Mikhail desacelera o carro e para em um sinal vermelho. Ele vira a cabeça em minha direção e me prende com o olhar. Acho que fui pega no flagra, mas não desvio. Ele não diz nada, não pergunta por que estou encarando, apenas me observa até o sinal ficar verde. Então, ele se volta para a estrada e continua dirigindo. Acho que nunca conheci uma pessoa tão calma e controlada. Seu rosto se mostra sem qualquer expressão. Não consigo deduzir nada a partir dele. Será que ele está zangado porque fiquei olhando para ele? Ou talvez ele não esteja nem aí. É um homem pra lá de estranho.

*

Mikhail estaciona em frente à casa do meu pai e dá a volta no carro quando estou abrindo a porta. Ele coloca as mãos em minha cintura novamente e me ajuda a descer. Assim que meus pés tocam o chão, ele retira rapidamente as mãos.

— Leve apenas o que você precisa para os próximos dois dias. Mandarei alguém buscar o resto. Será melhor se eu a esperar aqui.

— *Cinco minutos* — formo as palavras com os lábios, depois me viro e entro correndo em casa, esperando não encontrar ninguém no caminho. Como Milene está na escola, não há mais ninguém que eu queira ver.

— Meu Deus, Bianca! — A voz de Allegra me alcança por trás quando estou prestes a subir. — Como você consegue ficar perto daquele monstro?

Paro no pé da escada e me viro para encarar minha irmã mais velha, que está com as mãos nos quadris, olhando para mim com desagrado. Por

alguma razão, Allegra sempre me odiou e faz o possível para me rebaixar com seus comentários venenosos. Ela fazia isso até mesmo quando éramos crianças. Angelo disse uma vez que ela tinha ciúmes de mim, o que é ridículo, porque Allegra sempre foi a filha perfeita. Todos sempre a adoraram, enquanto eu era vista como a ovelha negra de nossa família, uma garota bonita, mas defeituosa, que não conseguia falar.

Dou dois passos em sua direção e paro bem na frente dela. Pego sua mão, olho para o dedo anelar nu, faço um som de tristeza, depois dou um tapinha nas costas de sua mão e levanto a minha com a aliança de casamento. Depois de me fazer entender, eu me afasto dela e a deixo ali, lançando adagas nas minhas costas. Conheço bem os pontos fracos de minha irmã e não tenho problemas em explorá-los. O principal objetivo de vida de Allegra sempre foi se casar. Ela começou a fazer planos para o dia de seu casamento na quarta série. Em seu cérebro tacanho, o fato de eu ter me casado antes dela foi o maior desastre que poderia ter acontecido.

Minhas ações são mesquinhas, eu sei, mas não consegui me controlar. Ninguém pode falar assim do meu marido. Podemos ter um casamento arranjado, mas ele me tratou melhor nas últimas vinte e quatro horas do que alguns membros da minha família jamais trataram. E não vou permitir que minha irmã diga algo assim sem revidar.

Em meu quarto, pego a bolsa que já havia arrumado e me viro para sair, mas encontro meu pai bloqueando a porta.

— Fiquei esperando um relatório ontem à noite, Bianca.

Dou um passo à frente, com a intenção de passar por ele, mas ele aperta meu antebraço e aproxima seu rosto do meu.

— Onde está o telefone que lhe dei?

Garantindo que cada grama de repulsa que sinto por ele esteja visível em meu rosto, olho para cima e aponto para a lata de lixo ao lado da porta, onde joguei o telefone no mesmo dia em que ele me deu. Ele olha para ela, range os dentes e me dá um tapa no rosto. Um golpe forte com a palma da mão aberta sempre foi sua maneira favorita de demonstrar seu descontentamento comigo.

— Você vai se arrepender de sua desobediência, garota — ele zomba bem perto do meu rosto e sai.

Coloco a bolsa no chão e corro para o banheiro para jogar um pouco de água fria no rosto e verificar os danos no espelho. Desta vez, não há lábio rasgado, mas vejo uma enorme marca vermelha cobrindo a maior

parte da minha bochecha esquerda. Que merda. Jogo um pouco mais de água nela, pego minha bolsa na porta e saio às pressas da casa.

Mikhail está à minha espera, reclinado contra o capô, mas assim que vê a marca em meu rosto ele se endireita e olha atentamente em meus olhos. Abaixo a cabeça e continuo andando, com uma onda de vergonha me envolvendo. Sei que não deveria ter vergonha – não é culpa minha ter um pai idiota –, mas ainda assim tenho.

A mão de Mikhail entra em meu campo de visão quando ele coloca um dedo sob meu queixo e levanta minha cabeça. Ele a vira um pouco para o lado, inspecionando minha bochecha.

— Seu pai? — ele pergunta com os dentes cerrados, e eu assinto. — Sabe de uma coisa? Mudei de ideia. — Ele pega minha bolsa e a joga no banco do passageiro pela janela. — Eu adoraria conversar com meu sogro.

— Não — eu articulo sem emitir som e balanço a cabeça.

— Vou ter uma palavrinha com o Bruno — diz ele em uma voz calma. — Você pode ficar aqui ou pode vir comigo. Há uma chance maior de ele sair vivo dessa conversa se você vier.

Respiro fundo e o conduzo para a casa.

Mikhail entra no escritório do meu pai sem bater na porta, caminha tranquilamente até sua mesa e se senta na cadeira que eu costumava ocupar com frequência. Fecho a porta e me apoio nela, sem o menor interesse em me aproximar de meu pai além do absolutamente necessário.

— Como você se atreve a entrar aqui sem avisar? — grita meu pai. — Saia da minha casa!

— Parece que esqueci de estabelecer algumas regras básicas, Bruno.

— Regras? Está falando sério? — Meu pai ri, levanta e bate com a palma da mão na mesa. — Quem diabos você pensa que é?

Tudo acontece tão rápido que mal consigo acompanhar. Pegando o abridor de cartas decorativo com uma mão e o pulso do meu pai com a outra, Mikhail enfia o objeto bem no centro da palma da mão do meu querido pai e na superfície de madeira da mesa.

O grito de dor que sai da boca do meu pai é arrepiante e teria feito com que todos dentro de casa corressem para o escritório dele se não fosse à prova de som. Ele sempre foi paranoico com a possibilidade de alguém ouvir suas conversas secretas.

— Cale a boca, Bruno — diz Mikhail, recostando na cadeira. — E nem pense em acionar o alarme que eu sei que você tem embaixo da mesa.

Vou quebrar seu pescoço antes que alguém venha salvá-lo.

Como que por milagre, meu pai para de gritar, e os únicos sons que restam são de sua respiração ofegante. Ele agarra o cabo do abridor de cartas e tenta puxá-lo, mas ele não se move.

— Agora, vamos esclarecer algumas coisas — diz Mikhail. — Se você tocar na minha esposa novamente, de qualquer forma, eu corto sua mão. Se eu o ouvir falar mal dela, corto sua língua. Se ousar sequer pensar em bater nela de novo, corto sua cabeça. Fui claro, Bruno?

Em vez de responder, meu pai só fica encarando, com os olhos arregalados como os de um louco.

— Acho que você não me ouviu, Bruno. Que tal agora? — Mikhail pega o cabo do abridor de cartas que ainda está preso na mão do meu pai e começa a girá-lo.

— Sim!

— Perfeito. — Mikhail levanta e se dirige a mim. — Tenha um bom dia, Bruno.

Dou uma olhada no meu pai, que está fitando as costas de Mikhail, sorrio e sigo meu marido para fora dali.

MIKHAIL

Estaciono o carro, desligo o motor e olho para Bianca.

— Por que ele te bateu?

Levei quase uma hora para me acalmar o bastante para poder tocar no assunto. Se eu tivesse perguntado quando ainda estávamos perto da casa do pai dela, o mais provável é que eu tivesse voltado para matar o filho da puta.

Bianca está olhando para frente. Com os olhos vidrados, parece estar debatendo consigo mesma se deve me responder ou não. Depois de um tempo, ela pega o celular, digita algumas palavras e o vira para mim.

Ele queria que eu espionasse a Bratva. Eu recusei.

Bem, não é nada que eu já não estivesse esperando.

— Por que você recusou?

Ela levanta uma sobrancelha, digita novamente e me dá o telefone.

Eu não sou suicida.

— Decisão sábia.

Estendo a mão e passo o dedo em sua bochecha, com um toque leve. Sua pele é tão macia e tocá-la não me incomoda. Muito pelo contrário. Passo o dedo mais uma vez em seu rosto, dessa vez com as costas da mão. A vermelhidão desapareceu quase por completo. Mesmo assim eu deveria ter matado aquele filho da puta.

BIANCA

A expressão no rosto de Mikhail quando ele acaricia minha bochecha é intrigante. Não consigo descrevê-la. Talvez algo entre surpresa e confusão, mas posso estar errada, pois nenhuma das duas opções faz sentido. Ele percebe que o estou observando e afasta a mão. Eu gostaria que ele não tivesse feito isso.

— Vamos. A Sisi provavelmente fez algo para comermos.

Sisi? Achei que o nome da governanta fosse Lena.

Seguimos para o elevador e subimos em silêncio. Eu me pergunto se a quietude é normal para ele, ou se ele simplesmente não sente a necessidade de falar, já que não posso responder. Ele abre a porta do apartamento para mim, eu entro e paro abruptamente.

A cinco metros de distância e olhando diretamente para mim, está uma garotinha com um lindo vestido rosa e os cabelos escuros trançados no alto da cabeça. Não deve ter mais de três ou talvez quatro anos, e é a cara cuspida e escarrada de Mikhail.

— Olá — diz ela, com o rosto sério, e inclina a cabeça para o lado, olhando para mim com interesse.

— *Lenochka*... — Mikhail diz por trás de mim e entra.

— Papai! — a menina grita de alegria. Seus lábios se abrem em um sorriso enorme quando ela corre e pula nos braços de Mikhail.

Fico admirada enquanto ele a pega no colo e dá um beijo em sua bochecha e depois na testa, acariciando a nuca dela o tempo todo. Mikhail tem uma filha. Ainda estou processando esse fato quando ela dá um beijo no tapa-olho dele, rindo, e Mikhail sorri.

Não consigo parar de olhar, maravilhado com a transformação que estou testemunhando. Parece que uma pessoa completamente diferente tomou o lugar dele. E não é só o sorriso. A postura de seu corpo está diferente, relaxada. A maneira como ele a olha com tanto carinho... Este

homem não tem nada em comum com o indivíduo frio e controlado com quem me casei ontem.

Ainda com a menina no colo, Mikhail se vira para mim e nossos olhares se cruzam.

— Esta é Lena, minha filha.

Muitas perguntas passam pela minha cabeça. Por que ele não disse nada antes? Ela mora com ele? Onde está a mãe? Ela sabe quem eu sou? E se ela não gostar de mim? Em vez de perguntar qualquer coisa, eu sorrio e aceno.

— *Lenochka*, esta é a Bianca. Você lembra do que conversamos?

— Sim, a Bianca vai morar com a gente — diz a menina em sua voz mansa, depois olha para mim. — Você é muito bonita. Quer brincar? Tenho brinquedos novos. Papai, papai, posso mostrar meus brinquedos para a Bianca?

Ela diz tudo isso em um só fôlego, e não posso deixar de rir de sua fofura. Quero me aproximar e tocar sua mãozinha, mas não me parece apropriado. E não quero assustá-la, já que acabamos de nos conhecer. Espero que ela goste de mim. Eu adoro crianças.

— Mais tarde, *zayka*. Onde está a Sisi?

Uma mulher na casa dos sessenta anos sai do quarto de Lena, com uma pilha de roupas nos braços.

— Mikhail, não o ouvi chegar. Achei que...

Ela para no meio da frase quando me vê e arregala os olhos.

— Sisi, esta é minha esposa.

Por um momento, ela parece um pouco confusa, olhando de mim para Mikhail e de volta para mim, mas depois se recompõe.

— Ah, sim, é claro. Sra. Orlov, prazer em conhecê-la. — Ela pisca outra vez para mim e depois se volta para Mikhail. — O almoço está no forno. A Lena já comeu, então eu queria levá-la para brincar lá fora.

Mikhail assente, coloca a menina no chão e se agacha na frente dela.

— Sisi vai te levar ao parque. Vá pegar sua mochila.

— Tá bom.

Lena corre para o quarto e, poucos segundos depois, volta com uma pequena mochila rosa brilhante com orelhas de coelho.

Eu a observo enquanto ela abre um sapateiro perto da entrada, tira um par de tênis brancos e se senta no chão para calçá-los. Tenho um primo da idade dela, e ele não saberia colocar os sapatos sozinho nem se sua vida

dependesse disso. Quando termina, ela pega a mão de Sisi, acena para nós e elas saem.

Sinto um leve toque em minhas costas e me viro, encontrando Mikhail com uma mecha do meu cabelo entre os dedos.

— Vamos nos sentar e você pode fazer suas perguntas — ele diz e solta a mecha.

Ele me leva até a mesa da sala de jantar, desbloqueia seu celular e o desliza pela superfície de madeira em minha direção. Olho para ele e depois para o celular antes de pegá-lo e começar a digitar. Quando termino, deslizo o aparelho de volta para ele.

Ele olha para a tela.

— A mãe de Lena se foi — diz ele. — Lena não foi planejada. A mãe dela queria abortar. Eu disse que a mataria se ela fizesse isso, então, depois que deu à luz, ela a deixou comigo, pegou o dinheiro que lhe dei e foi embora. Há alguns meses, descobri que ela teve uma overdose de heroína.

Inspiro e olho fixamente para Mikhail. Ele criou Lena desde que ela era um bebê. Se tivesse me contado isso antes de vê-la com ele, eu nunca teria acreditado. Ele parece tão fechado e inacessível.

Ele olha de novo para o telefone e lê a próxima pergunta.

— Tentei explicar a situação para Lena, mas não tenho certeza do quanto ela entendeu. Ela sabe que você vai morar conosco de agora em diante. Ela se adapta bem. Não espero nenhum problema.

Seu olhar encontra o meu e ele me observa em silêncio por alguns instantes, e eu me pego olhando para seus olhos. É de um tom de azul incomum, como a água límpida do oceano.

— Isso será um problema para você? Eu ter uma filha?

Eu me inclino para trás e levanto as sobrancelhas para ele. Por que isso seria um problema? Acho que ele lê a resposta em meu rosto, pois assente e volta a olhar para o celular.

— A rotina diária da Lena? — ele pergunta e ergue a cabeça, surpreso.

Eu assinto.

— Ela acorda às sete. Sisi a leva para a creche e a traz de volta por volta das três. Elas almoçam e saem para passear ou ir ao parque. A Sisi geralmente sai por volta das cinco, mas ela vem tomar conta da Lena à

noite, quando tenho de trabalhar. Às vezes, quando as netas de Sisi ficam com ela, ela leva Lena para dormir na casa dela. Como na noite passada.

Ele coloca o telefone na mesa e acena com a cabeça para ele.

— Mais alguma pergunta?

Eu balanço a cabeça.

— Vamos comer então.

Meu estranho marido vai até a cozinha e começa a tirar os pratos do armário, e eu me levanto para ajudá-lo.

MIKHAIL

Observo Bianca enquanto ela pega os pratos e talheres, leva-os para a mesa e volta para buscar os copos. De forma inesperada, ela aceitou bem o fato de eu ter uma filha, especialmente porque eu a embosquei com a notícia em vez de avisá-la com antecedência. A verdade é que eu queria ver sua reação. Não é todo dia que uma pessoa é forçada a se casar com um estranho e descobre depois que seu novo cônjuge também é pai. Não faço ideia do que eu teria feito se Bianca dissesse que não gostava de crianças. Lena é a pessoa mais importante da minha vida e espero que as duas se deem bem.

Bianca se vira e pega a garrafa de água, esbarrando sem querer em mim, e eu fico paralisado por um segundo. É mais fácil quando sou eu quem inicia o contato. Eu me inclino para a esquerda, estendendo a mão como se fosse pegar a saladeira, e deixo o quadril dela roçar em mim. Nada.

Ela se vira e leva a água para a mesa, e eu a sigo com o olhar, reparando na forma como a calça se molda às suas pernas e à sua bunda definida. Imagens dela nua em minha cama, presa sob o meu corpo, de repente inundam minha mente. Fazia tanto tempo que eu não queria sentir o corpo nu de uma mulher junto ao meu, mas agora eu quero. E para alguém com problemas de contato físico, essa é uma percepção bastante perturbadora.

*

— Preciso que escreva seus planos para as próximas duas semanas — eu digo. — Se quiser ir a algum lugar, eu a levarei. Ou, se eu não estiver disponível, um dos meus homens irá com você.

Bianca levanta o olhar do prato e balança a cabeça.

— Isso não é negociável. Não sei quem estava por trás do tiroteio de ontem ou o que pretendiam. Por favor, não saia daqui sozinha. Posso confiar em você quanto a isso, Bianca?

Vejo em seu rosto que ela não gosta, mas ela assente e volta à sua refeição. Eu a observo discretamente, suas mãos, seus longos cabelos loiros. Droga, estou fascinado por esse cabelo dela. Ela o trançou antes do almoço, e agora ele cai sobre seu ombro até a frente. Sonhei em passar meus dedos por essas ondas loiras na noite passada.

A porta atrás de mim se abre e, no segundo seguinte, o som de pezinhos atravessando o apartamento chega até mim.

— Mãos, *Lenochka* — eu digo quando ela corre para a sala de jantar.

— Não estão sujas.

— Você deve lavar as mãos, *zayka*. Venha, diga tchau para a Sisi e vamos ao banheiro.

BIANCA

Não consigo parar de olhar para ele.

Fico impressionada com a maneira como Mikhail interage com sua filha. Ele nunca ignora as perguntas dela, por mais bobas que pareçam. Como ele é carinhoso com ela. Uma das tranças dela se soltou em algum momento desta tarde, e ela pediu que ele a arrumasse. Não consegui tirar os olhos de suas mãos enormes enquanto ele amarrava cuidadosamente o cabelo dela. Cada gesto é cheio de amor.

Eles entraram no quarto de Lena há algum tempo, depois que ela jantou, e agora, atraída pela porta que Mikhail deixou aberta, dou uma espiada. Ele está sentado na beirada da cama, segurando um livro com uma princesa na capa, enquanto Lena está deitada sob o cobertor. Ele está lendo uma história para ela. Como pode ser o mesmo homem que ainda esta manhã cravou um abridor de cartas na mão do meu pai como se não fosse nada?

— Bianca! — Lena grita quando me vê. — Venha aqui. O papai está lendo uma história.

Olho para Mikhail, esperando para ver o que ele vai dizer. Não quero me intrometer no tempo deles. Ele me observa por um instante, depois acena com a cabeça quando me sento no chão ao lado de suas pernas e encosto minhas costas na cama. Após um momento de silêncio, ele retoma a leitura. A história tem algo a ver com um cavalo perdido, mas não presto atenção no enredo porque estou concentrada em sua voz. Profunda. Um pouco rouca. Fecho os olhos e apenas ouço.

Sinto um leve toque em minha bochecha – presente em um momento e ausente no seguinte. Mantenho meus olhos fechados, fingindo que não notei. Passam-se alguns instantes e, então, sinto um puxão em meu cabelo quando ele retira o elástico que prende minha trança e os fios se soltam. A princípio, não acontece mais nada, e me pergunto se era só isso que ele planejava fazer. Então, seus dedos começam a pentear meu cabelo. Ele ainda está lendo, mas continua brincando com meu cabelo, e eu inclino a cabeça para trás em direção ao seu toque. E sua voz... parece uma carícia por si só. Percebi que ele tem sotaque. É sutil, mas está lá. Eu adoro.

Um dedo passa sobre o ponto sensível em minha nuca, e um leve estremecimento percorre meu corpo. A mão em meu cabelo se detém e depois desaparece. Não, não, não... Inclino a cabeça ainda mais para trás, esperando que ele entenda o recado. Ele entende. Faz algumas carícias lentas no meu cabelo e depois roça um dedo em minha têmpora. Não tenho certeza de quanto tempo se passou, mas quando Mikhail termina a história e tira a mão do meu cabelo, meu pescoço está rígido por ter mantido a cabeça em um ângulo não natural por tanto tempo. Devem ter se passado pelo menos vinte minutos.

— Tenho que terminar um trabalho — ele diz. — Estarei no meu escritório se precisar de alguma coisa.

Ele se levanta, ajeita o cobertor ao redor dos ombros de Lena e sai do quarto. Ele não é de falar muito, isso é certo.

Olho em volta. As paredes rosa-claro são cobertas com imagens de animais e personagens de desenhos animados e as cortinas de seda, bordadas com flores. No canto, há uma grande casa de bonecas e duas cestas enormes cheias de brinquedos. Levanto, vou até a cômoda em frente à cama e observo os porta-retratos que revestem sua superfície. Não há luz suficiente para ver os detalhes, mas há pelo menos dez deles, e Lena está em cada um. Ao lado, vejo uma caixa com laços de cabelo em um arco-íris de cores. Acho difícil imaginar Mikhail entrando em uma loja e comprando

cortinas cor-de-rosa que revestem a parede de um lado da cama ou as almofadas de babados, mas, de alguma forma, sei que foi ele quem as comprou. Esse meu marido é um enigma.

MIKHAIL

Estou abotoando o suéter de Lena quando ouço passos e, ao levantar a cabeça, vejo Bianca parada na porta. Ela olha em volta, vai até a cômoda para pegar a caixinha com os laços de cabelo de Lena e se vira para mim com uma pergunta nos olhos. Olho para a caixa em suas mãos e depois para o rosto dela. Bianca suspira, aponta para a caixinha, para si mesma e depois para Lena. Ela quer arrumar o cabelo da minha filha, e isso faz alguma coisa em meu peito se apertar.

— *Lenochka*, você quer que a Bianca arrume o seu cabelo hoje?

Lena levanta a cabeça e vibra.

— Sim! Quero muitas tranças, como a Noemi lá da creche. Bianca, Bianca, você sabe fazer muitas tranças? O papai só sabe fazer maria-chiquinha.

Bianca tenta não rir da tagarelice da minha filha, mas não consegue. Ela se senta na cama ao meu lado e faz sinal para que Lena suba em seu colo. Fico assistindo enquanto ela pega uma mecha e começa a fazer uma trança fina, depois passa para a seguinte. Ela repete o processo até fazer pelo menos quinze tranças. Isso leva um bom tempo porque Lena não para de se mexer um minuto sequer, girando e escolhendo diferentes laços. Bianca não a repreende nenhuma vez. Ela apenas sorri e balança a cabeça.

Assim que o penteado fica pronto, Lena pula do colo de Bianca e sai correndo do quarto, deixando nós dois sentados na cama, um ao lado do outro. Ouço Sisi de algum lugar na sala de estar elogiando as tranças de Lena enquanto minha filha continua a tagarelar, mas não me movo de onde estou. Vejo a mão de Bianca bem perto da minha e não consigo resistir à vontade absurda de tocá-la novamente.

Estendo a mão e a coloco sobre a dela.

— Obrigado pelas tranças. — Quando me viro, ela está me observando.

Nossos rostos estão a meros centímetros de distância, e eu me pergunto como uma criatura tão dolorosamente bela é capaz de me encarar sem recuar.

— Tenho que verificar algo em um dos armazéns, mas voltarei em algumas horas — digo. — Se quiser, pode convidar sua irmã para vir aqui, mas deixe os seguranças avisados. Basta enviar uma mensagem para eles. Deixarei os códigos de alarme e o cartão-chave reserva para você.

Bianca acena com a cabeça e sua mão começa a se mexer sob a minha, mas em vez de se afastar como eu esperava, ela vira a palma para cima e entrelaça seus dedos nos meus.

— Papai!

Olho para baixo, para nossas mãos unidas, e depois para o rosto de Bianca.

— Papai! Papai!

Sim, a Lena sempre aparece nas horas mais convenientes.

— Tenho que ir. — Levanto e deixo a mão de Bianca se soltar da minha. — Se precisar de alguma coisa, me mande uma mensagem.

Ela ergue o rosto, com seus olhos cor de uísque me observando com interesse. Eu poderia passar horas mergulhado neles.

— *Ok* — ela articula com os lábios e se levanta também. E, ao passar por mim, roça as costas da mão na minha.

BIANCA

— Uau. Simplesmente... uau. — Milene se vira no meio da sala de estar e vai até as janelas altas com vista para a cidade. — Essa vista é incrível.

Eu fico ao lado dela, olhando para os telhados e calçadas lá embaixo.

— Então... vocês dois, sabe?

— *O quê?*

— Vocês transaram?

— *Não.*

— Renata me contou que o marido dela a forçou a dormir com ele na mesma noite — diz ela. — O casamento deles também foi arranjado, mas o homem não se importou com o fato de serem basicamente estranhos.

Ele a machucou feio, Bianca. Eu estava com tanto medo que o mesmo acontecesse com você.

— *Ele me deu o quarto de hóspedes. E não tentou nada até agora.*

— Você quer que ele tente?

— *Quero.*

Milene me encara com os olhos arregalados.

— Está falando sério?

— *Por quê? Ele é meu marido. Eu me sinto atraída por ele.*

— Atraída por ele? Bianca, você é cega? Ele é...

— *Ele é o quê?*

— Ele é... ele tem um olho só, pelo amor de Deus, e você diz que gosta dele?

— *Sim, gosto. Você tem algum problema com isso?*

— Não, eu só... nossa. Você perguntou o que aconteceu? Na cara dele, quero dizer.

— *Não. Ele vai me contar quando achar conveniente. Eu não vou perguntar.*

— E isso não te incomoda? As cicatrizes? O tapa-olho?

— *Não. Acho Mikhail muito sexy.*

— Você perdeu o juízo.

— *Espere até vê-lo com a camiseta apertada que ele vestiu hoje de manhã. É uma delícia. Aposto que é ainda mais gostoso sem ela.*

— Meu Deus, você gosta mesmo dele. Como isso é possível? Quero dizer... olhe para você. Você poderia ter tido qualquer homem que quisesse. Você... você largou o Marcus, caramba.

— *Marcus é um idiota mimado.*

— Tudo bem, mas... — Ela para no meio da frase e olha por cima do meu ombro. — Aquilo é... é um quarto de criança. Por que tem um...

Seguro o braço dela para chamar sua atenção de volta para mim.

— *Mikhail tem uma filha.*

— O quê? Você sabia?

— *Não.*

— Certo, vou contar para o papai. Deve haver algo que ele possa fazer para anular o casamento.

— *Não se atreva.*

— Está falando sério? Você tem vinte e um anos e ele espera que você crie a filha dele!

— *Fale baixo. Ele nunca disse isso e, acredite, ele não precisa que eu crie a filha dele. Ele mesmo está fazendo isso muito bem. E eu gosto da Lena. Ela é uma menina ótima.*

— Bianca...

— *Como está nosso querido pai? Mikhail furou a mão dele com força. Espero que não esteja muito danificada.*

Milene olha para mim com horror nos olhos.

— Seu marido fez aquilo?

— *Ele me bateu de novo ontem quando fui buscar minhas coisas. Mikhail não gostou nada disso.* — Sorrio ao me lembrar da cara do meu pai encarando o abridor de cartas alojado em sua mão. — *Foi empolgante assistir àquilo.*

— Certo, já chega. Vou ligar para o psiquiatra da mamãe. Você precisa de ajuda profissional.

— *Não acho que eu precise.*

*

Faz horas que Milene foi para casa e Mikhail ainda não voltou. Ele mandou uma mensagem por volta das duas da tarde dizendo que Sisi levará Lena para dormir na casa dela. Ele provavelmente não quer deixar a filha com uma estranha, embora eu não me importasse de ficar com ela.

Já é quase meia-noite. Devo me preocupar ou isso é normal? Não tenho ideia de qual é exatamente o trabalho dele na Bratva.

Pego meu celular e abro a lista de contatos. Devo lhe enviar uma mensagem para perguntar se está tudo bem? Será que vai parecer besteira? É, provavelmente. Não quero que ele pense que estou investigando. Talvez eu possa perguntar algo inofensivo. Se ele responder, significa que está bem.

23:14 Bianca: Com relação aos meus planos. Preciso fazer compras amanhã. Além disso, aceitei uma oferta para dar uma aula na escola de balé local na quinta-feira da próxima semana. Começa às nove da manhã e devo terminar ao meio-dia.

23:22 Mikhail: Acho que não voltarei antes de amanhã à tarde. Vou mandar o Denis buscá-la às dez da manhã e levá-la ao shopping.

Leio a mensagem e sinto uma inesperada pontada de decepção. Pelo jeito, eu estava secretamente esperando vê-lo hoje à noite. Penso em guardar o telefone, mas mudo de ideia e escrevo outra mensagem.

23:26 Bianca: Posso usar a academia de vez em quando?

23:28 Mikhail: Claro. Costumo terminar meu treino às nove da manhã, então, depois disso, é sua. Só um pedido: não gosto de plateia quando estou malhando, então, por favor, espere até eu terminar.

Que pedido estranho. Tenho certeza de que eu adoraria ver o Mikhail malhar, mas respeitarei seus limites.

23:29 Bianca: Combinado.

Largo o telefone, apago a luz e me enfio no cobertor quando ouço o sinal de uma nova mensagem.

23:31 Mikhail: Posso levá-la para jantar na sexta-feira?

Um sorriso bobo se espalha pelo meu rosto. Eu me sinto como uma adolescente que acabou de ser convidada para o primeiro encontro.

23:32 Bianca: Sim, você pode.

MIKHAIL

Guardo meu celular, verifico o curativo em meu braço e me viro para o homem amarrado de braços e pernas abertas na parede.

— Agora, onde estávamos? — pergunto enquanto pego uma faca na mesa de metal. Confiro se está afiada, segurando-a contra a lâmpada, e então me coloco em frente ao homem. O estado dele é péssimo. Dizer que ele não ficou feliz quando Yuri e eu o emboscamos quando ele estava saindo da casa da namorada seria um eufemismo. — Ah, sim. Você ia me dizer quem lhe pagou para enviar um membro da sua gangue ao meu casamento e quem deixou o idiota entrar. Foi uma jogada bem estúpida.

O líder da gangue albanesa cospe no chão.

— É do tipo durão, hein? Ótimo. — Volto para a mesa, deixo a faca e pego uma tesoura de jardinagem. — Vamos começar com as orelhas, então, e ver aonde isso nos leva.

*

A porta atrás de mim se abre com um rangido, mas eu continuo sentado na cadeira, observando os filetes de sangue descendo pelos braços do albanês e então pingando em uma grande poça no chão. Há uma orelha cortada ao lado de seu pé direito e vários dentes espalhados.

— Conseguiu algo? — Yuri pergunta e coloca um copo de café para viagem na mesa.

— Alguém o contratou pela internet — eu digo. — Ele não chegou a conhecer a pessoa que encomendou o trabalho. Tudo foi acertado por telefone. O cliente transferiu vinte e cinco mil dólares antes do trabalho e mais vinte e cinco logo após a conclusão.

— Quem era o alvo?

— Ele não sabe. O atirador deveria se encontrar com o cliente antes do casamento para receber os detalhes. Foi o cliente que providenciou a entrada dele no hotel.

— Então não temos nada até agora. — Yuri vai até o líder da gangue e inclina a cabeça para o lado, inspecionando meu trabalho. — Ele está morto?

— Só desmaiado. — Pego o café, tomo um gole e faço uma careta. — Eu disse sem açúcar.

— Foi mal — ele murmura e cutuca o peito do albanês com o dedo. O homem se agita, solta um ruído estrangulado e depois desmaia de novo. — Sempre admirei como você consegue mantê-los vivos por tanto tempo.

— A prática leva à perfeição, Yuri.

— É. Espero morrer seu amigo. — Ele me olha por cima do ombro. — Você é um desgraçado assustador.

— Não me diga. — Recosto na cadeira e tomo outro gole de café. Está horrível. — O Anton já voltou?

— Sim. Pegamos outro cara da mesma gangue. Anton está com ele na caminhonete. Ele pode saber de alguma coisa. Quanto tempo você precisa para terminar com este?

Deixo o café de lado e pego a arma da mesa.

— Chega pra lá.

Yuri dá um passo para o lado. Eu miro e meto uma bala bem no meio da testa do albanês.

— Pronto. Feito. Pode trazer o próximo.

BIANCA

Denis abre a porta do carro para mim e se apressa para pegar minhas sacolas no banco de trás. Tento tirá-las dele, mas ele as afasta do meu alcance.

— Não. O chefe me mataria. — Ele balança a cabeça e começa a caminhar em direção ao prédio.

Olho para o alto e o sigo. São apenas alguns cosméticos e poucas peças de roupa, mas ele não me deixou tocar nas sacolas durante toda a manhã, insistindo em carregá-las. Denis é um cara legal, com cerca de vinte e cinco anos, e, pelo que ele disse, trabalha para Mikhail desde os dezoito. E ele fala sem parar. Já me deu a versão resumida de sua história de infância, que não foi nada legal, e depois um relatório sobre todas as garotas com quem saiu nos últimos seis meses. Pelo menos vinte delas. Depois disso, ele me deu uma aula rápida sobre como trocar um pneu furado. É evidente que ele não tem nenhum problema com o fato de eu não poder contribuir com a conversa, porque não parou de tagarelar por duas horas.

Quando chegamos ao último andar, Denis finalmente me entrega as malas e sai. Uso o cartão para entrar no apartamento e paro na soleira da porta.

— Pensei que uma ida às compras levasse horas — diz Mikhail, em frente à pia da cozinha, pressionando um pano ensanguentado no antebraço.

Deixo as sacolas no chão, corro em sua direção e vejo tudo o que ele tem sobre o balcão: spray antisséptico, creme antibiótico, ataduras e uma agulha com linha. Será que ele está planejando se costurar?

— Vá para o seu quarto. Chamarei quando eu terminar.

Eu o ignoro, abro a torneira e começo a esfregar o sabonete em minhas mãos.

— Bianca, vá para o quarto.

Há algo perigoso no tom de sua voz, como se ele estivesse bravo comigo por algum motivo, mas, por baixo, há algo mais. Não consigo

definir bem o que é.

Muito lentamente, eu me viro para ele e, sem quebrar o contato visual, coloco minha mão sobre a dele, que ainda está segurando o pano ensanguentado no braço. Ele me olha de cima a baixo, com os lábios contraídos, e seus olhos azuis me observam com tanta intensidade que tenho a impressão de que ele consegue enxergar minha alma.

Por fim, ele afrouxa a pressão no pano e o retira. Só então noto que ele está de camiseta, algo que nunca o vi usar antes. Olho para o antebraço dele e preciso de todo o meu autocontrole para não esboçar nenhuma reação. O ferimento em si não é tão ruim, com poucos centímetros de comprimento e não tão profundo. Parece um corte de faca. O que é realmente ruim é... todo o resto.

Há uma queimadura grave na região interna do antebraço, com uma faixa de pele irregular que vai do pulso até a parte interna do cotovelo na diagonal. Parece uma cicatriz antiga, assim como as outras. Linhas longas e finas cruzam seu braço em diferentes direções, provavelmente infligidas por uma faca. Deixo passar apenas um segundo para me recompor, depois pego um pacote de gaze esterilizada e o antisséptico e começo a limpar o corte.

— Vejo que você já fez isso antes — diz ele.

Sem tirar os olhos do ferimento, levanto quatro dedos, jogo a compressa ensanguentada na pia e pego uma nova. Angelo era um idiota na juventude, sempre se metendo em brigas, então adquiri bastante experiência em lidar com as consequências de suas atitudes.

Depois de repetir o processo de limpeza várias vezes, pego a agulha e procuro o spray anestésico em meio a tudo o que está no balcão, mas não o encontro. Olho para cima e encontro Mikhail me observando. Droga, como posso explicar? Faço o movimento do spray e aponto para o ferimento.

— Pode costurar sem o spray. Não vai precisar de mais do que dois pontos.

Ele não pode estar falando sério.

— Basta costurar. — Ele acena com a cabeça. — Eu tenho alta tolerância à dor.

Olho para o braço dele, examinando a infinidade de cicatrizes. Sim, é bem provável que ele tenha. Respiro fundo, aperto a pele de cada lado do corte e dou o primeiro ponto. Mikhail continua impassível quando a agulha

entra. É perturbador. Depois que termino, coloco uma compressa limpa sobre o corte e enfaixo seu antebraço.

Sinto um leve toque logo acima da maçã do rosto. Dura apenas um instante e, em seguida, ele afasta o dedo.

— Obrigado, *solnyshko* — diz ele e sai da cozinha.

*

Tiro a caçarola de carne do forno, coloco-a no balcão e olho para o quarto do Mikhail, onde ele entrou depois que fiz o curativo e não saiu mais. Deve estar dormindo. Onde ele passou a noite toda? Como conseguiu a facada? E o que aconteceu com seu braço antes para deixar aquelas cicatrizes? Quando se trata do meu marido, tenho uma longa lista de perguntas e zero respostas. Será que vai ser sempre assim?

Lena entra correndo e rindo pela porta da frente, com Sisi logo atrás. Ela vai acabar acordando o Mikhail. Pego meu celular no balcão, vou até ela, que está sentada no chão tirando os sapatos, e me agacho. Pego sua mão e ela olha para cima, sorrindo.

— Bianca, Bianca, fiz um desenho novo. Quer ver?

Coloco o dedo sobre meus lábios e aponto para o quarto de Mikhail. Quando ela olha de volta para mim, junto as palmas das mãos em minha bochecha para mostrar uma pose de sono.

— Está com sono, Bianca?

Suspiro. Vai ser difícil me comunicar com uma criança sem poder falar, e ela ainda é muito pequena para ler. Pego meu celular do chão, escrevo uma mensagem e entrego para Sisi, que está ao meu lado acompanhando minha interação com Lena. Ela olha para a tela e assente, com surpresa visível em seu rosto.

— O papai está dormindo, Lena. Precisamos ficar quietas.

— Tá bom — Lena sussurra.

— Bianca fez o almoço. Ela disse que se você ficar quietinha e comer tudo, vai ensinar balé para você.

— Sim! Sim, Bianca. Vou ficar quietinha. Sério que você sabe balé?

Eu sorrio e aceno com a cabeça, depois coloco meu dedo nos lábios novamente.

— Venha, Lena. — Sisi pega sua mão. — Vamos nos trocar para não sujar esse vestido lindo com comida.

Enquanto Sisi ajuda Lena a se trocar, eu ponho a mesa para nós três e arrumo a bagunça que deixei na cozinha enquanto preparava o almoço. Sisi volta com Lena alguns minutos depois e nos sentamos para comer. Durante a refeição, tivemos que lembrar Lena pelo menos mais cinco vezes para ficar quieta. Observo Sisi com Lena, e elas parecem se dar excepcionalmente bem. Uma pergunta me vem à mente, então pego meu telefone, digito e mostro para Sisi.

— Trabalho para Mikhail desde que Lena era bebê — ela responde. — Ele me contratou quando Lena veio morar aqui. Ela tinha duas semanas de vida.

Meus olhos se arregalam. Como Mikhail conseguiu cuidar sozinho de um bebê tão pequeno? Sisi não poderia estar disponível 24 horas por dia, sete dias por semana. Digito outra pergunta e passo para ela.

— Sim, foi difícil. Mas Lena era um bebê ótimo, quase não chorava, e eu vinha todos os dias, mas mesmo assim... — Ela suspira. — Não sei como ele conseguiu. Durante os primeiros meses, ele quase não dormia, mas depois que Lena começou a dormir a noite toda, ficou mais fácil. Eu me ofereci para levá-la para a creche durante o dia e ficar comigo durante a noite, mas ele recusou. Levei uma semana para convencê-lo quando ela tinha dois anos. Ele a ama demais.

Sim. Qualquer um pode ver o quanto Mikhail adora a filha. Especialmente eu, que fui criada por pais como os meus.

— Bianca, Bianca, você pode me mostrar o balé agora? — pergunta Lena, balançando as pernas na cadeira.

Eu a ajudo a descer e, pegando sua mão, levo-a até o meu quarto.

— Tem certeza que não quer que eu fique? — pergunta Sisi, mas eu apenas balanço a cabeça e levanto o polegar. Encontrarei uma maneira de entreter Lena até Mikhail acordar.

MIKHAIL

Pego meu celular na mesa de cabeceira e vejo a hora. Quase seis da tarde. Que merda. Parece que estou ficando velho demais para trabalhar duas noites seguidas. Sisi provavelmente já foi embora, o que significa que Bianca está cuidando de Lena. Minha filha é uma boa criança, mas dá trabalho.

Depois de uma ducha rápida, saio do meu quarto esperando encontrar as duas assistindo à TV ou algo assim, mas não há ninguém na sala de estar ou em qualquer outro lugar. A porta do quarto de Lena está fechada e há o fraco som de uma música infantil vindo dele. Abro um pouco a porta e minha mão congela na maçaneta. De costas, Bianca está de pé no meio do quarto, com os braços levantados. Ela está com uma daquelas saias brancas fluidas sobre os jeans e sapatilhas de balé. Ao lado dela, Lena está em uma posição semelhante, na ponta dos pés e usando uma das saias de dança mais curtas de Bianca. Chega quase aos pés de Lena.

Bianca abaixa uma das mãos, ajuda Lena a endireitar a coluna e começa a se movimentar lentamente até me ver na porta. O sorriso dela para mim é como um raio de sol na pele gelada.

— Papai, papai, eu sou uma bailarina. Está vendo?

Olho para Lena, que está girando nas pontas dos pés.

— Estou sim, *zayka*.

— Quero sapatilhas iguais da Bianca. Por favor? Bianca, diga ao papai que preciso delas. Eu tenho a saia, mas preciso das sapatilhas.

Pego Lena no colo e dou um beijo em sua cabeça.

— Vamos comprar as sapatilhas, *Lenochka* — eu digo e olho para Bianca, que está sentada na cama, tirando os chinelos. — Desculpe. Caí no sono.

Ela inclina a cabeça para o lado, olhando para mim, depois se levanta e vem em minha direção. Deixando os chinelos sobre a cômoda de Lena, pega a bainha da minha manga esquerda e começa a dobrá-la cuidadosamente. Quando a manga está no meu cotovelo, ela inspeciona o curativo. Não há sangue, mas molhei no banho. Bianca solta meu braço, estreita os olhos para mim e vai para a cozinha.

— Papai, podemos assistir à Elsa na TV grande? Podemos, papai?

— Claro, *zayka*.

Levo Lena para a sala de estar, coloco o filme e me sento no sofá ao lado dela. Deve ser a centésima vez que vejo esse filme, mas Lena adora. Ouço o som de pés descalços no chão, então Bianca vem e se senta na mesa de centro à minha frente, segurando a caixa com compressas e bandagens que guardo embaixo da pia. Ela coloca a caixa na mesa ao seu lado e examina meu antebraço com atenção até que eu o estenda. Ela retira a gaze e o curativo molhados, depois limpa o corte com cuidado e coloca uma

bandagem nova. Espero que ela se retire quando terminar. Em vez disso, ela se senta ao meu lado, enrola as pernas e se concentra no filme.

6

BIANCA

Denis abre a porta do carro para mim e pega minhas sacolas no banco de trás.

Leio a receita no meu celular, verificando os ingredientes na bancada. Há farinha e açúcar no armário, mas faltam as passas e as amêndoas. Também preciso de mais chocolate.

Ontem, Lena disse que uma de suas amigas levou biscoitos para a turma da creche. Falou sobre eles por vinte minutos, descrevendo os diferentes formatos e sabores. Ela perguntou ao Mikhail se ele poderia fazer biscoitos para ela levar para a aula também. A cara que ele fez não teve preço. Imaginei meu marido todo grandão fazendo biscoitos e quase não consegui ficar séria enquanto ele explicava a Lena que não cozinha bem. Eu também não sou lá muito boa cozinheira. Faço um ou outro prato decente e alguns doces, mas nada épico. A maior parte do meu tempo na infância era reservada para o balé, mas quando eu tinha uma ou duas horas livres, adorava ir para a cozinha e ajudar nossa cozinheira. Nunca tentei fazer biscoitos, mas não deve ser tão difícil. Pego meu celular e envio uma mensagem para Mikhail.

14:17 Bianca: Preciso dar uma saída. Volto em vinte minutos.

Um minuto depois, a porta do escritório de Mikhail se abre. Ele sai, vai até a cozinha e dá uma olhada em tudo que coloquei no balcão. Seu olhar passa pela panela que forrei com papel manteiga, uma tigela com chocolate ralado e uma panela pequena com um pedaço de manteiga que deixei para derreter.

— Você está fazendo biscoitos para a Lena — ele diz e olha para mim. Não consigo avaliar sua expressão, mas ele parece confuso.

Dou de ombros, digito no celular e viro a tela para ele.

Não tenha muitas esperanças. É a primeira vez que faço isso, então não sei se vai ficar comestível.

Ele coloca o dedo no meu queixo e levanta minha cabeça, com seus olhos azuis sobre mim. Eu me pego focada em seus lábios. Duros e comprimidos. Será que continuariam assim se eu o beijasse?

— Eu levo você — ele diz e solta meu queixo.

Meus olhos o seguem enquanto ele pega as chaves e a carteira. Ele me lembra uma pantera – grande e aparentemente relaxada –, mas tenho a sensação de que, por baixo de toda essa compostura e calma, existe uma fera.

*

A loja perto do apartamento é minúscula, mas consigo encontrar tudo que preciso, além de um pequeno conjunto de moldes de biscoitos em diversos formatos e decorações comestíveis coloridas. Mikhail me segue em silêncio, sempre um passo atrás. Quando paro no corredor de frutas e começo a colocar maçãs e bananas na cesta, ele tenta pegá-la da minha mão e nossos dedos se tocam. Lentamente, solto a alça, mas me certifico de roçar a mão em seus dedos antes de continuar procurando as frutas.

Mikhail paga pelas compras e carrega as sacolas até o apartamento. Depois que as deixa no balcão da cozinha, espero que ele volte ao trabalho. Em vez disso, ele se recosta contra o armário, cruzando os braços, e me observa lavar as mãos. Posso sentir seu olhar em mim durante todo o tempo em que preparo a massa. Cada vez que o vejo pelo canto do olho, preciso reler a receita. É difícil me concentrar, sabendo que ele está ali, me observando, mas não é porque estou nervosa. É porque estou gostando.

Depois que termino a massa, eu a divido em duas, coloco metade na bancada, a outra um pouco à direita e me viro para Mikhail. Aponto o dedo para a segunda metade da massa, depois para ele e levanto uma sobancelha. Ele inclina a cabeça para o lado, olhando para mim, e acho que o canto de seus lábios se curva ligeiramente para cima. Sem quebrar o contato visual, ele vem até o meu lado. Uma sensação de calma me invade quando ele está perto, o que considero bastante incomum. Não me sinto à vontade com pessoas que não conheço direito. É difícil para mim me comunicar com elas, e geralmente acabamos em um silêncio constrangedor. Mikhail parece não se importar que eu não possa falar, decerto porque ele também não é falante, e o silêncio entre nós não é nada desconfortável. Muito pelo contrário.

Quebro o contato visual e começo a trabalhar a massa à minha frente, imaginando o que ele fará. Mikhail me observa por um minuto ou mais, depois coloca as mãos em seu pedaço de massa e copia meus movimentos. Ele tem mãos lindas. Grandes, fortes, com dedos longos. É impossível não imaginar qual é a sensação dessas mãos em mim.

Gargalhadas irrompem da porta da frente quando ela se abre.

— Papai, papai, o que você está fazendo? — Lena vem correndo até nós enquanto Sisi fecha a porta. — Posso? Posso?

— Primeiro as mãos, Lena — diz Mikhail e aponta com a cabeça para o banheiro. — Depois você pode vir fazer biscoitos.

Lena ri e corre para o banheiro. Sisi fica na soleira da porta, com os olhos arregalados ao ver Mikhail com a mão na massa. Tenho certeza que ele é uma visão interessante, tão grande e durão, com seu tapa-olho e sua camisa preta justa sobre os ombros largos. Especialmente com um grão de farinha no queixo. Levanto a mão, com a intenção de limpá-lo, mas no momento em que meus dedos tocam sua pele, seu corpo fica imóvel. Ele parece concentrado em suas mãos enterradas na massa. Tiro um pouco da farinha de seu queixo com o polegar e rapidamente afasto a mão. Será que ultrapassei algum limite?

— Papai, papai! — Lena volta correndo. — Pronto! Posso fazer também, por favor?

— Pode, *zayka*.

Mikhail vai até a mesa da sala de jantar e volta com uma cadeira. Colocando-a junto ao balcão, ajuda Lena a subir e coloca a massa na frente dela.

— Vou fazer um bolo. Com chocolate. — Ela sorri e olha para mim. — Você gosta de chocolate? Papai não gosta de chocolate, mas ele vai comer se eu fizer. Eu adoro chocolate, mas papai diz que faz mal para os meus dentes.

Aceno com a cabeça, sorrindo. Ela passa as mãos no vestido e pega a tigela.

— Ah, eu me sujei de farinha. — Ela olha para Mikhail. — Será que vai sair?

— Vai sim, *Lenochka*. Não se preocupe.

— Tem farinha no seu rosto, papai. — Lena dá uma risadinha e começa a brincar com a massa.

Mikhail volta seu olhar para mim, observa minha mão sobre a massa e inclina a cabeça para o lado, oferecendo-me seu queixo. Lentamente, demorando um pouco mais do que o necessário, tiro os restos da farinha com as costas da mão.

MIKHAIL

Os dois caras sentados na cafeteria estão olhando para Bianca há quase um minuto. Fecho os punhos e respiro fundo. Se conseguirmos passar por essa viagem às compras sem que eu mate alguém, ficarei agradavelmente surpreso.

Lena está me importunando com as sapatilhas de balé há dias, e por fim cedi e a trouxe ao shopping. Chamei Bianca para vir junto porque não tenho a menor ideia de onde comprar essas sapatilhas... e porque quero passar mais tempo com ela.

Péssima decisão.

Bianca é uma mulher excepcionalmente bonita, portanto, é de se esperar que isso aconteça. Eu poderia tolerar que um homem olhasse para ela de vez em quando. Talvez. O que eu não esperava era que todos os homens do shopping ficassem de olho nela, ou o quanto cada um desses olhares me deixaria furioso.

Viro a cabeça para a direita e observo minha esposa agachada em frente a uma vitrine, mostrando vestidos de verão para Lena. Bianca está com um jeans skinny e uma camiseta branca sem mangas amarrada no pescoço. Os saltos brancos que ela usa sem dúvida deixam suas pernas incríveis, mas, ainda assim, não é nada provocante. Tento imaginar como esses caras agiriam se ela estivesse de minissaia, e quase surto. É melhor nem pensar.

Seu cabelo está solto e, com ela agachada assim, suas tranças quase alcançam o chão. Lena diz alguma coisa e aponta para um dos vestidos. Bianca inclina a cabeça e todo o seu cabelo desliza para o lado, e algumas mechas acabam tocando os ladrilhos do piso. Eu me inclino e pego seu cabelo com a mão esquerda, levantando-o do chão. Bianca olha para mim e depois para minha mão segurando os fios sedosos. Ela dá um sorrisinho e volta a apontar os vestidos para Lena.

— O vermelho! Papai, podemos comprar o vermelho?

Olho para minha filha e suspiro.

— Você tem mais de vinte vestidos, *Lenochka*.

— Por favor! Só este, por favor, papai? Bianca gostou dele. Bianca, você gostou?

Bianca ri daquele jeito silencioso dela e assente, olhando para mim por cima do ombro. Mulheres. Roupas nunca são suficientes.

— Está bem, mas só esse.

Entramos na loja e navegamos entre as prateleiras. No caminho, Bianca tira o que parece ser todos os vestidos disponíveis no tamanho de Lena. Ela deixa a pilha de pelo menos dez peças em um banco, coloca Lena na frente de um espelho e segura o primeiro vestido na frente dela. É o vermelho que Lena gostou, e minha filha dá um gritinho de alegria. Bianca olha para mim e eu aceno com a cabeça. Ela pega o próximo, um verde escuro com detalhes em preto, e coloca o cabide sob o queixo de Lena. Elas fazem contato visual no espelho, e Bianca olha para ela com uma cara engraçada de nojo. Lena ri e a imita.

Elas continuam o processo com cada vestido, divertindo-se à beça. Eu gosto de observá-las. Depois que terminam, Bianca se vira para mim e segura não um, mas quatro vestidos, com um olhar de cachorrinho triste. É claro que acabamos comprando os quatro.

Quando saímos da loja, Lena corre até um grande aquário em uma vitrine do outro lado. Bianca e eu nos afastamos alguns passos. De repente, noto um homem vindo em nossa direção – vinte e poucos anos, terno de negócios, parece estar com pressa –, mas no momento em que ele vê Bianca, seu passo fica mais lento. Suas sobancelhas se erguem ligeiramente enquanto ele a examina.

As vias neurais do meu cérebro devem ter se rompido e se reorganizado, porque é nesse instante que eu decido que já chega. Minhas neuras com contato físico podem ir à merda. Pego a mão de Bianca, a puxo para o meu lado e a envolvo com meu braço. Não é perto o suficiente. Ela não está perto o suficiente. Aperto mais o braço ao redor dela e colo suas costas ao meu corpo. A pressão em meu peito diminui. Agora sim. Não preciso de um psiquiatra para interpretar minhas ações. Quando um homem já perdeu tudo o que lhe era caro, é normal que ele fique meio perturbado e com medo que aconteça de novo.

O cara pomposo arregala os olhos ao se deparar com meu olhar assassino. Sim, filho da puta. Ela é minha. Ele engole em seco, vira para a

direita e entra na primeira loja que vê. Muito melhor. Olho para Bianca e a encontro me observando com surpresa, e me pergunto se devo explicar meu comportamento. Então, o canto de seus lábios se ergue e, como se nada de estranho tivesse acontecido, ela volta a olhar para Lena, que segue um peixe com o dedo.

BIANCA

Não sei o que foi, mas aconteceu alguma coisa com Mikhail. Desde que nos conhecemos, ele tem se mostrado distante, evitando praticamente qualquer tipo de contato físico. Exceto por alguns toques superficiais e por me ajudar a entrar no carro, ele raramente iniciava contato. Até comecei a me perguntar se havia algo errado. Talvez ele tenha decidido compensar os últimos dias, pois não soltou minha mão nas últimas duas horas. Compramos as sapatilhas de balé para Lena e visitamos mais algumas lojas no caminho. Em um determinado momento, Lena reclamou que estava cansada, então Mikhail a pegou no colo. Ele não soltou a minha mão nem por um segundo enquanto a carregava, e meus ovários quase explodiram quando olhei de relance e o vi segurando Lena de forma tão natural.

— Precisamos de algo mais? — ele pergunta quando saímos da livraria que visitamos para comprar um livro infantil para Lena.

Ele vira a cabeça e olha para mim e, por um momento, eu me pergunto por quê. Então, percebo que estou em seu lado cego e que ele provavelmente não poderia ver minha resposta de outra forma. Balanço a cabeça.

— Ótimo. Pedirei para a Sisi cuidar de Lena esta noite. Vou te levar para jantar. Tudo bem?

Eu sorrio e aceno com a cabeça. Sim, está mais do que bem.

*

Será que é demais?

Viro de lado e me olho no espelho. O vestido é longo, com uma fenda na lateral e um decote modesto. No entanto, é vermelho. Talvez eu deva escolher outro.

A voz de Mikhail vem do outro lado da porta.

— Você está pronta?

Parece que, afinal, vai ser o vermelho.

Abro a porta e encontro Mikhail parado ali. Pelo modo que está me olhando, ele gosta do que vê, e isso provoca uma vibração em mim. Viro para pegar o casaco que deixei na cama, mas Mikhail o tira de minhas mãos e o estende para mim. Sempre um cavalheiro, esse meu marido sombrio. Tento tirar meus cabelos de debaixo do casaco, mas ele se antecipa, deslizando as mãos na base do meu pescoço e levantando-os com todo o cuidado.

— Você me deixa sem ar — ele sussurra no meu ouvido.

Arrepios percorrem minha espinha quando ele pega minha mão e me conduz para fora do apartamento.

Chegamos ao restaurante e, enquanto seguimos o maître até uma mesa no canto, as pessoas ficam nos encarando. Elas tentam ser discretas, mas se concentram no tapa-olho e nas cicatrizes de Mikhail e, em seguida, olham para nossas mãos unidas, com a surpresa estampada em seus rostos. Parece que Mikhail não percebe, ou talvez finja que não percebe. Detesto isso e também finjo que não percebi seus olhares frios ou sussurros abafados.

Quando sentamos, pego o cardápio, mas é tudo em francês. Eu poderia escolher algo aleatório, mas correria o risco de comer caramujos ou algo tão nojento quanto. Em vez disso, largo o cardápio, coloco minha cadeira ao lado da de Mikhail e olho para o cardápio que ele está segurando. Também está em francês, mas presumo que ele saiba ler, já que nos trouxe até aqui.

Mikhail olha para mim, coloca o braço no encosto da minha cadeira e começa a listar os pratos para mim. Não sou exigente, então pego meu celular e digito.

Você escolhe, mas nada de caramujos ou coisas do gênero.

Em seguida, deixo o celular na mesa em frente a ele.

Enquanto esperamos pela comida, o garçom nos traz o vinho, colocando as taças do lado direito dos nossos pratos. Quando ele sai, Mikhail pega sua taça e a move para a esquerda.

Pego a minha, toco de leve na parte inferior do antebraço dele e olho para cima.

— Está tudo bem — diz ele. — Quase curado.

Eu digito novamente.

Nunca perguntei o que aconteceu.

Mostro a tela e aponto para o antebraço dele.

— Localizamos o atirador em uma gangue albanesa e pegamos o líder para interrogá-lo. Ele resistiu.

Vocês descobriram alguma coisa?

— Não, mas descobriremos. É só uma questão de tempo.

Eu me pergunto o que ele fará com quem ordenou o tiroteio e qual é o trabalho de Mikhail na Bratva, mas, por outro lado, não sei se realmente quero saber.

Logo depois, o garçom traz nossa comida. Não faço ideia do que seja. Tem gosto de carne de porco com molho de cogumelos e é de dar água na boca. O prato de Mikhail também parece carne de porco, cortada em fatias pequenas e com tempero forte. O cheiro é incrível. Eu me inclino para mais perto, espeto um pedaço de carne com o garfo e enfio na boca.

— Gostou? — Há um sorriso quase invisível em seus lábios, como se ele estivesse se divertindo comigo roubando sua comida.

Ele deveria sorrir mais. Espeto um pedaço de carne do meu prato e levo o garfo em sua direção, imaginando o que ele fará. Mikhail olha para o garfo, depois para mim e se inclina para frente, aceitando a oferta.

— Perfeição absoluta — diz ele, olhando para mim, e acho que ele não está falando da comida.

Por um momento, me pergunto se ele vai me beijar. A maneira como ele encara meus lábios faz meu corpo vibrar de excitação, mas então ele desvia o olhar. Será que estou fazendo algo errado? Sei que ele se sente atraído por mim. Vejo como me olha quando acha que não estou olhando, como se quisesse queimar as roupas do meu corpo com um simples olhar.

O que está se passando nessa sua cabeça, Mikhail?

MIKHAIL

Dimitri liga na terça-feira à tarde para me dizer que chegamos a outro beco sem saída com os albaneses, o que só piora o mau humor que tenho tido há dias. Levanto da minha mesa e vou até a janela com vista para a calçada lá embaixo.

Depois que Sisi veio buscar Lena para uma festa do pijama, Bianca foi para a academia, levando suas sapatilhas de balé e seu telefone. Poucos minutos depois, o som de uma suave melodia clássica chegou ao meu escritório. Isso foi há quatro horas. Tentei ignorar e trabalhar, mas não consigo me concentrar em outra coisa com a imagem dela dançando constantemente em minha cabeça.

Também tenho tentado evitá-la nos últimos dois dias, porque toda vez que a vejo, tenho uma vontade louca de agarrá-la, arrastá-la para o meu quarto e fodê-la sem parar. Antes de me casar com ela, eu transava regularmente. Cada uma de minhas parceiras conhecia minhas regras, sendo a principal delas não tocar. Mas Bianca... eu quero tocá-la em todos os lugares.

Não sei se Bianca estaria disposta a isso. Ela pareceu tão chocada quando viu meu braço. Durou apenas uma fração de segundo e, se eu não estivesse prestando atenção, não teria percebido, pois ela logo se recompôs. Meu peito e minhas costas estão em um estado muito pior do que meus braços, e não tenho ideia de como ela vai reagir ao vê-los. Mais cedo ou mais tarde, ela me verá sem camisa. Talvez eu devesse começar a usar camisetas na frente dela, deixá-la ver melhor meus braços para que possa se preparar um pouco. Levanto minha camiseta até o peito, observando a pele com cicatrizes e tentando imaginar que é ela quem está olhando. Não, nada pode prepará-la para isso.

Por pior que seja, meu olho direito é bem pior. Isso ela nunca verá.

A música que vem da academia muda para uma balada de rock lenta, e não consigo ignorar o desejo de vê-la dançar mais um segundo. Na

porta da academia, tomo o cuidado de ser o mais silencioso possível ao abri-la e depois me encosto no batente para observá-la. Ela está de leggings pretas e uma blusa grande demais que cai de um ombro só. Seu cabelo está amontoado no alto em um nó bagunçado. Está com os pés descalços, as sapatilhas de balé descartadas num canto, deslizando pela sala com passos e saltos complicados. Ela termina em uma bela pirueta.

Espero que ela se vire, mas, por longos minutos, fica parada, olhando para a parede à sua frente com as mãos na lombar. Quando finalmente se vira, há lágrimas caindo de seus olhos vermelhos. Ela estremece quando me vê, depois desvia o olhar e vai em direção às sapatilhas. Ela treme a cada dois passos, com a mão direita ainda pressionada na região lombar. É então que eu me dou conta. A razão pela qual seu papel nos espetáculos diminuiu nos últimos meses. Por que ela decidiu deixar a trupe. Lembro que o pôster dizia que era seu último. Pensei que fosse para a temporada. Mas não era.

Preciso dar passos largos para alcançá-la e tomá-la em meus braços. Ela não resiste, apenas enlaça meu pescoço e deita a cabeça em meu ombro, ainda me encarando. As lágrimas continuam a cair, mas a expressão em seu rosto é estranhamente vazia. Se não fossem as lágrimas e os olhos vermelhos, ninguém saberia que está chorando. Eu a levo para a sala de estar e me sento no sofá, segurando-a junto ao meu peito. É estranho o quanto gosto de ter seu corpo colado ao meu. Pego o cobertor dobrado ao lado e a cubro, colocando-o em volta de seu queixo e pernas. Ela é tão pequena aconchegada em mim como um gatinho.

Não sei quanto tempo ficamos assim. Provavelmente por quase uma hora, porque a noite começa a cair e o quarto fica mais escuro. Ela está tão quieta, e começo a me perguntar se adormeceu, mas então sua mão se mexe, traçando linhas em meu peito. No começo, acho que são movimentos aleatórios, mas depois percebo a repetição. Ela está desenhando letras com o dedo, e levo alguns instantes para entender. Não é tão difícil, são apenas duas palavras curtas, mas ainda espero que ela repita mais algumas vezes para ter certeza de ter entendido corretamente.

BIANCA

Percebo o momento exato em que Mikhail se dá conta do que estou desenhando em seu peito, porque seu corpo fica tenso. Por via das dúvidas, traço as letras mais uma vez.

M-E B-E-I-J-E

A princípio, ele não faz nada, mas depois sinto seu dedo acariciar minha bochecha. Coloco a mão em volta de seu pescoço e me sento, montando nele. Na escuridão, vejo apenas o contorno de seu rosto. A noite caiu lá fora, e nenhuma das lâmpadas do quarto está acesa. Há luz suficiente entrando pela janela para que eu veja sua cabeça se inclinar e, no momento seguinte, seus lábios colidem com os meus.

Não é um beijo leve ou moderado, mas incisivo. Suas mãos envolvem meu rosto. A pele de suas palmas é dura e calejada, mas a maneira como ele me segura, como se eu fosse algo precioso, é de partir o coração. Enterro meus dedos em seus cabelos e me deixo devorar por seus lábios pecaminosos enquanto um fogo de desejo me consome. Ele desce os beijos pelo meu queixo e eu me aconchego nele, sentindo sua rigidez pressionar meu ventre, arrancando de mim uma respiração curta e rápida. Tiro minha blusa e tento abrir o sutiã, mas minhas mãos tremem demais, então o deslizo pela cabeça.

— Tem certeza, Bianca? — Mikhail sussurra no meu ouvido, depois deposita um beijo no meu pescoço.

Ele está louco? Estive imaginando isso durante dias. Coloco a boca em seu queixo e mordo de leve.

É como se até agora ele estivesse se contendo, esperando minha confirmação. Ele se levanta do sofá comigo em seus braços e me carrega para o seu quarto. Enquanto isso, faço o possível para desabotoar sua camisa. Consigo abrir os dois primeiros botões, mas há pelo menos mais cinco, e não consigo me concentrar em abrir todos eles. Em vez disso, enfio as mãos na abertura, agarro as laterais da camisa e puxo com toda a minha força. O tecido se rasga. Os botões se soltam e caem no chão.

Mikhail me deita na cama, tira minhas leggings e calcinhas e começa a desabotoar suas calças. Bem devagar. Preciso dele dentro de mim agora ou vou enlouquecer. Eu me levanto e, no momento em que ele tira a calça, pulo de volta em seus braços e enrosco minhas pernas em sua cintura.

Nunca fui tão ousada com um homem antes. Marcus disse uma vez que eu deveria procurar aconselhamento por ser fria e pouco afetuosa. Ele tinha razão. Eu nunca tinha gostado muito de sexo com ele ou com outros.

Durante anos, achei que havia algum problema sério comigo, pois nenhum dos meus parceiros conseguia me excitar. Como o sexo é necessário para um relacionamento, eu simplesmente aceitava porque era esperado e fingia o orgasmo.

Frígida. Eu achava que era frígida. Aparentemente não, porque estou tão molhada que, se pudesse pensar de forma racional, ficaria envergonhada.

Segurando-me por baixo das coxas, Mikhail se vira e pressiona minhas costas contra a parede. Ele está dizendo algo em russo e, embora eu não entenda uma palavra, só de ouvir sua voz áspera em meu ouvido, minhas entranhas se derretem. Meu Deus, quero tanto senti-lo dentro de mim que meu corpo inteiro está tremendo.

— Minha pequena bailarina — ele diz enquanto beija meu pescoço. — Seria bem mais fácil se você não fosse tão linda.

Mikhail se ajeita e me abaixa lentamente sobre seu pau. Ainda nem chegou à metade e já estou tendo espasmos em torno de seu longo comprimento. Quando ele se enterra por completo, ofego e meu corpo estremece. A sensação de seu pau duro dentro de mim e a parede áspera contra minhas costas me deixam à beira de um orgasmo enquanto ele me estica da melhor maneira possível.

Ele sussurra palavras estrangeiras, mas sedutoras, em meu ouvido, com suas mãos grandes apertando minhas nádegas. Seus lábios beijam o ponto sensível na lateral do meu pescoço quando ele finalmente começa a se movimentar. A cada investida, ele se posiciona mais dentro de mim, atingindo um ponto que nenhum homem jamais atingiu antes. Lento no início e depois mais rápido. Enterro as unhas em sua pele à medida que suas estocadas se intensificam, e sinto meu corpo começar a formigar com o orgasmo iminente. É uma loucura. Intoxicante. A destruição absoluta do meu corpo e da minha mente. Ele mete como se estivesse possuído, cada golpe de seus quadris contra os meus jogando minhas costas contra a parede, roubando meu fôlego. Eu gozo, e Mikhail vem logo atrás de mim.

Estou tão exausta que não consigo reunir forças para soltar meus braços de seu pescoço, então apenas encosto meu rosto na curva de seu pescoço e deixo que ele me carregue até a cama. As últimas coisas de que me lembro antes de pegar no sono são palavras baixinhas e um beijo suave em meus cabelos.

MIKHAIL

Trago Bianca para mais perto de mim, maravilhado com a sensação de finalmente tê-la em meus braços, e contemplo seu rosto iluminado pelo luar. Traço o contorno de sua sobrancelha com um dedo, depois o nariz pequeno e os lábios carnudos. Ela é tão linda que chega a doer. Parece um sacrilégio que esteja presa a alguém como eu, ou que minhas mãos manchadas de sangue a toquem. Mãos que mataram e mutilaram tanta gente. Ela merece coisa melhor. Uma casa com cerquinha e uma vida despreocupada com um homem normal. Um homem honesto que não precisaria mentir para ela ou esconder as coisas ruins que faz quando vai “trabalhar”. Um homem que nunca voltaria para casa coberto de sangue.

Ela merece ir a um restaurante sem ser encarada enquanto as pessoas cochicham sobre como ela está com alguém como eu. Eu me acostumei com os olhares e os sussurros há anos. Eles não me incomodam em nada. Mas não gosto que Bianca seja alvo de fofocas. Se eu fosse um homem melhor, eu a mandaria embora, anularia o casamento e a libertaria. Mas acho que sou um homem ruim, pois não pretendo deixá-la ir.

Como vou dizer a ela que escondi o fato de que sei linguagem de sinais? Que, em vez de facilitar a situação dela, só a dificultei mais? Como posso explicar meu egoísmo? Ela vai me odiar por isso?

Não vou mentir para mim mesmo pensando que Bianca se sente atraída por mim; não sou iludido. Esta noite ela não estava em um bom momento. Vulnerável, provavelmente solitária e desejando contato humano. E eu era o único aqui. De manhã, ela provavelmente vai se arrepender do que aconteceu entre nós, então vou aproveitar esses momentos roubados. Terá que ser o suficiente. Deito minha cabeça no travesseiro atrás da dela, enterro meu rosto em seu cabelo e a abraço ainda mais forte.

BIANCA

O quarto em que acordo parece vagamente familiar. Sento na cama e olho em volta. É o quarto de Mikhail. Eu, na cama de Mikhail. Sorrio e caio de volta nos travesseiros. Meu Deus, só de pensar na noite passada me dá vontade de sair correndo, encontrar Mikhail e arrastá-lo de volta para a cama.

O relógio na mesa de cabeceira mostra sete da manhã. Onde ele está? Será que me deixou aqui e foi malhar, como faz todas as manhãs? Não se faz isso depois de dar a uma mulher o melhor sexo de sua vida. Cadê a conchinha? O banho juntos? A segunda rodada?

Levanto, vou até o armário e roubo outra camiseta de Mikhail. Se bem me lembro, a governanta virá fazer uma faxina caprichada hoje, e não quero incomodá-la se ela chegar cedo. Quando saio do quarto, não há ninguém à vista. Nenhuma governanta e nenhum rastro do meu marido. Vou para o quarto de hóspedes tomar uma ducha e lavar o cabelo, depois desço para a cozinha e preparo um café.

Navego pelo celular enquanto bebo o elixir escuro e vejo três mensagens, uma de Milene e duas de Angelo, todas da noite passada.

21:12 Milene: O que você vai comprar para a Nonna? Por favor, me diga que não é outro chapéu.

Que droga. Com tudo o que aconteceu, esqueci completamente do aniversário da Nonna Giulia.

Começo a digitar uma mensagem para Mikhail.

07:29 Bianca: Esqueci que minha avó vai fazer 96 anos no domingo. Preciso comprar um presente para ela.

Abro as mensagens de Angelo em seguida.

23:44 Angelo: PAPAI DEIXOU QUE CASASSEM VOCÊ COM MIKHAIL ORLOV?!

23:45 Angelo: Não brinque comigo, Bianca! Não tem graça.

Parece que Angelo conhece Mikhail e não é fã dele.

07:31 Bianca: Não estou brincando. Como você conhece meu marido?

A porta da academia se abre e Mikhail sai. Por que ele está usando camisa de manga comprida de novo? Ninguém em sã consciência usa camisa de manga comprida em junho, e tenho certeza de que ele tem pelo menos vinte camisetas, menos as duas que roubei. Ele entra na cozinha e vai até a geladeira sem sequer olhar para mim.

— A Sisi vai chegar por volta das três com a Lena, então, se precisar de alguma coisa, mande uma lista para ela comprar no caminho. — Ele pega uma garrafa de água, fecha a geladeira e se dirige ao seu quarto. — Podemos comprar o presente para sua avó na sexta-feira, se você quiser. — Ele olha para mim por cima do ombro.

É sério? Nenhum beijo de bom dia ou algo do tipo? Bem, que se dane ele e seu jeito reservado. Não quero mais fazer esse jogo de quente e frio. Ele quer fingir que nada aconteceu? Sem problema. Eu posso fazer o mesmo.

Aceno com a cabeça e volto minha atenção para o celular.

*

— Mas eu quero que a Bianca venha também.

Largo a caixa com os temperos que estou organizando e olho para Lena. Ela está parada na porta com Mikhail agachado na frente dela e fechando o zíper do casaco.

— Bianca, Bianca, venha com a gente. Se você se comportar, o papai vai comprar um donut para você. Ele sempre compra um para mim se eu me comportar bem no parque.

Mikhail me observa por alguns segundos e, quando não faço nenhum movimento, ele se volta para Lena.

— Outra hora, *Lenochka*. Bianca está ocupada.

Sim, Bianca está ocupada com a arrumação de uma cozinha já impecável, tentando se distrair de todas as explicações possíveis para o comportamento estranho do marido. Suspiro, pego meu celular e envio uma mensagem para Mikhail.

17:13 Bianca: Não tenho um casaco. A maioria das minhas roupas de frio está na casa do meu pai.

Não pensei que a temperatura fosse cair tanto. A maior parte das caixas que Denis trouxe de minha casa tinha vestidos, roupas de verão e as

peças de palco que eu não quis deixar para trás. Só tenho aqui comigo o meu casaco elegante e planejava pedir a Milene que arrumasse o resto das roupas no meu armário.

O celular de Mikhail toca. Ele o tira do bolso da calça jeans, olha para a tela e começa a digitar. Meu telefone vibra um segundo depois. Sério? Eu bufo. Estamos a menos de três metros de distância e ele me manda uma mensagem de volta?

17:14 Mikhail: Você pode pegar emprestado um dos meus agasalhos.

Levanto os olhos e aceno com a cabeça. Enquanto ele vai para o quarto, coloco as especiarias de volta na gaveta e vou até a porta para calçar meus tênis. Lena está pulando à minha volta tagarelando sobre donuts quando sinto a mão de Mikhail na minha lombar e me viro. Ele está segurando um capuz cinza dobrado na outra mão. Parece que ele tem algo além de roupas pretas.

Coloco o capuz e dou uma olhada em mim mesma. A batinha quase chega aos meus joelhos. As mangas têm pelo menos o comprimento de outra mão para além das pontas dos meus dedos. Olho para cima e vejo Mikhail me observando. Ele está se esforçando muito para manter a expressão séria, mas seus lábios estão bem apertados. Ele cruza os braços, coloca o punho sobre a boca, balança a cabeça e depois começa a rir. A risada é intensa e rouca, e não consigo tirar os olhos dele. Ele é tão bonito quando ri.

— Estenda os braços — ele diz.

Faço o que me pede e ele arregança as mangas para mim, primeiro a esquerda e depois a direita. Ele continua sorrindo, e eu quero beijá-lo novamente.

— Bianca, você fica engraçada com as roupas do papai. — Lena dá uma risadinha.

Vou até o espelho ao lado esquerdo da porta e dou uma olhada em meu reflexo. Fico ainda mais cômica com as mangas enroladas três vezes. Mikhail está atrás de mim e nossos olhos se fixam no espelho. Ele não está mais sorrindo, apenas aprecia nossos reflexos por alguns segundos antes de se afastar de repente.

— Quer passar em uma loja primeiro? Para comprar algo do seu tamanho? — ele pergunta sem olhar para mim e abre a porta.

Penso um pouco sobre isso. Será que estou parecendo uma idiota? Provavelmente. Se eu me importo? Não. Viro, pego a mão de Lena e vou em direção ao elevador. Espero que não seja seu moletom favorito, porque vou ficar com ele.

MIKHAIL

Fiz alguma besteira e não tenho certeza do que foi. Bianca está brava comigo desde esta manhã por motivos que não consigo entender. Passei o dia todo tentando descobrir o que fiz de errado e ainda não tenho a menor ideia. No entanto, parece que o pior já passou, pois quando peguei sua mão ao sairmos do prédio, ela não se afastou. Em compensação, ela me deu um olhar incisivo com os olhos estreitados.

Sentado no banco à beira do playground, observo Bianca perseguir Lena na caixa de areia. Elas estão brincando há uma hora. Primeiro no escorregador e depois na casinha das crianças, onde Lena preparou um almoço de faz-de-conta com folhas e pedras. Bianca fingiu comê-las. Minha esposa parece ainda mais jovem com meu moletom grande demais e, por um momento, sinto uma pontada de culpa. E se Roman estivesse certo? Talvez eu devesse ter deixado Kostya ficar com ela. Ele tem a idade mais próxima da dela, então ela provavelmente teria mais coisas para conversar com ele do que comigo. E eu não falo muito. Os dois teriam sido mais adequados como um casal.

Não consigo parar de pensar no instante antes de sairmos de casa, quando fiquei atrás dela e vi nossos reflexos no espelho. Bianca, mesmo com aquele capuz ridiculamente grande, parecia tão bonita e sofisticada. E então lá estava eu, pairando sobre ela como um monstro horrendo. Eu sabia que éramos uma má combinação, mas até aquele momento não tinha percebido o quanto.

— Papai, papai! — Lena grita e balança a mão para mim. — Venha, papai!

Eu me levanto e vou em direção à caixa de areia.

— O que foi, *Lenochka*?

— Você é o lobo agora, papai. Você que vai perseguir. Eu e a Bianca vamos fugir. — Ela dá uma risadinha e corre para o outro lado do playground.

Eu me viro para Bianca, que está a alguns passos de distância, me encarando com uma pergunta nos olhos. Dou alguns passos até estar na frente dela, me inclino e sussurro em seu ouvido.

— Corra, minha ovelhinha.

Ela inclina a cabeça, abre um sorriso malicioso, dá meia-volta e corre para Lena, que está escondida atrás do escorregador. Dou os primeiros passos na direção delas e, quando Lena me vê chegando, ela grita e corre para a esquerda, dando risada. Corro atrás dela. Demoro menos de dez segundos para alcançá-la, e ela grita de alegria quando a pego pela cintura. Dou um beijo em sua bochecha, depois a seguro sob meu braço esquerdo e me viro para Bianca.

Há uma expressão presunçosa em seu rosto, mas se transforma em surpresa quando corro em sua direção com Lena rindo loucamente debaixo do meu braço.

— Mais rápido, papai!

Bianca corre em direção à casinha do outro lado, e ela é bastante rápida. No entanto, eu sou mais e tenho passos mais largos. Eu a alcanço a alguns metros da casinha, agarro-a pela cintura com meu braço livre e a puxo contra mim. Ela está gargalhando. Não consigo ouvir, mas sinto o movimento de seu peito sob meu braço. Eu a levanto do chão e carrego as duas até a pequena cafeteria em frente ao parque.

BIANCA

Ainda estou rindo quando as portas duplas se abrem e Mikhail nos leva para dentro da cafeteria. Algumas pessoas ao redor olham surpresas para nós. Um casal de idosos perto da janela sorri e volta para suas bebidas e lanches. Do outro lado, uma mulher de meia-idade sentada com outra senhora olha para o rosto de Mikhail sem disfarçar, depois cutuca a amiga com o cotovelo e aponta a cabeça em nossa direção. Tem gente muito corajosa mesmo.

Mikhail me solta e, pegando minha mão, caminha em direção ao caixa.

— Café preto? — ele pergunta, e eu assinto. Ele se lembrou de como gosto do meu café.

— Papai, preciso fazer xixi — sussurra Lena.

— Só um segundo, *Lenochka*.

Mikhail pede um café para mim e um suco de laranja para Lena, diz que é para viagem e depois me entrega a carteira.

— Tenho que levar Lena ao banheiro.

Segurando a carteira dele, aponto para mim mesma, oferecendo-me para levar Lena, mas Mikhail balança a cabeça.

— Pode deixar. Eu a levo — diz ele e guia Lena até o banheiro.

Tiro notas suficientes para o valor indicado na caixa registradora e encontro o cara do outro lado me observando enquanto serve o café. Ele olha de relance para o banheiro, para onde Mikhail foi com Lena, depois volta para mim e sorri. Eu não retribuo.

— Seu pai é um cara assustador — diz ele.

Reviro os olhos. É sério? Mikhail pode parecer ter mais de trinta e um anos à primeira vista por causa do tapa-olho e das cicatrizes, mas é evidente que ele não pode ser meu pai.

— Acha que ele me deixaria te levar ao cinema? — O barista se debruça no balcão e dá uma piscadinha.

Esse moleque está falando sério? Não deve ter nem dezessete anos, se tanto. Idiota. Coloco o dinheiro no balcão e me viro no momento em que Mikhail e Lena saem do banheiro. Eu o observo, notando como o jeans preto lhe serve perfeitamente e como o suéter também preto se molda ao peito e à barriga duros como rocha, e me lembro de como me senti ao ser imobilizada contra a parede por seu corpo magnífico na noite passada.

— Pronta para ir? — Mikhail pergunta quando chega ao meu lado.

Eu sorrio, pego o suco de Lena no balcão e entrego a ela com o canudo. Em seguida, coloco a mão no peito de Mikhail e, agarrando um punhado de tecido entre os dedos, puxo o suéter dele. Seu rosto é inexpressivo, mas percebo uma leve confusão em seus olhos quando ele se abaixa. Quando seu rosto para alguns centímetros acima do meu, fico na ponta dos pés e encosto meus lábios nos dele.

Era para ser um beijo rápido, mas basta sentir sua boca na minha para que toda a razão desapareça. Quando dou por mim, estou agarrando a nuca de Mikhail enquanto ele me aperta contra seu corpo. Meus pés estão pendurados acima do chão e estamos nos beijando como se não houvesse amanhã.

— Que nojo! — Ouço Lena exclamar e meus olhos se abrem.

Um olho impossivelmente azul está me fitando com tanta intensidade que, por um instante, parece difícil respirar. Não me lembro de ninguém ter me olhado dessa forma, nunca.

— *Ty luch solntsa v pasmurnyy den'*, Bianca — ele diz em meus lábios, me beija uma vez mais e me abaixa lentamente até o chão.

Parece que acabei de correr uma maratona, porque meu coração está batendo como louco. Respiro fundo e me viro para pegar meu café no balcão. O barista está me encarando com os olhos arregalados.

— Tire os olhos da minha esposa, moleque — diz Mikhail atrás de mim.

O rapaz pisca, olha para Mikhail e dá um passo para trás.

— Papai, podemos comprar donuts agora? Podemos, papai?

— Claro, *zayka*. — Mikhail pega Lena no colo, segura minha mão e nos conduz até a saída.

MIKHAIL

Meu telefone começa a tocar assim que entramos no apartamento.

— Lave as mãos, *Lenochka*. — Aponto para o saco de papel com o donut que ela está segurando no peito. — E o jantar primeiro. Você pode comer o donut depois. Está bem?

— Tá bom, papai!

Pego o celular, olho para a tela e me viro para a Bianca.

— É o Roman. Você pode ajudar a Lena? Tenho que atender.

Ela acena com a cabeça, passa a mão no meu antebraço e corre para o banheiro. Ainda acho difícil processar o quanto gosto que ela me toque.

— Pakhan? — digo ao telefone.

— Preciso que você verifique o Sergei — ele diz. — Ele não atende as ligações desde a manhã de hoje e tem uma reunião com os homens de Mendoza esta noite. Se ele não estiver em condições de ir, preciso que você vá no lugar dele.

— Estarei lá em uma hora.

Deixo o telefone de lado e vou para o banheiro, onde Bianca está ajudando Lena a secar as mãos.

— Tenho que ir. — Estendo a mão e tiro uma mecha de cabelo de sua bochecha. — Vou pedir para a Sisi vir cuidar da Lena. Não sei quanto

tempo vai demorar.

Bianca olha para mim, balança a cabeça, aponta para seu peito e depois para Lena.

— Tem certeza?

Ela assente e pega a mão de Lena.

— *Lenochka*. — Eu me inclino e passo o polegar em seu queixo. — Papai precisa trabalhar. Bianca vai ficar com você, está bem?

— Tá bom, papai. — Ela sorri e se vira para Bianca. — Bianca, podemos fazer uma festa do pijama. Por favor?

— Primeiro o jantar, *zayka*. E seja boazinha.

— Sim, papai. — Ela pega a mão de Bianca e começa a puxá-la. — Vamos, Bianca. Primeiro o jantar, depois o donut, depois a festa do pijama.

Bianca deixa Lena levá-la até a cozinha. Eu as sigo com o olhar e depois vou para o meu quarto trocar de roupa para o caso de ter que ir à reunião mais tarde.

Antes de sair, faço um pequeno desvio para a cozinha, onde as meninas estão sentadas no balcão preparando sanduíches.

— Obedeça à Bianca — digo a Lena e dou um beijo em sua cabeça.

Quando olho para cima, vejo Bianca me observando. Meu Deus, quero tanto esmagar minha boca na dela, mas não me atrevo. Não faço ideia do que aconteceu na cafeteria para que ela me beijasse, e não quero pressioná-la. Não deve ser fácil para ela, então, em vez disso, apenas passo o dedo em sua bochecha.

— Mande mensagem se tiver algum problema com a Lena — eu digo e me viro para sair.

Na porta, dou uma olhada para trás e vejo Bianca me observando com os olhos apertados. Posso estar enganado, mas parece que ela está brava comigo novamente.

Quando estou ligando o carro e me perguntando o que vou encontrar na casa de Sergei, ouço o toque do meu celular com uma mensagem recebida.

19:31 Bianca: Você não comeu.

Fico olhando para a mensagem. Não comi. E ela percebeu.

19:32 Mikhail: Comerei algo no caminho.

19:32 Bianca: Vamos deixar um sanduíche para você na geladeira. Só para garantir.

19:33 Mikhail: Obrigado.

Deixo o telefone no painel e saio da garagem. Em algum ponto do caminho, ouço outra mensagem chegar, mas não a abro até estacionar em frente à casa de Sergei. Quando abro, fico sentado ao volante por cinco minutos olhando para a mensagem.

19:52 Bianca: De agora em diante, espero um beijo de despedida também. Por favor, não se esqueça disso, Mikhail.

BIANCA

Depois do jantar e de um banho, coloco Lena na cama e a cubro com seu cobertor florido.

— Bianca, Bianca, posso ouvir uma história? Por favor, Bianca.

Pego meu celular, procuro o canal de histórias infantis e me deito na cama com ela. Meu Deus, ela se parece tanto com Mikhail que me pergunto se herdou alguma característica da mãe. Talvez seu nariz, que é minúsculo. Ajeito melhor o cobertor.

Ela se vira para mim.

— O papai gosta de você.

Eu sorrio e faço carinho em sua bochecha. Não tem como ela saber isso. Nem mesmo eu tenho certeza do que pensar sobre o comportamento de Mikhail.

— O papai beijou você. E segurou sua mão. Acho que o papai gosta muito, muito de você, Bianca. O papai não gosta de tocar nas pessoas.

Minha mão congela na bochecha de Lena e meu corpo inteiro fica imóvel.

— Eu também gosto de você, Bianca. Você gosta de mim?

Acaricio sua bochecha novamente e aceno com a cabeça.

— Bianca, por que você não consegue falar? Você machucou a boca? O papai machucou o olho. A Noemi diz que meu pai tem um olho só, mas é mentira. Ele tem dois olhos. Eu perguntei e ele mostrou. A Noemi diz que meu pai é feio. O papai é feio, Bianca?

Minha respiração fica presa. Seguro o rosto de Lena com ambas as mãos, balanço a cabeça e mexo a boca:

— Não.

— O papai diz que ele é feio. Eu perguntei. Mas você é tão bonita, Bianca. Você parece uma princesa. Eu gosto do seu cabelo. Meu cabelo vai

ser cumprido como o seu?

Lena começa a me contar o que aconteceu na creche outro dia, algo sobre um caminhão de brinquedo que um dos meninos quebrou, fazendo o outro menino chorar, mas é difícil me concentrar. Houve uma frase que Mikhail disse ontem à noite. Na hora, ela me passou despercebida porque eu estava absorvida por seus beijos. Algo sobre como seria mais fácil se eu não fosse tão bonita.

Ah, meu Deus. Fecho os olhos e balanço a cabeça. As mangas compridas, a distância que ele tem mantido, todos aqueles sinais de quente e frio... As coisas fazem muito mais sentido agora.

MIKHAIL

— Sergei! — Bato na porta com a mão aberta pela terceira vez. — Se você não abrir, vou arrombar.

O alarme toca e a fechadura faz um clique. Agarro a maçaneta, abro a porta e entro.

— Não se atreva a atirar! — grito para a sala vazia. — E controle essa sua fera.

— Você não pode quebrar uma porta reforçada que custa mais do que um carro, otário. — Ouço a voz de Sergei vir da cozinha e me dirijo para lá, mas paro na soleira da porta.

Sergei está sentado à mesa no meio da cozinha, com um rifle de precisão desmontado à sua frente, polindo uma de suas partes e assobiando. Toda a superfície da mesa de seis lugares está repleta de armas de vários tipos. Pistolas, facas, rifles automáticos e semiautomáticos e sabe Deus o que mais.

Mais adiante, em um cobertor dobrado ao lado da parede, está um cachorro preto do tamanho de um bezerro. Ele me observa por um tempo, depois olha para Sergei e volta a dormir.

Tiro o celular do bolso e ligo para Roman.

— Quando e onde será a reunião com os mexicanos? — pergunto assim que ele atende.

— Eles estarão em Ural por volta das onze.

Olho para o relógio. Oito e meia.

— Provavelmente serei eu a ir à reunião. Avise o Pavel.

— Que droga! Como ele está?

— Acabei de chegar. Ligo para você mais tarde. — Desligo e me sento em frente a Sergei.

— O Pakhan enviou você? — ele pergunta sem olhar para mim e continua a polir a peça do rifle.

— Sim. Você não atendia o telefone. Ele ficou preocupado. — Aceno com a cabeça para a mesa.

— Está fazendo o inventário?

— Mais ou menos. Não consigo dormir. — Ele coloca a peça polida em uma caixa a seus pés, que contém o restante das peças do rifle, e a fecha.

— Desde quando?

— Parei de contar. Três dias. Talvez quatro.

— Jesus, Sergei. — Balanço a cabeça. — Você tem se alimentado?

— É, acho que sim. Tenho alguns enlatados na despensa.

Eu me viro, procurando por seu mordomo-jardineiro-cozinheiro de setenta anos.

— Cadê o Felix?

— Mande Albert para um hotel por uma semana.

Desde que conheço Sergei, ele nunca chamou Felix pelo nome verdadeiro. É sempre Albert. Não faço ideia de qual é a relação entre os dois, mas Felix mora em um pequeno apartamento em cima da garagem desde que Sergei comprou a casa e entrou para a Bratva, há quatro anos.

— Por que fez isso?

— Ele estava me dando nos nervos. Fiquei com medo de matá-lo por acidente. — Ele bufa, pega a arma mais próxima e começa a desmontá-la.

— Não acha melhor procurar um psiquiatra?

Ele olha para mim, se recosta na cadeira e cruza os braços.

— Para esse negócio de psiquiatra funcionar, Mikhail, é preciso realmente conversar com o cara sobre o que te incomoda. Para a maioria das coisas que me incomodam, eu assinei documentos dizendo que ficaria de boca fechada ou acabaria na cadeia. Ou pior.

A parte mais perigosa de Sergei é que, na maioria das vezes, ele não parece nem um pouco louco. Seus olhos são lúcidos, seus movimentos são controlados, sua voz é firme e, para quem o observa de fora, ele parece uma pessoa perfeitamente equilibrada. Até que ele começa a matar pessoas.

Mesmo agora, se não fossem as armas espalhadas na mesa, a única coisa que alguém veria seria um cara asseado de vinte e poucos anos. Descontraído. Apenas conversando como se nada o incomodasse.

— E os remédios para dormir? — pergunto.

— Acha que não tentei? — Ele suspira e volta a limpar a arma. — Não funciona. Porra nenhuma funciona.

— Já pensou em desistir? Deixar a Bratva e ir para alguma ilha deserta ou algo assim?

— Sim, mas não serviria para mim. Sem trabalho, eu provavelmente enlouqueceria.

E que Deus salve a todos nós se isso acontecer. Se Sergei surtar, terá de ser abatido como um cão raivoso.

— Que tal trocar com o Pavel? Você poderia ficar com os tacos. Menos estresse.

Ele me encara e começa a gargalhar.

— Você consegue imaginar nosso polido Pavel negociando com o Mendoza? Não me entenda mal, o Pavel faz um ótimo trabalho com os clubes, mas o Mendoza o comeria vivo. Perderíamos milhões.

Provavelmente perderíamos. Ainda acho difícil de entender, mas Sergei é excepcionalmente bom no que faz. Parece que, para fazer bons negócios com gente desequilibrada, você precisa ter seu próprio lunático que fale o tipo de loucura deles.

— E quanto à reunião com os homens dele esta noite? — pergunto. — Você dá conta ou é melhor eu ir?

Ele olha para mim e sorri.

— Você odeia reuniões.

— É, mas são ordens do Pakhan. — Dou de ombros. — E aí?

— Seria melhor se você fosse. Não tenho certeza de quanta porcaria meu cérebro privado de sono pode suportar agora. Roman não gosta da minha maneira de demonstrar descontentamento.

— Como tentar decepar a mão de Shevchenko quando ele pediu condições melhores?

— O que ele pediu foi um roubo. — Ele se abaixa sob a mesa, retira uma grande caixa de metal de aparência pesada e a coloca sobre a mesa. — Sabe o que fazem com os ladrões em alguns países? Cortam suas mãos. Eu gosto dessa prática.

Por que não estou surpreso? Olho para o relógio.

— Então é melhor eu ir.

Sergei acena com a cabeça.

— Não deixe os caras te enganarem. Já definimos as taxas e quantidades para este trimestre, vou lhe enviar uma mensagem com os números.

— Certo. — Eu me levanto. — Me ligue se precisar de alguma coisa. E, por favor, atenda as ligações do Roman.

— Claro. — Ele dá de ombros, abre a caixa e tira algo parecido com um mini lança-granadas.

— Você não tem um tanque escondido na garagem, tem?

— Um tanque? Por que diabos eu teria um tanque na garagem?

— Por nada. Só curiosidade.

— Se você precisar de um tanque, posso pedir ao Luca. Ele tem as melhores coisas.

— Luca Rossi? — Eu olho para ele. — Se Roman descobrir que você está comprando armas dos italianos, não vai acabar bem. Você sabe que combinamos exclusividade na compra de armas com a Dushku.

— Posso comprar minhas armas pessoais de quem eu quiser, Mikhail. — Ele sorri. — Mas seria melhor que Roman não descobrisse. Ele provavelmente teria um ataque, você sabe como meu irmão é dramático.

Balanço a cabeça.

— Ligue se precisar de alguma coisa.

— Pode deixar. Me avise se mudar de ideia sobre o tanque.

Quando volto para o carro, ligo para Sisi, depois para Denis e, em seguida, envio uma mensagem para Bianca.

21:19 Mikhail: Não sei quando voltarei, provavelmente de manhã. A Sisi chegará cedo para ajudar a Lena a se arrumar para a creche. O Denis vai levar você para a aula de balé depois de deixá-las. Estarei à sua espera quando terminar. Basta me enviar o endereço por mensagem.

Depois disso, ligo para Roman para informá-lo sobre Sergei, coloco o telefone no painel, ligo o carro e xingo. A única coisa que odeio mais do que negociações comerciais com nossos fornecedores são os clubes.

BIANCA

Quando saio da escola por volta do meio-dia, Mikhail já está me esperando ao lado de seu monstruoso SUV. Apoiado no capô com os braços cruzados na frente do peito, parece malvado e sexy em seu traje todo preto e óculos de aviador. Sua postura casual diz que ele não está nem aí para nada, mas não me engana. Ele tem consciência de tudo o que acontece à sua volta. Percebi como ele examina os arredores sempre que chega a algum lugar, avaliando todas as possíveis ameaças nas proximidades. É como se ele estivesse o tempo todo esperando que alguém saia do nada e comece a atirar.

— Como foi a aula? — ele pergunta quando me aproximo.

Não pretendo comentar que a aula foi boa ou que me pediram para voltar na próxima semana. Mikhail me deve algo que pedi, e eu pretendo cobrar. Paro na frente dele e o encaro com os olhos estreitados.

— Há algo errado, Bianca?

Balanço a cabeça. Com certeza há. Levanto a mão e curvo o dedo, pedindo que ele se abaixe. Mikhail abaixa a cabeça. Gostaria que ele não estivesse de óculos escuros, pois, mesmo sem eles, é difícil compreendê-lo. Foco meu olhar em seus lábios, ainda a poucos centímetros dos meus, e os vejo se curvarem ligeiramente para cima. Ele segura meu queixo e, no momento seguinte, encosta a boca na minha.

Não é um beijo suave, mas um beijo cru e faminto. Ele é sempre tão controlado, mas as poucas vezes em que sua compostura se perdeu me fizeram imaginar o que se esconde no fundo. Mal posso esperar para que as rédeas de seu controle se rompam por completo.

Ele solta meu queixo, mas não se afasta.

— E agora? Ainda há algo errado?

Eu sorrio e balanço a cabeça. Ele está aprendendo. Coloco a mão em seu rosto, mas quando meus dedos tocam a pele de sua bochecha, ele levanta a cabeça abruptamente e se afasta.

— Temos que ir se quisermos evitar o trânsito — ele diz e abre a porta do carro para mim.

Estamos no meio do caminho quando Mikhail pega o celular e liga para alguém. Ele fala russo novamente, e as únicas palavras que consigo identificar são “Ford Explorer”. A pessoa do outro lado da linha diz alguma coisa e Mikhail desliga.

— Vamos fazer um pequeno desvio — diz ele.

Mantemos um ritmo constante, dirigindo por cerca de vinte minutos. Em pouco tempo, deixamos para trás a agitação do trânsito urbano, e há menos prédios às margens da rodovia. Estamos indo para algum lugar fora da cidade. De repente, Mikhail pisa fundo no acelerador. Agarro a maçaneta e me seguro como se minha vida dependesse disso. O velocímetro começa a subir rapidamente, chegando a quase 160 quilômetros por hora. Mikhail olha pelo retrovisor e faz uma curva acentuada à direita, entrando em uma estradinha estreita de terra. Olho para trás e vejo o Ford Explorer preto fazendo a mesma curva e acelerando atrás de nós. Mikhail continua dirigindo, mantendo a distância por mais vinte minutos, depois vira em outra estrada de terra que leva a uma fábrica à distância. O telefone dele toca uma vez e depois para.

— Pegue meu celular — diz ele. — Mande uma mensagem para Denis. É o número para o qual acabei de ligar.

Pego o aparelho, encontro a chamada no registro e abro uma janela de mensagem.

— Escreva: “Preciso de um deles vivo”.

Fico tensa, meus dedos congelam sobre o teclado por um segundo, depois digito a mensagem e envio.

— Agora escute com atenção — diz ele, olhando novamente pelo retrovisor. — Vou estacionar em frente à fábrica. Você se tranca, fica abaixada e não sai do carro. Não importa o que aconteça. Entendeu?

Aceno com a cabeça e tento controlar o pânico que começa a invadir meu peito.

— Se as coisas derem errado, você pega o carro e dá o fora. Vá para o centro da cidade, estacione em um lugar movimentado e espere. Alguém virá buscá-la o mais rápido possível. O carro tem rastreamento por GPS.

E deixá-lo aqui no meio do nada? Ele pirou? Como ele vai voltar?

— Entende o que estou dizendo, *solnyshko*?

Eu não planejo deixá-lo aqui, mas não é a melhor hora para ter essa discussão, então aceno em concordância.

— Ótimo.

Mikhail para o carro em frente à entrada da fábrica. Ele tira os óculos e puxa uma arma de debaixo do assento.

— Tranque as portas.

Ele sai e fecha a porta, e então desaparece.

MIKHAIL

Invado a fábrica abandonada, engatilho minha arma e fico perto de uma janela quebrada, o que me dá uma visão clara da estrada e do portão de entrada. O veículo que nos seguia passa correndo pelo portão um segundo depois e para a uns cinco metros do meu carro. Ninguém sai por alguns minutos. Provavelmente estão pensando no que fazer. Por fim, uma das portas traseiras se abre e um homem sai, empunhando uma arma. Ele aponta para a janela traseira do meu carro e atira. O vidro não quebra, então ele tenta mais três vezes.

É blindado, seu idiota.

Dou uma olhada rápida para o portão. Onde Denis se meteu? Se eu começar a atirar, eles podem fugir e nós os perderemos.

A outra porta traseira se abre e um homem careca de quarenta e poucos anos sai com uma espingarda. Que droga! Não tenho certeza de quantos tiros o vidro aguenta, mas não pretendo arriscar a vida de Bianca. Miro na cabeça dele, exposta acima da porta do carro, e disparo. A cabeça dele dá um solavanco para trás e ele cai no chão no momento em que mato o segundo homem. Há alguns segundos de silêncio, então as duas portas da frente se abrem. Eu me agacho antes do motorista e outro cara abrirem fogo em minha direção.

Estilhaços da janela começam a chover sobre mim. Um pedaço maior afunda em minhas costas, perto do ombro. Consigo puxá-lo, mas corto minha mão.

Quando ouço o rugido de um motor, por um segundo acho que Denis finalmente chegou. Mas está muito próximo. Logo em seguida, há um estranho som de colisão e o tiroteio cessa. Olho pela janela e balanço a cabeça. Minha sofisticada esposa acabou de atingir o veículo do inimigo.

Saio correndo do prédio e vou em direção aos atiradores, que estão no chão. As portas do veículo devem ter sido abertas quando Bianca os atingiu. O motorista, mais ou menos ileso, tenta alcançar sua arma a alguns metros. Dou um tiro em sua cabeça antes que ele consiga, recolho a arma e dou a volta no carro. O último sujeito está agachado, vomitando. Considerando quanto sangue há na nuca dele, a pancada foi feia. Chuto a arma para longe dele quando ouço outro veículo se aproximando. Cinco segundos depois, Denis estaciona e sai do carro.

— Parece que você já cuidou de tudo, chefe. — Ele sorri como um idiota.

— Onde é que você estava?

— Peguei uma curva errada. Desculpe, chefe.

Xingo e indico os outros três corpos.

— Verifique-os. Depois chame a equipe de limpeza. — Eu me viro para o cara vomitando. — Embale este aqui e leve-o para o depósito leste. Eu o interrogarei amanhã. Chame o médico para vê-lo, se necessário. Preciso dele vivo.

Dou meia-volta e me dirijo ao meu carro.

BIANCA

A primeira coisa que meu marido diz quando abre a porta depois que acabei de salvar sua vida?

— Você quebrou meus faróis traseiros.

Levanto as sobancelhas, bufo e vou para o banco do passageiro. Mikhail entra e, quando tenta ligar o carro, percebo o sangue em sua mão direita. Solto um suspiro agudo e coloco minha mão sobre a dele. Ele solta as chaves e me deixa examiná-lo. Há sujeira misturada com o sangue. Não consigo ver de onde ele está sangrando e não quero correr o risco de piorar a situação tentando remover a sujeira. Pego a batinha da minha camiseta, rasgo um pedaço e enrolo cuidadosamente na mão dele. Quando olho para cima, vejo que ele está me observando. Aponto para mim mesma e depois para o volante.

— É só um arranhão, Bianca. Eu posso dirigir — ele diz e liga o carro.

Mikhail passa toda a viagem de volta conversando com alguém pelo viva-voz. Não tenho certeza de quem é, mas a voz é familiar, provavelmente o Pakhan deles. Não tenho ideia do que é dito porque toda a conversa é em russo, então me recosto no assento e fecho os olhos.

Quase levei um tiro. De novo. Em menos de um mês. Esse vai ser o meu novo normal? Parece que estar casada com a Bratva é bem mais ameaçador do que eu esperava. Então, por que é que não estou mais abalada? Abro meus olhos só um pouquinho e observo meu marido. Há algo incrivelmente sexy na maneira como Mikhail fala russo; ele parece menos reservado. Não sei se é porque está usando seu idioma nativo ou porque é próximo de Petrov. Será que algum dia ele ficará assim tão à vontade comigo?

Mikhail estaciona na garagem subterrânea e, quando se vira para abrir a porta, noto uma mancha vermelha no assento de couro bege. Ele está ferido. Por que não me contou? Eu o sigo com os olhos e vejo uma mancha molhada em sua camisa, perto da omoplata esquerda. Que droga há de errado com ele? Pulo do banco, bato a porta e olho para ele.

— Brava comigo de novo?

Aponto para o ombro dele e jogo minhas mãos para o alto. É claro que estou brava!

— Não é nada, Bianca. Relaxe.

Relaxar? Ele está jorrando em sangue e quer que eu relaxe? Eu me viro e ando até o elevador.

Quando entramos no apartamento, vou direto para a cozinha, abro a gaveta onde guardei o kit de primeiros socorros e começo a pegar os suprimentos. Mikhail me observa da porta, enquanto eu alinho tudo no balcão da cozinha e lavo as mãos. Quando termino, viro para ele e espero.

Mikhail continua no mesmo lugar, olhando para mim, e juro que, se ele não vier aqui agora, eu mesma o arrastarei pelo colarinho. Por fim, ele se mexe e vai direto para a pia. Depois de remover o curativo improvisado e lavar o sangue, ele coloca a mão no balcão à minha frente, com a palma para cima.

Três de seus dedos foram cortados, provavelmente com vidro, mas é superficial. Limpo os cortes, aplico um pouco de creme antibiótico e faço um curativo em cada um deles. Fecho a caixa, aponto para seu ombro, indicando com o dedo para ele se virar.

— Não. Eu cuido desse.

E como ele planeja tratar o ferimento em suas costas? Inclino a cabeça para o lado e articulo as palavras:

— *O ombro.*

Ele me ignora e pega o spray antisséptico. Ah, pelo amor de Deus, ele é tão teimoso. Coloco a mão sobre a dele e pressiono a outra em seu peito. Lentamente, traço as letras com a ponta do meu dedo.

P-O-R F-A-V-O-R

Ele acompanha meu dedo, depois olha para mim, e há uma expressão em seu rosto... uma que não consigo definir, mas que parece vulnerável.

— Tudo bem — diz ele e, agarrando-me pela cintura, me senta na bancada.

Por um tempo, ele fica ali parado, com as mãos na borda do balcão, me cercando, inclinado para a frente e com a mandíbula rígida. Nossos rostos estão tão próximos que posso sentir sua respiração na minha pele enquanto o azul profundo de seus olhos me observa com atenção.

— Não é uma visão bonita, Bianca — diz Mikhail em uma voz uniforme, o rosto fechado. — Se não tiver estômago para aguentar, é só dizer.

Não tenho problemas com sangue. Ele sabe disso. Acho que não entendi alguma coisa. Mikhail vira de costas para mim e começa a desabotoar a camisa. Um sentimento de pavor se acumula em meu estômago. Lembro de seu braço na única vez em que o vi. Ele sempre usa mangas compridas e, na outra noite, quando coloquei as mãos em suas costas, senti sulcos em sua pele. Mas estava escuro demais para ver qualquer coisa. Sua hesitação não tem nada a ver com o ferimento. Ele não quer que eu veja suas costas.

Mikhail termina de desabotoar a camisa, tira-a e a joga no chão. Olho fixamente para suas costas conforme as lágrimas se acumulam em meus olhos, e nenhuma quantidade de autocontrole é capaz de evitar que elas caiam. Marcas longas, levemente elevadas, mas desbotadas pelo tempo, cruzam seu torso. Feridas antigas. São tantas... tantas. Há algumas partes de pele intacta, mas, fora isso, suas costas inteiras são uma tapeçaria de tecido cicatrizado.

Fecho os olhos por um segundo e limpo as lágrimas com a mão. Quando olho novamente, Mikhail ainda está na mesma posição, de costas para mim, olhando para a frente e me deixando absorver tudo. Respiro

fundo, pego o pacote de compressas e o spray antisséptico e volto minha atenção para o corte em sua omoplata esquerda. Não é profundo e provavelmente não precisará de pontos. Limpo com gaze estéril várias vezes, aplico o creme antibiótico e, em seguida, coloco bandagens tipo borboleta para manter a pele unida. Quando termino, cubro a ferida com gaze e prendo com fita cirúrgica. Respiro fundo mais uma vez para me preparar para a dor que virá e pouso minha mão em seu braço.

— Vire-se, Mikhail. — Minha voz é fraca, quase um sussurro, mas parece que estou gritando porque minha garganta dói como se estivessem lixando minhas cordas vocais.

Mikhail se vira para mim, e é tão rápido e repentino que eu estremeço. Ele está me olhando se eu tivesse criado asas. Desço meu olhar até seu peito. Não há marcas ali, mas há queimaduras em seu flanco e estômago, bem como inúmeras cicatrizes de cortes, como as de seus braços. Meu Deus, como ele ainda está vivo?

Olho para seu rosto fechado, levanto as mãos e as enterro em seus cabelos. Sem tirar os olhos dos dele, coloco um dedo sob o cordão de seu tapa-olho e espero. Ele não diz uma palavra, apenas range os dentes e acena com a cabeça. Eu aceno em resposta e retiro o tapa-olho.

Ele ainda tem os dois olhos, mas enquanto o esquerdo é claro e, ao mesmo tempo, de um azul-marinho profundo, a íris do direito é muito mais pálida e embaçada. Há cicatrizes fundas na pele ao redor dele e na pálpebra, como se alguém tivesse tentado arrancar seu olho.

— Tenho cerca de 5% de visão no olho direito — diz ele com uma voz distante —, mas isso interfere na visão do esquerdo, deixando tudo embaçado. Uso o tapa-olho o tempo todo, menos quando durmo, malho ou tomo banho.

Ah, Mikhail... o que aconteceu com você? Será que algum dia ele vai me contar? Como estou sentada tão alto, estamos quase frente a frente, então me inclino até que nossos narizes se toquem e coloco as palmas das mãos em seu rosto, sentindo os sulcos ásperos que marcam sua pele.

— Jesus, Bianca. — Ele fecha os olhos e encosta a testa na minha. — Como você suporta olhar para mim?

Estendo a mão para tirar uma mecha de cabelo de sua testa e acaricio sua bochecha direita. A dor que ele sentiu deve ter sido insuportável. A maior das cicatrizes divide sua sobrancelha direita ao meio, e eu traço meu dedo ao longo dela, depois pelo nariz, até chegar à boca.

— Eu acho... — Minha garganta grita de dor, quando o sussurro trincado sai de meus lábios, mas continuo mesmo assim. — Você é... gostoso.

Seguro seu rosto com as palmas das mãos e deposito um beijo em seus lábios. Depois, outro. Estou obcecada por seus lábios.

— Você está louca, *solnyshko*.

Não, não estou louca. Estou apaixonada por ele.

Não me importo com as cicatrizes ou com o olho. Para mim, ele é o homem mais bonito que já conheci. Lentamente, deslizo minhas mãos por seu peito e abdômen até chegar ao cós de sua calça e começo a desabotoá-la. Mikhail deixa escapar um som de rosnado, me agarra pela cintura e me leva para o quarto.

— Tire a roupa — diz ele ao me deitar na cama.

Tiro a camiseta e a calça jeans em tempo recorde e me atrapalho com o fecho do sutiã, enquanto ele prende os dedos no cós da minha calcinha e a desliza pelas minhas pernas.

— Você é — ele deposita um beijo em meu tornozelo — tão linda. — Outro beijo, este na parte interna da minha coxa.

Eu o observo se abaixar, enterrar o rosto entre minhas pernas e lambe minha boceta.

— Não sou muito bonito — outra lambida —, mas farei com que você nunca mais pense em outro homem, Bianca.

Ele enfia um dedo dentro de mim e começa a sugar meu clitóris. É demais, mas, ao mesmo tempo, quero mais. Ele acrescenta outro dedo e, meu Deus, acho que vou entrar em combustão. Seus dedos forçam minhas paredes internas, sua língua circulando meu clitóris, e eu me arqueio na cama quando uma onda de prazer sacode meu corpo. Mikhail tira a boca da minha boceta e, de repente, sinto a cabeça do seu pau na entrada, mas ele não penetra imediatamente. Em vez disso, com seu corpo imenso pairando sobre o meu, ele agarra a parte de trás do meu pescoço e me encara com olhos incompatíveis.

— Minha! — ele rosna, e começa a deslizar o pau para dentro de mim tão devagar que sinto que vou enlouquecer. — Se algum homem tocar você, vou matá-lo, Bianca. — Ele coloca a palma da mão em minha bochecha e se enfia dentro de mim, depois se retira.

Com um arquejo, meus olhos rolam nas órbitas. Mikhail levanta minhas pernas e as apoia em seus ombros, permitindo que ele entre mais

fundo. Ele atinge *aquele* ponto novamente, e sinto que estou chegando ao clímax. Quando ele força meus quadris para o alto e mete bem fundo, tremores começam a sacudir meu corpo. Estrelas brancas explodem por trás de minhas pálpebras enquanto eu me entrego ao orgasmo, com Mikhail me penetrando sem parar e me destruindo da melhor maneira possível.

MIKHAIL

Felicidade. Não me lembro quando foi a última vez que me senti verdadeiramente feliz. Satisfeito, sim. Mas essa emoção, essa sensação de leveza que preenche todo o meu corpo, é uma completa estranha. Bianca está aconchegada em mim, com a mão em meu peito e a perna entre as minhas, e meu coração se aquece.

— Preciso levantar — sussurro e dou um beijo na cabeça dela. — Sisi vai chegar com Lena em meia hora.

Ela olha para mim, sorri e pega minha mão para inspecionar meus dedos. Satisfeita que os curativos ainda estejam no lugar, ela se senta e faz sinal para eu me virar. As cortinas estão abertas e o quarto inteiro está banhado de luz, expondo todas as minhas cicatrizes. Mesmo assim, eu me viro de bruços e, olhando para a janela, espero.

Ela coloca a palma da mão na minha lombar e sobe lentamente, com um toque incrivelmente leve. Sinto um formigamento quando seu cabelo cai sobre minha pele e, em seguida, seus lábios, depositando um beijo entre minhas omoplatas, onde a lesão é pior.

— Por favor... não faça isso.

O formigamento sobe quando as pontas de seus cabelos provocam a pele logo abaixo do meu ombro, e ela se inclina e sussurra no meu ouvido:

— Por quê?

— Jesus, querida, como pode perguntar isso?

— Eu gosto de... você, Mikhail — diz ela, com a voz quase inaudível. — Cada... pedacinho... de você.

A última palavra se perde, e só ouço sua respiração entrecortada enquanto um calafrio percorre minha espinha. Eu me sento, seguro seu rosto com as palmas das mãos e torço para estar errado.

— Dói quando você fala, não dói?

Ela olha para mim e assente.

Fecho os olhos e beijo sua testa. Eu deveria ser abatido sem dó nem piedade. Um babaca egoísta e mentiroso que fez com que ela sofresse sem motivo.

— Você nunca mais fará isso de novo. — Coloco meu dedo em seus lábios. — Prometa.

O rosto dela desmorona, mas ela acena com a cabeça novamente, o que me faz sentir ainda pior. Merda. Levanto da cama, visto as calças e fico em frente à janela, olhando para os transeuntes apressados lá embaixo. Ela vai me odiar.

Coloco as mãos na nuca e respiro fundo.

— Preciso contar uma coisa.

BIANCA

Mikhail fica estranho de repente, andando de um lado para o outro em frente à janela. Ele para por um segundo, olha para mim, balança a cabeça e volta a andar. Aconteceu alguma coisa? Deve ser algo ruim, porque não me lembro de tê-lo visto tão perturbado.

Ele finalmente para e se vira para mim.

— Sei que você vai ficar brava, e tem todo o direito. Espero que me perdoe por não ter contado antes. Eu sinto muito.

Meus olhos se arregalam e meu queixo quase cai no chão enquanto ele faz formas familiares com os dedos e fala. A maneira como suas mãos se movem, com rapidez e facilidade... Meu Deus, ele não está apenas familiarizado com a linguagem de sinais. Eu mesma só sei o suficiente para uma conversa casual. Nunca seria capaz de ter discussões filosóficas e coisas do gênero. Mas pelo modo como Mikhail se comunica, é evidente que ele é proficiente.

— Por quê? — Faço sinal e fico encarando-o, garantindo que toda a tristeza e decepção estejam visíveis em meu rosto.

— Porque isso exigiria explicações, e eu não estava pronto para dar isso a você. Sinto muito.

— E você não podia simplesmente dizer isso?

Levanto da cama e, sem olhar para ele, vou direto para o quarto de hóspedes, batendo a porta com toda a minha força.

*

O som da risada de Lena chega aos meus ouvidos, e eu me sento na cama. Passei duas horas deitado, mirando o teto, pensando.

Mikhail sabe linguagem de sinais e não disse uma palavra sobre isso durante todo esse tempo. Foi egoísta e rude, como colocar tampões nos ouvidos de propósito, só para não ouvir o que a outra pessoa tem a dizer. Eu me sinto tão traída.

— Mas eu quero panquecas. — É a voz de Lena. — Por favor, papai.

Não ouço o que Mikhail diz, apenas a réplica tristonha de Lena.

— Tá bom, papai.

Quando saio do quarto, vejo Mikhail ao lado do balcão, com uma frigideira e uma bandeja de ovos à sua frente. Lena está sentada no chão da sala de estar, folheando o livro que compramos no outro dia, mas quando me vê, dá um pulo e corre em minha direção.

— Bianca, você sabe fazer panquecas? O papai não sabe fazer panquecas. Você sabe fazer panquecas?

Abro um sorriso, faço um carinho em sua bochecha rosada e aceno com a cabeça.

Ela dá um gritinho de alegria, agarra minha mão e me arrasta para a cozinha.

— Papai, papai, a Bianca vai fazer panquecas.

Ela me leva até o fogão e eu me vejo ao lado de Mikhail, com meu ombro roçando o braço dele. Lena solta minha mão e volta correndo para a sala de estar, me deixando sozinha com o mentiroso do meu marido.

— Não precisa — diz ele sem olhar para mim. — Vou fazer ovos mexidos para ela.

Eu o ignoro e vou até o outro lado da cozinha para pegar a batedeira na gaveta, depois abro o armário em busca de uma tigela. Como ela está na segunda prateleira, fico na ponta dos pés para alcançá-la. Duas mãos grandes envolvem minha cintura e Mikhail me levanta os últimos centímetros. Quando pego a tigela, ele me abaixa sem dizer uma palavra, sai da cozinha e vai se sentar no chão ao lado de Lena. Ela pega o livro e sobe no colo dele, e eu o assisto apontar algo em uma página e imitar sons de animais. Lena dá uma risadinha e o beija no rosto, depois aponta para outra coisa.

Começo a preparar a massa da panqueca, mas não resisto a dar uma espiada neles a cada poucos minutos. Esse meu marido é tão estranho. Não o entendo e ainda estou brava com ele, mas não consigo me obrigar a ignorar sua presença. É como se uma força mágica me atraísse para ele. Mesmo estando furiosa, preciso de todo o meu autocontrole para não ir até lá só para ficar mais perto dele.

Enquanto espero as panquecas ficarem prontas, leio as mensagens no meu celular. Há três de Milene, perguntando como estão as coisas e sobre o presente da Nonna. Que merda. Esqueci de novo. Envio-lhe uma resposta rápida dizendo que está tudo bem e perguntando sobre a escola. A próxima mensagem é de Angelo.

11:17 Angelo: Todo mundo conhece Mikhail Orlov! Não acredito que o papai fez isso! Você está bem? Não sei quando voltarei. Tenho algumas coisas para resolver aqui, mas assim que eu voltar, vou ver você. Se ele fizer alguma coisa, me avise na hora e eu cuidarei dele.

Viro as panquecas e releio a mensagem, confusa. O que ele acha que Mikhail pode estar fazendo comigo?

21:13 Bianca: Estou ótima. Qual é o problema de eu ser casada com o Mikhail? Vocês já brigaram ou algo assim?

A mensagem da minha mãe é a próxima, perguntando outra vez sobre a ida às compras que prometi. Ignoro, guardo o celular e volto às panquecas.

Estou quase terminando quando o telefone de Mikhail toca. Ele atende e, por alguns instantes, fica ouvindo a pessoa do outro lado, depois pragueja. Pegando Lena no colo, ele a carrega para a cozinha, coloca-a em um dos bancos e se vira para mim.

— Você pode cuidar da Lena por uma hora ou mais? Surgiu um imprevisto e é tarde para ligar para a Sisi.

Aceno com a cabeça e coloco mais massa na frigideira.

— Não vou demorar.

Ele dá um leve beijo no topo da minha cabeça e depois vai embora. Fecho os olhos e respiro fundo. É difícil ficar brava com Mikhail quando cada célula do meu corpo parece, de alguma forma, sintonizada com ele, ansiando pela sua aproximação.

MIKHAIL

Já é bem tarde da noite quando estaciono dentro do depósito. Saio do carro e me dirijo até o canto onde o albanês desta manhã está sentado no chão. Ele parece meio morto. Viro para Denis, que está ao lado dele, e cerro os dentes.

— Cadê a porra do médico?

— Fora da cidade. Não consegue chegar aqui antes de amanhã. Conte sobre os sintomas do cara e ele disse que é uma concussão grave ou hemorragia intracraniana. Ele precisa de um hospital.

Olho para o idiota sentado em uma poça de vômito.

— Ele ousou atirar no carro com minha esposa dentro. Ele não vai a lugar nenhum.

Pego uma garrafa em uma cadeira e jogo a água na cabeça do sujeito. Ele treme, murmura algo incoerente e encosta na parede. Considerando como está pálido e seu olhar perdido, ele não vai durar muito. Terei de ser rápido.

Volto para o meu carro, abro o porta-malas e tiro uma caixa de ferramentas. Por fora, ela parece um kit de ferramentas comum, mas ao remover a caixa interna, revela-se um compartimento oculto, onde guardo as verdadeiras ferramentas do meu ofício. Pego uma das seringas e um bisturi, e volto.

— O que é isso? — pergunta Denis, apontando para a seringa.

— Uma injeção de adrenalina — eu digo ao enfiar a agulha no pescoço do cara. — Talvez o deixe mais coerente por um tempo. Nunca experimentei em alguém com uma concussão.

— Então isso o deixará melhor? Por que o doutor não pensou nisso?

— Porque o doutor não mata pessoas como ganha-pão. — Descarto a seringa, agacho e pego a mão do albanês. — Quando o efeito da adrenalina passar, ele terá um colapso. Forte. Segure os ombros dele e o mantenha imóvel.

Segurando o homem pelo pulso, forço a palma da mão dele contra o chão e coloco o bisturi na raiz do polegar. O albanês fica consciente no momento exato em que eu corto seu dedo fora e começa a gritar.

— Cala a porra da boca! — Dou um tapa na cara dele. Não é a coisa mais sensata a se fazer, considerando sua condição, mas estou de mau humor. — Me escute com atenção. Você vai morrer esta noite. Pode ser rápido, ou posso garantir que seja doloroso e demorado. Acene com a cabeça se estiver entendendo.

Ele geme e balança a cabeça, tentando puxar a mão de mim. Pego o bisturi e arranco mais um dedo dele, o que resulta em outro ataque de gritos.

— Quem enviou você para nos interceptar e quais eram as ordens?
— eu grito em seu rosto.

— Não sei — ele se engasga. — Foi o Arben que conversou com o cara que pagou pelo trabalho.

— Quem é Arben?

Ele balbucia alguma coisa e fecha os olhos. Parece que a adrenalina não está funcionando.

Dou outro tapa nele.

— Eu perguntei quem é Arben.

— O motorista.

Um dos caras em quem atirei. Que merda!

— O que eles queriam que você fizesse?

— Matar o homem de tapa-olho. — Ele olha para mim e estremece.

— Era só um trabalho.

— E a mulher?

— O cliente disse que ela não é importante.

Não é importante. Respiro fundo, na tentativa de não o matar de uma vez.

— Mais alguma coisa?

— N-n-não.

— Você sabe como era o homem que se encontrou com Arben?

— Não. — Sua voz está quase inaudível agora.

Merda. Eu me levanto e tiro a arma do coldre sob a minha jaqueta.

— Não é importante — cuspo e atiro na cabeça dele.

Eu me viro para Denis e o encaro.

— Certifique-se de não se atrasar da próxima vez, Denis.

Ele dá um passo para trás.

— Claro, chefe.

— Ótimo. Limpe essa bagunça.

BIANCA

São quase quatro da manhã e estou começando a me preocupar. Cadê o Mikhail?

Quando Lena adormeceu, fui arrumar a cozinha e depois tomei um banho, esperando que ele já tivesse voltado quando eu terminasse. Será que aconteceu alguma coisa?

Visto uma das camisetas que roubei dele. Estou terminando de trançar meu cabelo quando sinto palmas ásperas cobrindo minhas mãos. Solto as mechas e meu cabelo cai quando vejo o reflexo de Mikhail no espelho atrás de mim. Ele divide meu cabelo em três mechas novamente e começa a trançá-lo. Seus movimentos podem ser um pouco desajeitados, mas ele parece saber o que está fazendo.

— Minha irmã sempre me importunava para que eu fizesse tranças nela quando nossa mãe não estava — ele diz sem olhar nos meus olhos, e há tanta dor nessa única frase que ela atravessa meu coração.

— Oksana era surda de nascença. Ela era quatro anos mais velha que eu, então aprendi libras antes de aprender a ler.

Não é só o fato de ele estar usando o tempo passado. Posso sentir no tom de sua voz... Algo ruim aconteceu com a irmã dele. Mikhail levanta a cabeça e nossos olhares se cruzam no espelho. Há um olhar assombrado em seus olhos, e tenho certeza que o que aconteceu é bem pior do que posso imaginar.

Pego o elástico na penteadeira, ofereço a Mikhail e espero ele prender a trança.

— Receio que não seja meu melhor trabalho. — Ele suspira. — Talvez você queira refazer.

— *Está perfeito* — eu sinalizo pelo espelho.

Mikhail pega minha cintura, me vira e passa um dedo no meu rosto.

— Sinto muito.

Suspiro, puxo seu braço até ele se curvar e deposito um beijo em seus lábios.

— Estou perdoado?

— *Ainda não. Vai precisar se esforçar muito mais para isso.*

Ele levanta a sobrancelha esquerda e seus lábios se abrem ligeiramente.

— O que você tem em mente? Algum tipo de trabalho manual?

— *Sim.* — Sorrio e começo a desabotoar sua camisa.

Sinto as mãos dele em minha barriga, puxando devagar minha camiseta.

— Então é melhor eu começar.

Ele me livra da camiseta e da calcinha e me vira de frente para o espelho, com minhas costas nuas contra seu peito. Fico olhando para nossos reflexos – eu nua em pelo, e ele atrás de mim ainda de camisa e calça social. Ele beija meu pescoço leva suas mãos à minha cintura, deslizando-as lentamente sobre meus quadris e descendo mais.

— Quero que você veja — sua mão direita escorrega ainda mais para baixo, entre minhas pernas — como você fica linda quando goza.

Sua palma passeia pela minha boceta ao mesmo tempo em que ele morde meu ombro, provocando um arrepio em mim pela sensação combinada. Um dedo me penetra e eu agarro seu antebraço, fazendo pressão sobre sua mão. Há algo impróprio em me ver assim, com ele ainda vestido e me tocando tão intimamente.

Sua outra mão desliza para baixo, seu dedo circula meu clitóris e depois pressiona o ponto no topo da minha boceta. Um gemido silencioso escapa de meus lábios e eu fecho os olhos, desfrutando da sensação.

— Olhos no espelho, Bianca. Ou eu paro.

Abro meus olhos na hora.

— Boa garota.

Não consigo tirar meus olhos do nosso reflexo. O corpo enorme de Mikhail encostado no meu, suas mãos entre as minhas pernas, seus lábios trilhando beijos em meu ombro. Outro dedo entra em mim e ele começa a provocar meu clitóris com a mão oposta, mudando o ritmo de lento para rápido e depois para lento novamente, fazendo meu corpo tremer com mais força.

— Goze para mim, minha ovelhinha — ele sussurra no meu ouvido e curva os dedos dentro de mim, estimulando meu clitóris, e eu explodo.

Os tremores que sacodem meu corpo são tão fortes que não consigo ficar de pé, então agarro seu braço com as duas mãos e observo Mikhail no espelho. Composto. Nem um fio de cabelo fora do lugar. Olhando no fundo dos meus olhos. Que homem perverso. Os tipos silenciosos são sempre os mais perigosos.

12

MIKHAIL

Ela está roubando minhas roupas. Pelos meus cálculos, já foram pelo menos quatro camisetas, meu moletom favorito e uma camisa social até agora. E parece que ela decidiu que precisa de outro moletom para sua coleção.

— Esse aqui serve? — pergunto.

— *Sim. Perfeito.* — Bianca pega o agasalho preto que estou segurando e o veste, enrolando as mangas.

Sei que ela pegou o resto de suas coisas. Denis foi à casa do pai dela há dois dias e trouxe de volta as caixas que sua irmã empacotou.

— Alguma chance de eu ter essa de volta? — pergunto e a acaricio no rosto com as costas da mão.

Ela olha para mim, sorri e balança a cabeça. Minha ladrazinha. Eu sorrio, seguro seu queixo e, inclinando sua cabeça, a beijo.

— Sisi, Sisi, eles estão se beijando de novo! — Lena grita de algum lugar atrás de mim. — O Roby pediu para me beijar hoje e eu disse que sim. Ele beijou minha bochecha. Vou pedir para ele beijar minha boca amanhã.

Ergo a cabeça. Giro nos calcanhares, vou até a cozinha, onde Lena está assistindo Sisi preparar o almoço, e me agacho na frente da minha filha.

— Nada de beijar meninos, Lena. Você é muito nova para isso.

— Não sou não. Vou casar com o Roby — diz ela, séria, e Sisi começa a rir.

Jesus. Eu não esperava ter essa conversa por mais uma década.

— Por que você quer se casar com o Roby? Ele é uma pessoa legal?

— Não, ele sempre briga com outros meninos.

— Então por que você quer se casar com ele, *zayka*?

— Ele tem dois cachorros e um periquito, papai!

— Você gostaria de ter um bichinho de estimação, *Lenochka*? Um peixinho dourado, talvez? — Por favor, não me peça um periquito.

— Eu quero um periquito, papai! Por favor, por favor, posso ter um periquito? Sisi, Bianca, o papai disse que eu posso ter um periquito! Podemos ir comprar um periquito agora? Papai, quando vamos comprar meu periquito?

Que maravilha. Eu suspiro.

— Está bem. Vamos comprar um periquito na semana que vem, Lena.

— Oba! — ela grita de alegria e começa a correr em volta da mesa da sala de jantar.

Sinto um leve toque em meu braço. Viro a cabeça e vejo Bianca me observando com uma expressão divertida no rosto.

— Você acha que ela vai esquecer do casamento com o Roby quando ganhar o periquito? — pergunto.

— Não — Bianca mexe os lábios e sorri.

— É, eu também acho que não.

— *Você é um pai extraordinário* — ela sinaliza. — *Ela tem sorte de ter você.*

Coloco a palma da mão em sua bochecha. Ela não faz ideia do quanto suas palavras significam para mim.

— Mikhail — diz Sisi da cozinha —, há uma reunião de pais e mestres marcada para amanhã à tarde na creche. Você quer que eu vá?

— É o papai que vai na reunião! — Lena grita embaixo da mesa. — Papai, você vai?

— O papai vai à reunião, *zayka*.

— A Bianca pode ir? Bianca, você pode ir com o papai?

Olho para Bianca e vejo que ela está me observando.

— Você não precisa ir.

— *Eu adoraria ir* — ela sinaliza, inclina a cabeça de lado e continua: — *Você não gosta de ir à creche?*

Eu toco seu queixo. Não pensei que eu fosse tão fácil de decifrar.

— Não.

— *Por quê?*

— Porque alguns amiguinhos da Lena têm medo de mim.

Ela revira os olhos.

— *Crianças podem ser estúpidas às vezes.*

Minha ovelhinha. Na maioria dos dias, ela parece mais madura do que seus vinte e um anos, mas a verdade é que ela é muito inocente. Se não

fosse, ela veria o que essas crianças inconscientemente sentem – que elas devem sair correndo o mais rápido que puderem no momento em que me virem chegando.

MIKHAIL

Bianca queria comprar um presente para a avó, e imaginei que iríamos ao shopping ou a uma joalheria. Em vez disso, acabo em uma loja pequena e apertada, especializada em chapéus sob medida. Quando entramos, me convenço de que ela me deu o endereço errado. Nada aqui se parece com um chapéu. Tudo é feito de penas multicoloridas e ikebana. Um deles em particular atrai minha atenção e parece um pássaro morto.

Bianca aponta para algo que lembra um prato azul de onde brotam várias flores artificiais brancas e verdes. É atroz.

— Está falando sério?

Ela assente, pega a monstruosidade azul-esverdeada e a coloca na cabeça. Acho difícil não rir quando ela vai até o espelho e vira a cabeça para a esquerda e para a direita, examinando o chapéu de todos os ângulos. Mesmo usando essa coisa esquisita, minha esposa é de uma beleza de parar o trânsito. Ela está com uma saia florida na altura dos joelhos, combinada com um top bege e sapatos de salto da mesma cor. Eu já me acostumei a vê-la com o cabelo solto ou de trança, mas hoje ela o enrolou em um coque alto. Acho que ela quer causar uma boa impressão na professora de Lena. Ela se vira para mim e diz por sinais:

— *Vamos levar.* — Em seguida, carrega o chapéu horroroso até o caixa.

Quando saímos da loja, pego a mão de Bianca e a levo até o pequeno restaurante com mesas ao ar livre que avistei um pouco mais adiante na calçada. Como preciso trabalhar depois de pegar Lena e só volto bem tarde, quero passar um pouco mais de tempo com ela.

Pegamos uma mesa e, enquanto a comida é servida, observo os arredores. Essa situação com os albaneses está começando a me preocupar.

— Você tem certeza que sua avó vai gostar dessa... coisa? — Bebo meu vinho e olho para a caixa sobre a mesa.

— *Ela vai adorar* — Bianca diz e começa a comer.

Eu duvido muito.

— Então ela tem um gosto estranho.

— *Todo mundo acha que a Nonna Giulia é meio doida.*

— Você não acha?

— *Não. Ela só finge que é para poder se safar de qualquer coisa.*

No último aniversário dela, ela contratou uns strippers.

Bianca começa a gargalhar quando eu quase engasgo com o vinho. Adoro o sorriso dela, a forma como ele se estende até seus olhos me lembra um raio de sol em um dia escuro e tempestuoso.

— *V tvoyikh glazakh kusochek neba, solnyshko.*

Ela me olha, confusa, então eu traduzo.

— Significa: “há um pedaço do céu em seus olhos.”

Acho difícil de acreditar, mas as bochechas dela realmente ficam um pouco vermelhas. Às vezes me esqueço de como ela é jovem.

— Nossa diferença de idade incomoda você? — pergunto.

Considerando tudo, presumo que a idade seja a coisa menos problemática.

— *Não. Por quê?*

— Não sei. Talvez você queira sair toda noite, curtir uma festa, fazer o que as outras... garotas da sua idade fazem.

— *A maioria das garotas da minha idade não treina seis horas por dia desde os doze anos. Farrear até de manhã nunca foi minha praia. Mas eu não reclamaria se meu marido me levasse para dançar de vez em quando. Ou você é velho demais para isso?*

Eu me inclino sobre a mesa, seguro seu queixo entre meus dedos e beijo seus lábios carnudos.

— Vamos ver.

— *Como vai o trabalho?*

— O mesmo de sempre. A esposa do Pakhan nos convidou para jantar na segunda-feira. Você quer ir?

— *Claro. Como ela está? Ela não estava no casamento.*

— Grávida de três meses e bastante desagradável ultimamente. Acho que ela pode acabar matando o Roman.

— *Por quê?*

— Digamos que o comportamento dele se tornou um pouco exagerado quando ele descobriu que ela estava grávida. Você vai ver.

— *Você nunca me contou o que faz na Bratva.*

— Eu organizo a distribuição de drogas.

— *Você conhece meu irmão? Angelo?*

Uma pergunta interessante.

— Acho que não chegamos a nos encontrar.

— *Estranho. Tive a impressão de que ele conhece você.*

Sim, ele provavelmente me conhece. A maioria das pessoas em nossos círculos conhece. Preciso mudar o rumo dessa conversa.

— Quando você começou no balé?

— *Minha mãe me levou para minha primeira aula quando eu tinha quatro anos. Comecei com um treinamento mais intensivo aos seis.*

— Quinze anos. Deve ter sido difícil deixar tudo para trás.

— *A coisa mais difícil que já fiz. Eu poderia ter ficado, ter feito alguns papéis secundários com coreografias menos exigentes. Menos saltos. Em vez disso, decidi me aposentar. Sair enquanto ainda estava no auge. É vaidade, eu sei.*

— Não é vaidade. — Pego a mão dela e passo meu polegar na palma. Tão suave. — O que aconteceu com a sua voz, Bianca?

Sinto que ela se aquieta. Ela tira a mão da minha, toma um gole do suco de laranja e olha para algum lugar atrás de mim.

— *Eu tinha onze anos. Meu pai estava me levando para o treinamento. Era domingo, por volta das sete da manhã. Houve uma festa na noite anterior, eles estavam comemorando alguma coisa. Ele ainda estava um pouco bêbado. Nós batemos.*

Vejo como ela respira fundo e olha para mim.

— *Disseram que eu não estava respirando quando a ambulância chegou. Tiveram que me entubar na hora. O paramédico que fez isso era jovem e estava assustado. Ele fez alguma besteira. Lesionou minhas cordas vocais.*

— E o seu pai?

— *Deslocou o ombro.* — Ela sorri e desvia o olhar. — *Bruno Scardoni é como uma barata.*

É evidente que ela não quer mais falar sobre isso.

— Sinto muito. — Pego sua mão e beijo seus dedos.

Alguém precisa matar esse desgraçado.

BIANCA

Não gosto nadinha de como a professora de Lena fica olhando para Mikhail. Desde que chegamos, ela tem olhado na nossa direção de vez em quando, então chego mais perto dele e passo o braço em sua cintura. A professora fala sobre os livros que os pais devem comprar para as atividades do próximo mês e, por um momento, os olhos dela se voltam para mim, da cabeça aos pés, como se estivesse me avaliando. É evidente que ela tem uma queda por Mikhail, e isso não me agrada nem um pouco.

Depois que ela termina de listar os materiais, alguns pais se reúnem para discutir o progresso de seus filhos, mas Mikhail e eu ficamos no fundo e esperamos até a multidão se dispersar. Quando nos aproximamos da professora, tiro meu braço da cintura de Mikhail e decido ficar alguns passos atrás. Não me parece certo me intrometer.

— Sr. Orlov — diz ela com uma voz açucarada. — Não o vemos há algum tempo.

Ela é bonita, parece ter trinta e poucos anos e, pelo sorriso enorme, gosta muito do meu marido.

— Como a Lena está se saindo? Algum problema? — pergunta Mikhail, ignorando o comentário.

— Ah, Lena é uma criança maravilhosa, tão comportada. Você está fazendo um ótimo trabalho com ela. — Ela bate os cílios para ele como uma colegial apaixonada, e minha visão fica vermelha. Percorro os poucos metros que nos separam em dois segundos, coloco minha mão na cintura de Mikhail novamente e sorrio.

Mikhail passa o braço em minhas costas.

— Senhorita Lewis — diz ele —, esta é Bianca. Minha esposa.

Não me lembro da última vez que senti tanta satisfação quanto agora, vendo os olhos dela se arregalarem como pires. É isso aí, vadia. Ele é comprometido. Como você mesma já deve ter deduzido.

— Se isso é tudo, temos que ir. Lena está esperando por nós no corredor. — Mikhail acena com a cabeça em direção à porta.

— Sim, é claro.

Ao sairmos, dou uma olhada por cima do ombro e vejo que a professora está nos observando. Sem tirar os olhos dos dela, deslizo minha mão da lombar de Mikhail até pousar em sua bunda duríssima, e não resisto a dar uma apertadinha.

No corredor, Mikhail se inclina e sussurra no meu ouvido:

— Você acabou de apertar a minha bunda?

— *Talvez* — articulo com a boca e aperto de novo.

— Papai, papai! — Lena se levanta do banquinho e pula nos braços de Mikhail. — Podemos comprar meu periquito agora, papai?

Mikhail suspira e beija a testa dela.

— Podemos.

Passamos na loja de animais no caminho de volta e Lena escolhe um periquito azul. Enquanto Mikhail pergunta ao atendente sobre a alimentação da ave, Lena e eu vamos até uma prateleira e pegamos brinquedinhos para pássaros. A porta da loja se abre e dois meninos da idade de Lena entram correndo, seguidos pela mãe. Eles correm até os aquários.

— Mamãe, eu quero um peixinho dourado! — grita um dos meninos.

— Eu não quero um peixe dourado. Quero um preto, igual o Batman! — exclama o outro. — Peixe dourado é coisa de menina.

Eles ainda estão brigando pelo peixe quando saímos da loja e, no caminho até o carro, olho para Lena, que de repente ficou calada. Eu esperava que ela estivesse animada, mas ela não disse uma palavra enquanto Mikhail colocou a gaiola no banco de trás e prendeu Lena na cadeirinha. É estranho, pois ela geralmente fala sem parar.

Quando Mikhail se prepara para ligar o carro, Lena finalmente fala:

— Papai? Cadê a minha mamãe?

A mão dele para com as chaves no ar, a meio-caminho da ignição. Ele respira fundo, depois se vira e pega a mãozinha dela.

— A mamãe está com os anjos agora, *zayka*.

— Por quê?

— Ela... ela estava doente, *Lenochka*.

— Igual o pai do Charley?

— Sim, *zayka*. Igual ao pai do Charley.

Eu pouse minha mão na perna de Mikhail. Isso é difícil para ele. Dá para ver pela maneira que os nós de seus dedos estão brancos de tanto apertar o volante.

Lena inclina a cabeça, olha para mim por um momento e se volta para Mikhail.

— O Charley tem um papai novo agora. Bianca é a minha nova mamãe?

Minha respiração falha e, ao mesmo tempo, sinto o corpo de Mikhail paralisar. Nunca conversamos sobre como Lena deveria me

chamar. Presumi que seria Bianca, mas não contava com o fato de que ela é nova demais para entender. Pela expressão de pânico no rosto de Mikhail, ele também não esperava por isso. Mas deveríamos ter esperado.

— Você lembra de quando falamos sobre isso? Que o papai e a Bianca iam se casar e que todos nós iríamos morar juntos?

— Sim, papai. O novo papai do Charley também está morando com eles.

Deveríamos ter presumido que “esposa do papai” poderia ser igual a “mamãe” para ela. Eu sempre quis ter filhos, mas parecia algo que não aconteceria tão cedo. Acho que não me importaria se Lena comesse a me chamar de mamãe. Considero isso por um instante. Não, não me importaria nem um pouco. Na verdade, gosto da ideia. Claro, se Mikhail concordar.

— Bem, *Lenochka*, é... — Mikhail começa, mas eu aperto sua coxa e ele se vira para mim.

— *Pode dizer que sim. Se estiver tudo bem para você.*

Ele fica olhando para mim sem dizer nada. Talvez não goste da ideia de Lena me considerar sua nova mãe. Essa constatação me machuca, mas me esforço para não deixar transparecer.

— *Não precisa fazer isso. Eu só...* — Suspiro. — *Está tudo bem. Podemos explicar isso a ela.*

Mikhail estende a mão, segura minha bochecha e se inclina para a frente.

— Lena nunca falou sobre a mãe dela, e — ele fecha os olhos e pragueja — eu fiz besteira. Achei que ela entendia. Ela é muito nova. Eu deveria ter tentado explicar melhor. Você e eu deveríamos ter conversado antes. Não posso lhe pedir isso, Bianca.

— *Você é um bom pai, e não fez besteira nenhuma* — eu sinalizo e seguro sua mão. — *E não me importo que Lena pense em mim como sua nova mãe.*

— Você tem vinte e um anos, querida. — Mikhail franze as sobrancelhas.

— *Minha mãe teve o Angelo aos dezenove. Está tudo bem.*

— Tem certeza?

Eu me aproximo e encosto meus lábios nos dele.

— Sim — sussurro na boca dele e o beijo.

MIKHAIL

Estou debruçado no balcão da cozinha e procurando atualizações sobre o trabalho no meu celular quando Bianca entra. Olho para ela e minha respiração para por um momento. Com uma trança grossa e usando um vestido preto longo que alcança o chão em várias camadas de tecido sedoso, parece que ela saiu das páginas de uma revista de moda. Ela vê que estou admirando-a, sorri e dá duas voltas, fazendo o vestido flutuar ao seu redor, revelando os sapatos de salto alto pretos e suas pernas esguias através de uma fenda lateral profunda. Não consigo tirar meus olhos dela.

— *O que acha?* — ela sinaliza.

Não sou capaz de ter pensamentos racionais. A única coisa em minha mente agora é ela, nua, em minha cama.

— *Ty zazhgla ogon' v moyey dushe, solnyshko.*

Ela sorri, vem até mim e começa a traçar um ponto de interrogação no meu peito com o dedo.

— Significa: “você acendeu um fogo em minha alma.” E se não formos agora, não iremos mais.

Os lábios dela se alargam em um sorriso, e ela pega minha mão e me leva até a porta. No carro, enquanto saímos da garagem, ela continua sorrindo, e eu me pergunto o que se passa em sua cabeça quando ela se inclina e sussurra no meu ouvido:

— Estou... sem calcinha.

O carro dá um solavanco, mas consigo controlá-lo, evitando por pouco a coluna de concreto. Quando tenho tudo sob controle, viro para Bianca e a vejo recostada no banco, com um sorriso de satisfação no rosto.

*

Há quatro tendas enormes montadas no extenso gramado bem cuidado. Pelo menos duzentos convidados estão reunidos nas longas mesas cobertas com toalha branca, conversando e rindo de piadas provavelmente

sem graça. Em sua maioria, italianos. Lembro de ter visto alguns em nossa recepção de casamento. Há também alguns políticos. Sem dúvida um pessoal interessante.

No meio do maior grupo está uma mulher pequena e frágil, usando um vestido verde como veneno e uma coisa estranha em forma de espinhos sobre seus cabelos grisalhos. Um homem extremamente atraente e jovem — provavelmente na casa dos vinte e poucos —, com o braço na cintura dela, está sussurrando algo em seu ouvido.

Bianca aperta minha mão e, quando olho para ela, vejo que está com um sorriso largo, indicando a mulher de vestido verde com a cabeça. Acho que é a famosa nonna Giulia.

Aproximamo-nos do grupo e eu tomo nota de cada pessoa que entra em meu campo de visão, catalogando qualquer coisa minimamente suspeita. Não gosto de multidões, mas também não sou fã de espaços abertos. Ambos são um risco à segurança.

A avó de Bianca se vira e, assim que nos vê, dá uma risadinha divertida, como uma garotinha, e corre até nós. O rapaz que a acompanha vem atrás dela.

— Bianca! Você está atrasada! — Ela beija as duas bochechas de Bianca e depois se vira para mim. — Vejo que trouxe seu marido. Bonito. Alto. Em forma. — Ela se inclina um pouco, me examinando. — Escolheu bem, *tesoro*.

Não apenas doida, mas parece que também é cega. Aceno com a cabeça.

— Fico feliz com sua aprovação, Sra. Mancini.

— Ah, meu Deus, não. Me chame de Nonna. Sra. Mancini parece nome de velha. E eu me divorciei há dois meses — ela diz e abana as mãos para o jovem ao seu lado. — Vá comer alguma coisa, Tony. Encontro você mais tarde.

O rapaz assente e sai sem questionar.

— Eu o contratei especificamente para hoje. Os jovens são caros, mas vai valer muito a pena. Bruno vai pirar. — Ela abre um sorriso enorme, e não tenho certeza se ela não é mesmo meio doida.

Bianca pega o telefone, digita e o entrega a Giulia, que olha para a tela e depois para Bianca.

— É claro. Por quê? Algo contra gigolôs? É um trabalho honesto. Ah, olhem o Luca Rossi ali. É uma pena que ele já seja casado. Um belo

espécime masculino. — Ela estreita os olhos. — Aquele é o Franco com ele? Ouvi dizer que ele se divorciou no mês passado, ou seja, é terra de ninguém agora. Tenho que ir.

Olho para Bianca, que está balançando a cabeça e observando a avó correr na direção do homem, provavelmente Franco.

— *Ela está brincando* — Bianca sinaliza. — *Vamos procurar uma mesa.*

Por milagre, encontramos uma livre e ficamos em silêncio olhando a multidão. O garçom traz nossas bebidas e Bianca pega minha taça, girando-a. Não acho que ela tenha feito isso conscientemente, pois parece concentrada demais em pegar um canapé da travessa à nossa frente. Ela deve ter notado que eu não seguro bebidas do meu lado cego. É estranho como ela não parece dar importância ao fato de seu marido ter um olho só. Eu sei muito bem que meu olho direito é horrível, então ainda espero que ela se encolha quando acorda em meus braços e olha para mim. Mas tudo o que ela faz é sorrir e voltar a dormir mais um pouco. Minha Bianca não é uma pessoa matinal.

Há muitos homens por perto, e minha esposa está especialmente desejável em seu vestido hoje. E sem nada por baixo.

Pego a cadeira dela e a puxo para perto de mim.

— Querida — sussurro em seu ouvido —, venha sentar no meu colo.

BIANCA

Olho para Mikhail, arqueio uma sobrancelha, depois me levanto e fico entre suas pernas. Ele bate na coxa esquerda e olha para mim de forma incisiva, como um desafio. Mikhail nunca faz nada sem motivo e estou curiosa para saber o que ele tem em mente, então me viro e sento em sua perna.

— Uma multidão e tanto. Sua Nonna é popular.

A mão dele encontra a fenda do meu vestido e, no segundo seguinte, há o toque de um dedo no meu joelho, antes de subir lentamente pela parte interna da minha coxa. Ele se demora ali por um tempo, depois começa a subir. Ele é louco. Pisco os olhos e me viro para ele.

— Algum problema? — ele pergunta. Seu rosto é a personificação da calma e da inocência, como se a mão dele não estivesse enterrada no meio das minhas pernas.

Pego a barra do meu vestido e cubro a mão e o antebraço dele, depois olho para trás, para a multidão de convidados. Posso retribuir na mesma moeda.

— Eu me pergunto — ele diz baixinho, alcançando minha boceta nua com o dedo e pressionando meu clitóris. — Será que vão achar adequado nosso modo de sentar?

Respiro fundo e abro um pouco as pernas, agradecida pela mesa nos esconder.

— Sabia que notei pelo menos vinte homens despindo você com os olhos desde que chegamos aqui? — ele sussurra e, de repente, seu dedo entra em mim. — Não gosto disso, Bianca.

Enquanto o dedo dele brinca com destreza na minha boceta, minha respiração acelera e fica mais difícil manter meu rosto sem expressão. Não acredito que estou diante de duzentas pessoas com o dedo de Mikhail enfiado em mim. Ou no quanto isso é bom. Meu Deus, um garçom com uma bandeja cheia de sobremesas está vindo em nossa direção. Agarro o braço de Mikhail e começo a puxar, mas ele me ignora e provoca meu clitóris com o polegar.

— Sou um homem muito ciumento. — Ele curva o dedo, o que me faz morder o lábio para reprimir um gemido. — Não lido bem com outros homens de olho na minha esposa.

A pressão crescente entre minhas pernas dispara.

— Ninguém tem permissão para olhar para você, Bianca. Só eu. — Ele belisca meu clitóris, enterra um segundo dedo em mim e, com habilidade, acaricia minhas paredes internas. O garçom está se aproximando, mas, em vez de parar, Mikhail aumenta o ritmo. Quando penso que vou perder o controle, ele aplica uma pressão firme em meu clitóris e eu gozo em sua mão.

Ainda estou sentindo os efeitos colaterais quando o garçom chega à nossa mesa.

— Não, obrigado — diz Mikhail, indiferente, e olha para mim. — Você quer alguma coisa?

Balanço a cabeça rapidamente. Assim que o garçom dá as costas, pego minha taça de vinho e a esvazio. Não acredito que ele fez isso. Aqui.

— Deveríamos ir mais vezes a festas — diz Mikhail e pega um guardanapo. Colocando a mão embaixo do meu vestido, ele começa a me limpar.

— *Você é louco* — eu sinalizo.

Mikhail dá de ombros e acena com a cabeça para a entrada.

— Sua família chegou.

MIKHAIL

Observo o grupo entrar na propriedade. O pai dela é o primeiro, de braço dado com a mãe de Bianca. Ambos estão impecavelmente vestidos, e a única coisa que se destaca é um curativo na mão direita dele. O abridor de cartas obviamente causou danos significativos, pois já faz três semanas. Quando nos vê, Bruno vacila por um segundo e lança um olhar para mim que poderia queimar a grama sob meus pés. Levanto minha taça para ele, apreciando a expressão de raiva que se espalha em seu rosto. A irmã mais velha de Bianca, Allegra, vem atrás dos pais com uma postura ereta e a cabeça erguida como se fosse a dona do lugar. Milene é a última, de mãos dadas com outra garota de sua idade. Elas estão rindo, cochichando e olhando para Tony, que está encostado em um pilar próximo à pista de dança.

— A sua irmã caçula está de olho no acompanhante da sua avó — comento.

Bianca arregala os olhos e pula do meu colo, agarrando meu braço.

— Vou esperar aqui. Não seria prudente me aproximar do seu pai.
— Entrelaço nossos dedos, depois olho para cima, para seus olhos cor de uísque. Ainda me intriga o quanto gosto de tocá-la. — Talvez eu decida que ele não precisa da outra mão.

Ela bufa e franze o nariz.

— *Eu já volto.*

Observo Bianca correr em direção à irmã, fazendo sinais com as mãos antes mesmo de alcançar Milene. Seus movimentos são bruscos e agitados. Ela é tão fofa quando está brava.

— Ela é mesmo demais, não é? — diz Nonna Giulia ao sentar na cadeira de Bianca.

— Sim.

Milene cochicha alguma coisa, e vejo Bianca dar um tapa na própria testa, depois faz sinal para a irmã, parecendo irritada. Pelo visto, Milene também quer contratar Tony para o aniversário dela.

— Vocês dois formam um casal estranho, meu rapaz — diz Giulia. — Sempre achei que ela ficaria com um dos dançarinos da companhia, ou talvez um artista. Alguém... tranquilo. Pensei que ela precisaria de alguém menos... durão.

Não faço comentários, porque tenho certeza que ela não está errada.

— Eu me casei seis vezes, sabia? — ela continua. — Todos acham que tenho um parafuso solto... a Giulia maluca que troca de marido como se fossem meias. Mas eu só estava tentando encontrar um homem que olhasse para mim da mesma forma que o Vitallo, meu primeiro marido, olhava.

— E como seria isso? — pergunto.

— Do jeito que você olha para a minha Bianca. Como se fosse capaz de se deitar sobre carvão em brasa para que ela pudesse atravessá-lo sem queimar os pés.

Avalio a mulher, em silêncio. A Nonna não é tão doida quanto pensam, e é bem mais atenta do que julguei.

— Você sabe que a Bianca é diferente perto de você — ela continua. — Ela só teve dois namorados antes de você. Nunca gostou muito de namorar, mesmo quando tinha a idade da Milene. Mas os rapazes sempre se sentiram atraídos por ela. Allegra a odiava por isso.

— É a irmã dela, como pode odiá-la?

— Nunca subestime o poder da vaidade de uma mulher. Ficou pior depois de Marcus. Ah, Allegra realmente perdeu o controle. Ela estava de olho nele há anos. Ele era um bom partido, o filho do magnata do setor imobiliário. Mas Marcus só tinha olhos para Bianca. Ele e Bianca ficaram juntos e, nem mesmo um mês depois, ele disse a Bruno que queria se casar com ela.

Uma raiva profunda começa a se formar dentro de mim só com a mínima ideia de Bianca estar casada com outro.

— Bianca disse não e terminou com ele. — Giulia dá de ombros. — Não entendi na época, eles pareciam um bom casal. Mas agora eu entendo.

Eu me viro para ela.

— O que seria exatamente?

Nonna suspira e balança a cabeça.

— Ele ainda tem um olho, mas é cego como um morcego.

Vejo Bianca sinalizando algo para Milene. Quando ela beija a irmã e vem em nossa direção, um homem se aproxima dela e começa a lhe dizer algo. Está na casa dos vinte e poucos anos, é loiro e, pelo modo como fala com ela, eles se conhecem muito bem.

— Falando no diabo. — Giulia estala a língua. — Marcus Kuch em pessoa. Ele nunca superou a rejeição de Bianca e...

Não ouço o resto, porque no momento em que vejo a mão do idiota no braço de Bianca, levanto e vou em sua direção, com uma raiva assassina tomando conta de mim.

BIANCA

Convenço Milene de que ela não pode contratar o gigolô da Nonna para seu próximo aniversário e me dirijo de volta à nossa mesa quando Marcus aparece do nada. Não terminamos nos melhores termos, mas não tenho nada contra ele, então paro, com a intenção de ser educada.

— É ele? Aquele é o monstro com quem casaram você? — Marcus chega mais perto. — É verdade que ele comprou você do seu pai, como estão dizendo?

Estou tão chocada com suas palavras que só consigo encará-lo.

— Allegra me contou que ele está mantendo você como prisioneira.

Como é que é? Eu vou acabar com ela.

— É verdade que ele te bate, Bianca?

Não consigo mais ouvir essa merda, então viro para me afastar e vejo meu marido vindo em nossa direção com cara de assassino.

Mikhail passa por mim, agarra o pescoço de Marcus e o puxa, ficando frente a frente com ele.

— Como ousa tocar na minha esposa? — ele rosna entre os dentes.

Eu gemo por dentro e me enfio entre eles, colocando as mãos no peito do meu marido e balançando a cabeça. Mikhail olha para mim, depois para Marcus, e começa a apertar o pescoço dele. Ele vai estrangulá-lo. Tento puxar o braço de Mikhail, mas ele aperta com mais força. Marcus tenta se desvencilhar dele, lutando para respirar. Todos ficam olhando. Que merda. Que merda. Que merda! Levanto na ponta dos pés e coloco as mãos em volta do pescoço de Mikhail.

— Mikhail — sussurro, na esperança de que ouvir minha voz o acalme. — Por favor.

Ele olha para mim e sustenta meu olhar por alguns segundos, depois volta para Marcus.

— Se eu te ver perto da minha esposa de novo — ele rosna e o solta —, você está morto.

Como era de se esperar, Marcus dá meia-volta e sai correndo, tossindo. Ele sempre foi um covarde. Estou furiosa com ele e, se eu vir Allegra, vou esganá-la por ter espalhado mentiras.

— O que ele queria? — pergunta Mikhail.

Não tenho certeza se devo contar. Ele já parece meio louco e, embora esteja falando comigo, não tira os olhos de Marcus, como se estivesse planejando ir atrás dele. A multidão caiu em absoluto silêncio e todos estão olhando para nós, cochichando entre si. Meu Deus, será que estão pensando as mesmas coisas que Marcus disse? Coloco a mão na bochecha de Mikhail para chamar sua atenção para mim.

— *Ele só perguntou sobre uma fofoca. Esqueça isso.*

Mikhail lança um olhar para as pessoas nos observando, algumas mais ansiosas perto o bastante para ouvir nossa conversa.

Ele olha para mim.

— *Que fofoca?* — ele sinaliza.

Forço um sorriso.

— *Você fica tão sexy quando faz sinais, marido.*

— *Não mude de assunto. Sei que vocês dois estavam noivos.*

Ah, a Nonna Giulia e sua boca grande.

— *Nunca fomos noivos. Ele queria se casar comigo. Eu disse não.*

— *Ele tocou você.* — Mikhail está sinalizando tão rápido que mal consigo acompanhar. — *Se ele fizer isso de novo, eu acabo com ele.*

— *Ele nunca mais cometerá esse erro.* — Toco seu peito antes de continuar: — *Há apenas um homem que eu quero que me toque. Não precisa ter ciúmes.*

Vejo o canto de seus lábios se erguer um pouco. Isso é bom.

— *É mesmo?*

— *Sim.*

Devemos acabar com os rumores idiotas de que Mikhail está me mantendo contra a minha vontade. E agora mesmo. Levanto as sobancelhas, agarro a camisa dele, fico na ponta dos pés e levanto o

queixo. Mikhail me olha. Ele ainda está com raiva. Vejo isso em seus olhos e na forma como ele cerra os dentes. Suspiro e seguro seu rosto. Meu lindo e sombrio marido. Será que não consegue ver como estou louca por ele?

— *Me beije* — eu peço.

As narinas dele se dilatam e, no momento seguinte, ele cola os lábios nos meus. Alguém ofega atrás de mim, mas eu simplesmente enlaço meus braços no pescoço de Mikhail e bloqueio tudo e todos. Se esses filhos da puta querem ver, nós lhes daremos um material melhor para a fábrica de boatos.

— Vão para um quarto — diz Nonna Giulia, passando por nós.

Eu sorrio contra os lábios de Mikhail.

— É um bom conselho. — Ele me pega nos braços e me carrega para longe de todos.

Quando chegamos ao portão, olho por cima de seu ombro e vejo a maioria dos convidados nos assistindo. O rosto horrorizado de Allegra está entre eles. Abro um sorriso e aceno para ela.

No carro, Mikhail abre a porta do passageiro, me coloca no banco e fica me olhando. Considerando sua mão sem cor apertando a porta, ele continua furioso. Seu braço treme com a força do aperto, e quase posso imaginar o metal rachando.

— Quantos homens já pediram você em casamento até agora? — ele pergunta com os dentes cerrados.

Mordo meu lábio inferior, pensando em como responder. Se eu levar sua pergunta ao pé da letra, então nenhum. Mas se estiver se referindo a quantos homens pediram minha mão em casamento ao meu pai nos últimos dois anos, ele não vai gostar da resposta. Como filha de um capo, eu era considerada um bom partido. Eu disse não todas as vezes, é claro. Metade deles eu nem conhecia, e muitos eram sócios de negócios do meu pai. Ele não gostou quando rejeitei sistematicamente cada um de seus parceiros, mas Milene ainda era menor de idade, então ele não podia usá-la como chantagem.

Lentamente, levanto três dedos, e os olhos de Mikhail se arregalaram. Mordo o lábio com mais força e, em seguida, com a outra mão, deixo os cinco dedos bem abertos.

— Oito? — Ele prende o ar e fecha os olhos.

Eu me inclino, seguro seu braço e dou um beijo em seus lábios crispados. Ele fica uma delícia quando está bravo.

— Certifique-se de nunca se descuidar e dizer qualquer um dos nomes deles — diz ele contra meus lábios, depois agarra minha nuca e devora minha boca com raiva, e de novo eu me sinto molhada. Encharcada e pronta, deslizo minha mão pelo seu peito até chegar à virilha e sentir seu pau duro. Sorrindo contra seus lábios, acaricio-o levemente, apreciando o som estrangulado que sai de sua boca.

Meus dedos encontram o botão de sua calça e, sem interromper o beijo, abro e desço o zíper. O estacionamento está vazio, todos continuam na festa. Mas, por via das dúvidas, dou uma rápida espiada por cima do ombro de Mikhail antes de tirar o pau dele para fora. Seus lábios continuam encostados nos meus, mas quando me movo para frente no assento e prendo minhas pernas em sua cintura, ele rosna.

Ele pousa as mãos na parte interna das minhas coxas e, em seguida, sobem sem nenhuma pressa pelas minhas pernas. Ele agarra minha bunda e me puxa alguns centímetros em sua direção até que eu sinta a cabeça do seu pau na minha boceta. Se alguém me dissesse há um mês que eu estaria transando em um estacionamento, a menos de cinquenta metros de duzentas pessoas, eu o teria chamado de louco. Acho que na época eu não me conhecia tão bem. Prendendo o lábio inferior de Mikhail entre os dentes, seguro seu pescoço e aperto as pernas ao redor dele. Um gemido escapa de mim quando seu mastro duro se enterra em mim e me estica da melhor maneira possível. Preenchendo-me completamente. Dou outro beijo em sua boca, agarro a lateral do assento e me inclino para trás sem tirar meus olhos dos dele.

E se alguém nos flagrar? É, isso provavelmente armaria um escândalo de proporções épicas, mas só me faz querer ainda mais. Sorrio e abro mais as pernas. Mikhail não parece nem um pouco perturbado com a possibilidade de alguém nos descobrir enquanto entra e sai de mim com tanta força que arranca todo o ar dos meus pulmões. Dou um gemido e jogo a cabeça para trás, agarrada ao assento com toda a minha força, enquanto ele mete em mim sem parar.

MIKHAIL

Encosto no pilar e fico olhando Bianca e sua mãe experimentando sapatos na loja.

Bianca decidiu ir às compras com ela e perguntou se eu queria entrar também, mas como não sou fã da família dela, com exceção de Milene, recusei e mandei Denis no meu lugar. De qualquer forma, havia muito trabalho a ser feito, então planejei passar a manhã em meu escritório. Só demorou uma hora para que eu desistisse, pegasse meu carro e dirigisse até o shopping. Eu os segui a uma distância segura por quase três horas, enquanto eles visitavam várias lojas e compravam café.

Era insuportável para mim a ideia de ver Bianca sendo cobiçada por outros homens no shopping e não estar lá para impedi-los. A cada segundo que passava sentado em minha mesa, eu imaginava um cara se aproximando dela e flertando sem rodeios. A questão não era eu achar que ela os aceitaria de bom grado. Eu a conheço bem o suficiente para ter certeza de que ela não faria isso. Ainda assim, só de pensar em outro homem conversando com ela me deixa louco. Não faz nem um mês que sugeri ao Sergei que ele procurasse um psiquiatra, mas agora parece que sou eu quem precisa de terapia.

Bianca e sua mãe vão dar uma olhada em algumas bolsas e eu chego para o lado para não as perder de vista. Denis está parado na saída, com outro homem de terno a alguns passos à sua esquerda, provavelmente o segurança de Chiara. O atendente da loja – um funcionário do sexo masculino – se aproxima de Bianca e tenta puxar assunto, mas ela sorri e se afasta. Cerro os dentes e continuo observando, tentando controlar a vontade de entrar na loja, jogá-la no meu ombro e levá-la embora.

BIANCA

— Você não precisava ter feito uma cena, sabia? — diz minha mãe enquanto experimenta uma das bolsas. — Todo mundo, e eu quero dizer todo mundo, falou sobre vocês dois e a saída que fizeram. Foi deselegante.

Eu sorrio, pego uma bolsa maior e começo a admirá-la. Se ela soubesse o que aconteceu no estacionamento depois, teria um ataque cardíaco.

— É claro que a Magda precisou vir correndo me dizer que esse tipo de coisa era de se esperar, já que agora você está morando com um russo, e eles não são tão civilizados. Eu detesto aquela mulher. — Ela coloca a bolsa de volta no cabideiro e se vira para mim. — Acho que o Bruno cometeu um erro quando concordou em casar você com aquele homem. Você é sofisticada e delicada demais para gente como ele. Sabe como estão chamando vocês dois? A bela e a fera. Até que combina. Suponho que estejam tendo relações sexuais. Não entendo como consegue deixar que ele a toque.

Fico de boca aberta por um segundo, depois começo a procurar meu telefone na bolsa. O conhecimento que minha mãe tem em libras é limitado demais para entender o que tenho a lhe dizer. Pego meu celular, digito e viro a tela para ela.

Nós transamos todos os dias e posso garantir que é a melhor transa que já tive. Quanto ao toque, adoro tocar meu marido e ainda mais quando é ele quem está tocando. Especialmente toques íntimos. Mikhail tem dedos habilidosos e uma boca ainda mais. Mas, acima de tudo, adoro quando ele me prende na parede, e depois disso costumo não conseguir andar.

Seus olhos se arregalam cada vez mais conforme ela lê, e então abana a mão para o telefone como se ele a tivesse queimado.

— Não fale dessas coisas com a sua mãe, Bianca. — Ela massageia as têmporas e balança a cabeça.

Digito novamente e, quando termino, pego a mão dela e esmago o telefone em sua palma, com a tela para cima.

E diga à Allegra que se ela continuar espalhando mentiras sobre o meu marido, direi a todos que ela tem próteses na bunda e nos peitos. Tirei fotos do relatório médico que encontrei na mesa dela. Só mais uma palavra e eu as enviarei para todos os amigos dela. Diga isso a ela.

Eu sabia que essas fotos seriam úteis um dia. Allegra tem cultivado a imagem de uma beleza natural. Então, se seus amigos descobrissem que

ela voltou do Brasil com muito mais do que apenas um bronzeado há alguns anos, seria suicídio social.

— Você não ousaria.

— *Experimente.*

Minha mãe olha para mim com surpresa.

— Você gosta mesmo dele.

Eu suspiro. Não faz sentido dizer a ela que estou apaixonada pelo meu marido. Minha mãe sempre teve problemas para entender as emoções, e eu aceitei essa realidade há muito tempo.

Passamos mais um tempo vendo bolsas e depois seguimos para a próxima loja, onde mamãe pega alguns vestidos e entra no provador. Enquanto espero por ela, pego meu celular, e tento ignorar o cara que não para de me olhar do outro lado da loja desde que entramos. Estou acostumada com homens olhando para mim. Isso acontece o tempo todo, mas não significa que eu goste. Só porque sou bonita não significa que qualquer um pode ficar admirando minha bunda.

Estou navegando no meu celular quando sinto uma mão na minha cintura. Aperto a alça da minha bolsa e me viro, pronta para acertar a cabeça do idiota com ela, mas me deparo com Mikhail.

— Acho que devo anunciar minha presença da próxima vez, ou corro o risco de sofrer danos físicos. — Sua boca se curva ligeiramente.

Guardo meu telefone na bolsa.

— *Talvez.* — Eu sorrio. — *Pensei que você estivesse trabalhando.*

— Eu tentei. — Ele coloca a mão na minha nuca. — Não parava de imaginar homens atrás de você como se estivessem seguindo um sinalizador. Não consegui me concentrar. Não consegui pensar em mais nada. É enlouquecedor, Bianca.

— *E aí você decidiu ficar me seguindo?*

— Sim.

— *Por quanto tempo?*

— Três horas.

— *Você tem algum problema, sabia?*

— É, eu sei. — Ele se abaixa e sussurra: — Alguns caras ficaram de olho em você experimentando vestidos mais cedo. Quando você saiu do provador, eles estavam comendo você com os olhos e eu tive de intervir.

Meus olhos se arregalam.

— *Eles estão vivos?*

— Desovei os corpos quando você não estava olhando. Da próxima vez, não serei tão gentil. — Ele segura meu queixo e levanta minha cabeça. — Ninguém pode olhar para minha esposa do jeito que eles estavam olhando.

Fecho os olhos para me recompor, pois isso está me excitando pra valer. Devo ficar preocupada por achar a possessividade dele tão excitante? Sou totalmente a favor do feminismo e da emancipação, mas me sinto um tanto culpada porque, só de pensar em Mikhail botando os homens para correr só por me olharem, já começo a sentir um formigamento entre as pernas.

— *E o que você faria se um deles tentasse me tocar? — sinalizo. — Ou me beijar?*

Os lábios de Mikhail se contraem, seus olhos se fixam em mim, então ele se inclina até quase encostar a boca na minha orelha.

— Se alguém ousasse tocar em você, eu cortaria a mão dele. Como eu deveria ter feito com aquele idiota no aniversário da sua Nonna — ele sussurra. — E se alguém fosse louco o bastante para tentar colocar a boca perto da minha esposa, eu o decapitaria.

Eu prendo a respiração e sinto que estou ficando molhada.

— Bianca, você acha que essa cor combina com meu cabelo? — Minha mãe sai do provador e a surpresa se espalha em seu rosto ao ver Mikhail. — Sr. Orlov. Aconteceu alguma coisa?

— *Sim* — eu sinalizo rapidamente antes que ele possa responder. — *Temos que ir. Ligo para você amanhã.*

Agarro a mão de Mikhail e o arrasto até o corredor onde vi os banheiros.

— Quer me contar o que aconteceu para sairmos correndo de lá? — ele pergunta quando estamos longe o suficiente para não sermos ouvidos.

Eu me viro para me certificar de que não há ninguém por perto, levanto a saia e puxo a mão dele, apertando-a contra minha calcinha molhada. Mikhail inspira bruscamente e começa a me massagear, fazendo-me gemer. Sem tirar a mão, ele dá um passo à frente e depois outro, empurrando-me até que minhas costas batam na parede.

— Parece que você sentiu minha falta. — Ele puxa minha calcinha para o lado e enfia um dedo em mim. — Sentiu, minha ovelhinha?

Aceno com a cabeça e deslizo minhas mãos do seu peito até chegar à virilha.

— Ótimo — ele sussurra, depois gruda a boca na minha ao mesmo tempo em que enfia o dedo mais fundo. — Aqui? Ou em casa?

Pelo som de sua voz e a dureza de seu pau na minha mão, ele não gosta da opção “casa” mais do que eu.

— Aqui — sussurro, sem acreditar muito no que estou dizendo.

Mikhail agarra minhas coxas e me levanta. Envolvero as pernas em sua cintura, abraço seu pescoço e o percorro com beijos, enquanto ele nos leva para o banheiro feminino adiante. Depois de uma rápida verificação das cabines, ele tranca a porta e me leva até o amplo balcão de mármore com pias.

Eu me contorço quando a pele nua das minhas costas se choca com a pedra fria, mas a sensação desagradável é logo esquecida porque estou concentrada demais em tirar a calcinha.

— Você fodeu com a minha cabeça, Bianca. — Ele segura meus quadris e se enterra de uma só vez dentro de mim. — Eu nem consigo mais pensar direito.

Isso. A sensação dele me preenchendo tão completamente me faz querer gritar de prazer. Não existe nada melhor. O pau de Mikhail é enorme, assim como todo o resto dele, e eu desfruto da sensação de ser esticada para acomodá-lo. Segurando minha nuca, ele desliza lentamente para fora e depois penetra de novo. Eu ofego. Então sorrio.

— Mais forte — insisto.

A mão dele sobe pela minha nuca e agarra um punhado de cabelo.

— Assim? — pergunta ele, e mete novamente.

— Sim. — Agarro a beirada do balcão com toda a minha força, prendo minhas pernas em volta de seus quadris e me inclino para trás enquanto Mikhail me destrói, pedaço por pedaço. E a destruição nunca foi tão gostosa.

BIANCA

Quando Mikhail me disse que iríamos jantar com a esposa do Pakhan, eu esperava uma russa blasé e bem vestida que muito provavelmente me ignoraria a noite toda. Nina Petrova é o completo oposto disso, com seus jeans rasgados, blusa solta e um pequeno piercing de prata no nariz.

— Não se atreva, Roman. Estou falando sério! — Nina cutuca o peito do marido, encarando-o, e depois se volta para mim. — Ele está me seguindo pela casa há dois meses como se eu fosse tropeçar e cair da escada como um filhote de veado.

Ela pega minha mão e me conduz pelo grande saguão em direção a um corredor.

— Estaremos na cozinha. Mikhail disse que a Bianca tem uma receita ótima de macarrão, então talvez ela a compartilhe com o Igor — Nina diz por cima do ombro. — Se eu te encontrar perto da ala leste, vou acabar com você, Roman.

É um tanto engraçado ver essa mulher tão miúda ameaçando seu corpulento marido. Petrov não diz nada, só fica parado, apoiado na bengala, nos vendo sair.

— Desde que contei a ele que estou grávida, Roman ficou insuportável com esse comportamento de mãe coruja — diz ela no corredor. — Então, você e Mikhail... como vão as coisas com vocês dois?

Eu apenas sorrio um pouco e aceno com a cabeça. Normalmente, as pessoas que me encontram pela primeira vez tendem a ficar caladas, como se não houvesse motivo para iniciar uma conversa. Nina não é assim. E isso é... estranhamente revigorante.

— Certo, agora, por favor, tente manter a mente aberta. Não é tão ruim quanto parece — ela diz e abre as portas duplas à nossa frente.

A primeira coisa que ouço é uma voz grave berrando em russo, depois mais duas vozes femininas se juntando à gritaria, seguidas pelo

barulho de talheres tilintando. Entro na cozinha atrás de Nina e paro, boquiaberta.

Um homem gigantesco, na casa dos sessenta anos, de avental branco e em frente ao fogão, faz sinal para a fumaça preta que sai do forno e grita com a garota do outro lado da ilha. Atrás dele, outra garota está batendo nas costas dele com um pano. E no canto, uma mulher mais velha com cabelo grisalho curto está ralhando com o cozinheiro e o ameaçando com uma colher cheia de molho.

— Temos uma convidada! — Nina grita, e todos se voltam para nós.
— Esta é Bianca, a esposa de Mikhail. Sejam legais.

Eles olham para mim, acenam com a cabeça e voltam a gritar.

— Bem, não custava tentar. Desculpe. — Nina dá de ombros.

Pego meu celular na bolsa, digito e mostro a tela para Nina.

— Ah, não estamos atrapalhando. É só um dia comum na cozinha. Não se preocupe. Vamos até a Varya, aí você passa a receita do macarrão e ela vê se temos os ingredientes. Como a Valentina queimou a carne novamente, precisaremos de um jantar reserva. Se estiver tudo bem, você pode instruir o Igor sobre como prepará-lo.

Eu olho confusa para ela. Como assim, ela quer que eu instrua o cozinheiro? Duvido que ele esteja familiarizado com a linguagem de sinais. Acho que Nina percebe minha reação, porque ela balança a mão com desdém.

— Não se preocupe. De qualquer forma, Igor só fala russo. Basta apontar o dedo. Funciona comigo... na maioria das vezes, pelo menos.

MIKHAIL

— Você falou com a Dushku? — pergunto a Roman e tomo um gole de uísque.

— Falei. Disseram que não tiveram nada a ver com o tiroteio ou com os caras que seguiram você.

— E acredita nele?

— Não tenho certeza. — Roman se inclina para trás na cadeira e range os dentes. — Tudo nessa história é uma merda. Os caras eram todos albaneses, mas nenhum deles estava trabalhando para a Dushku. Eram

apenas membros de uma gangue aleatória. O que eu tenho certeza é que a mesma pessoa contratou todos eles.

— Talvez seja uma armadilha para nos fazer atacar os albaneses. Nós temos o produto, os albaneses o compram. Se começarmos uma guerra com eles e cortarmos o fornecimento, os albaneses terão de procurar em outro lugar.

— Irlandeses? — Ele levanta as sobrancelhas.

— Não. Italianos.

— Isso não faz sentido. Por que o don concordou com o cessar-fogo e o casamento para unir a La Cosa Nostra e a Bratva, se eles estavam planejando fazer um acordo com os albaneses?

— Para ganhar tempo. — Pego meu celular e vasculho as fotos. — Achei estranho o irmão da Bianca não estar no casamento. Eles são próximos. Não fazia sentido. Quando perguntei onde ele estava, ela disse que Bruno o enviou para tratar de negócios e que ainda não tinha voltado. Tente adivinhar onde ele está.

— Ah, tenho a sensação de que não vou gostar da resposta.

Abro a foto que nosso contato no México me enviou esta manhã e passo o telefone para Roman.

— Filho da puta — diz ele para a tela.

— Sim, é o filho do Bruno e o Mendoza, nosso principal fornecedor.

— Parece que os italianos incriminaram os albaneses, ou pelo menos tentaram, para que nos voltássemos uns contra os outros. O mais provável é que estejam esperando para entrar em cena e se oferecer para fornecer as drogas aos albaneses no momento em que nossos negócios terminarem.

— Sim. Mas acho que isso é tudo o que Bruno está fazendo. Ele gosta de puxar o saco do don. Acredito que ele planejou informá-lo só depois de colocar as coisas em andamento.

— Bem, não vamos entrar em guerra com os albaneses, então Bruno acabará com um monte de produtos e nenhum comprador.

— Tenho certeza de que Don Agostini não vai ficar feliz com o fato de Bruno agir pelas costas dele — eu digo. — Especialmente porque o próprio don concordou com o tratado entre nós.

— Sempre me perguntei por que o Bruno ofereceu a filha em casamento.

— Ele queria informações privilegiadas e exclusivas sobre os Bratva. A própria Bianca me contou.

— Ah, é? Ela contou isso agora?

— Sim. Mas ela se recusou. Tenho um alarme silencioso na porta do meu escritório. Bianca nunca tentou entrar, Roman.

— Tem certeza? — Ele me olha de soslaio. — Certeza absoluta?

— Tenho. Por quê? Duvida do meu julgamento?

— É claro que duvido. Qualquer um pode ver que você está desesperadamente apaixonado por ela.

Olho para a taça em minha mão. A luz reflete no líquido marrom escuro da mesma forma que nos olhos de Bianca.

— Estou — digo e dou um gole.

Roman sorri e balança a cabeça.

— Bem, que se dane! Se alguém me dissesse que uma mulher agarraria você, dentre todas as pessoas, com uma aliança no dedo em menos de um mês, eu o chamaria de louco.

— Quem é você para falar? Refresque a minha memória: quanto tempo levou para você estar comendo na mão da Nina?

— Bem mais do que um mês.

— Você já tinha se rendido depois de uma semana, Roman.

— Está bem, duas semanas. — Ele dá de ombros. — E a Bianca?

— O que tem ela?

— Ela sente o mesmo?

— Eu não sei. Bianca é difícil de entender.

— Em geral, as mulheres são assim mesmo, Mikhail. Às vezes, sinto que elas vieram de outro planeta.

— Acho que ela gosta de passar o tempo comigo. — Encolho os ombros. — Fomos ao shopping na semana passada.

— Eu sabia. — Roman dá um tapa na cadeira. — Ela arrastou você para ver um filme adolescente. Admita!

— Não exatamente. Nós transamos no banheiro.

— Mikhail Orlov. Transando no banheiro. — Ele ergue as sobrancelhas. — De um shopping center!

— É isso aí — eu digo e ele começa a rir.

Ignoro e continuo:

— Ela também disse que queria que eu a levasse para dançar.

— Você? Dançar? Agora só falta chover canivete! — Roman suspira. — Você contou à sua esposa o que faz na Bratva?
— Ela sabe que sou o responsável pela distribuição.
— Então você não contou.
Abaixo o olhar para o meu copo.
— Não.
— Ela vai descobrir, mais cedo ou mais tarde, você sabe disso.
— Não vai. Vou me certificar de que ela nunca descubra.
— Mikhail...
— Ela não se importa com o meu olho. Ou as cicatrizes. Não sei por que, mas ela não liga. Ela nunca perguntou o que aconteceu, embora eu saiba que deve estar se perguntando. Mas não posso contar o que faço na Bratva. Não acho que ela conseguiria superar.
— Que merda. — Ele massageia as têmporas. — Está bem, vou falar com Maxim, talvez ele possa assumir...
— Não. Extrair informações é o meu trabalho. E, de qualquer forma, quem seria um interrogador melhor do que alguém que já experimentou a maioria das técnicas de tortura?

BIANCA

— Meu Deus, isso é incrível — Nina murmura e leva o garfo de novo até a panela.
Do outro lado da mesa, o cozinheiro grandalhão pega a panela pela alça e a puxa para si, falando algo em russo e apontando para trás.
— Tem um bebê aqui dentro querendo isso. — Nina agarra a outra alça da panela e começa a puxar.
O cozinheiro solta a panela, joga as mãos para o alto e sai andando.
— Falar no bebê sempre funciona. Igor não entende bem, mas conhece a palavra. — Nina sorri, dá outra garfada no macarrão e enfia na boca.
Não posso deixar de rir, pegar outro garfo e me juntar a ela.
Ouço um pigarro atrás de mim e me viro. Mikhail puxa uma cadeira e senta ao meu lado.
— Este é o nosso jantar? — Ele faz uma careta. — Aquele que nós quatro deveríamos estar comendo juntos? Na sala de jantar?

Abaixo o garfo.

— *Nina começou. Eu tive que participar. Seria rude deixar a esposa do Pakhan comer sozinha.*

— Sei... — Ele inclina um pouco a cabeça e se aproxima de mim.
— Posso provar?

Eu sorrio, pego um pouco do macarrão no garfo e levo à boca dele. Nina acompanha tudo do outro lado da mesa com os olhos arregalados e a boca aberta.

— Puta merda — ela murmura, mas Mikhail a ignora.

— Você que fez? Achei que tinham te convidado para jantar, não para preparar um.

— Tecnicamente, foi o Igor que fez — Nina explica. — Bianca o orientou e eu ajudei com a tradução.

— Me pergunto como isso funcionou.

— *Eu aponte o dedo. E Nina dava uma cutucada nas costelas de Igor quando ele não entendia.*

Mikhail passar o dedo na minha bochecha e seus lábios se abrem um pouco em um sorriso. O sorriso é discreto e desaparece em um segundo, mas meu coração dispara. Ele tem um sorriso lindo.

A porta da cozinha se abre e o Pakhan entra, com uma expressão sombria. Ele diz algo em russo e Mikhail pragueja.

— Houve um incêndio em um dos armazéns. Tenho que ir. — Ele beija minha cabeça e se levanta. — Vou ligar para o Denis vir buscá-la e levá-la para casa.

— *Mande mensagem para eu saber que você está bem. Por favor.*

— Vou mandar. — O olhar que ele me dá é parte surpresa e parte satisfação, e então ele se vai.

*

São quase três da manhã quando Mikhail volta. Levanto do sofá quando ouço a porta se abrir e, enrolada em um cobertor, corro até ele. Ele está com as mãos e o rosto cobertos de fuligem, mas parece ileso.

— Por que não está dormindo?

— *Eu estava preocupada.*

— E a Lena?

— *Dormiu. Jantamos panquecas de novo.* — Começo a desabotoar a camisa dele. A manga está rasgada, mas não encontro nenhum ferimento

em seu braço. — *A calça. Depois, uma ducha.*

Ele não reclama das minhas ordens, apenas me dá um leve beijo nos lábios e, largando o terno arruinado no chão, vai para o banheiro. Coloco a camisa e a calça no lixo e vou atrás dele.

No banheiro, tiro a roupa e entro no chuveiro, onde Mikhail já está lavando o cabelo. Pego o sabonete, ensaboo minhas mãos e as levo até seu rosto. Ele olha para mim por um segundo e depois inclina a cabeça. Há uma grande mancha preta em sua bochecha direita, então começo por ali. Ela sai com facilidade, depois passo para a testa e o pescoço. Não há fuligem em seu peito, mas mesmo assim o acaricio com movimentos circulares.

Mikhail dá um passo e coloca as mãos nos azulejos atrás da minha cabeça, prendendo-me entre seu corpo e a parede. Escorrego minha mão para baixo e seguro seu pau duro, apreciando como sua respiração acelera.

— Ainda não — ele diz no meu ouvido e, agarrando meus quadris, me vira de frente para a parede.

Suas mãos descem lentamente pela minha barriga até o meio das minhas pernas, e sinto seu dedo provocar minha boceta.

— Você é a coisa mais linda que eu já vi — ele sussurra e enfia um dedo em mim, depois outro, e eu suspiro silenciosamente. — E você, meu raio de sol, é tão linda por dentro quanto por fora.

Quando ele curva os dedos dentro de mim, fazendo pressão no ponto sensível próximo ao meu clitóris, um estremecimento abala meu corpo inteiro com tanta força que tenho de apertar a testa e as palmas das mãos na parede para não cair.

— Minha — diz ele contra o meu pescoço, passa o braço livre em volta da minha barriga e me levanta sem tirar os dedos da minha boceta.

Estou ofegante, incapaz de puxar ar suficiente, enquanto Mikhail me carrega para o quarto, com minhas costas coladas em seu peito e minha cabeça jogada para trás em seu ombro. Fico impressionada como ele consegue me aguentar com um braço só, sem tirar a outra mão de dentro de mim, me provocando.

Quando ele me coloca no chão e tira os dedos de mim, eu me viro e o empurro para a cama, depois rastejo sobre seu corpo e sento em seu pau. É uma sensação de lar, e eu gozo no segundo em que ele me enche, com um desejo enorme de poder gritar seu nome.

Continuo a cavalgá-lo, maravilhada com o toque de suas mãos em minha cintura e com seu pau apertado em minhas paredes ainda sensíveis.

Mikhail geme e começa a bombar em mim, e eu agarro seus ombros com tanta força que é bem provável ficar com arranhões. Quando gozo de novo, arqueio as costas e solto um grito quase inaudível. Em seguida, Mikhail explode dentro de mim.

Ele ainda está ofegante quando me inclino para frente. Encosto meu nariz no dele e enterro as mãos em seu cabelo, encarando seus olhos desiguais. Meu coração salta de alegria toda vez que ele está perto de mim, fazendo com que eu me sinta completa, não mais a pessoa falha e perdida que sempre acreditei ser. Lembro da vez em que Marcus me chamou de princesa do gelo porque eu não queria abraçar ou dar as mãos em público. Ele falou em tom de brincadeira, mas eu sei que estava falando sério.

Com Mikhail é diferente. Existe esse desejo inexplicável de tocá-lo que me consome, como se de alguma forma meu corpo fosse atraído por ele como um ímã. É algo que me assusta um pouco. Dançar era a única coisa que me mantinha sã, então, quando a lesão encerrou minha carreira, achei que minha vida tinha acabado. Eu queria muito voltar ao balé e nunca pensei que poderia desejar algo mais. Até agora.

Mikhail se apoia nos cotovelos e inclina a cabeça para o lado, olhando para mim.

— O que foi, *dusha moya*?

Dou um beijo em sua testa, depois em seu olho esquerdo, mas quando passo para o direito, ele desvia a cabeça, evitando meus lábios.

Ele é realmente sensível em relação ao olho, mas não, não vou permitir que ele faça isso.

— Mikhail... — eu murmuro, mas ele balança a cabeça.

— Por favor, não.

— Por quê?

— Porque meu olho é horrendo. Não quero seus lábios perto dele.

Trinco os dentes e seguro seu rosto com as mãos.

— Não é — sussurro.

Mikhail olha para mim e abre um pequeno sorriso. Isso me atinge em cheio – seu sorriso impossivelmente triste.

— Está bem — ele diz e coloca o dedo nos meus lábios. — Por favor, pare de forçar e se machucar por minha causa. Você prometeu que não faria mais isso. — Outro sorriso triste. — Venha cá, já é tarde. Vamos dormir.

Ele está apaixonado por mim. Eu sei disso sem que ele diga. É nítido em cada um de seus atos. Então, por que ele não deixa que eu o ame também? Meu marido sombrio e perigoso – tão forte, tão indestrutível e tão desoladoramente sozinho, mesmo comigo ao seu lado. Não sei por que ele não me deixa entrar ou por que continua se escondendo de mim. Mesmo depois de eu tê-lo visto nu várias vezes, ele ainda usa mangas compridas quando estou por perto durante o dia. Será que ele não entende que, aos meus olhos, ninguém jamais vai se comparar a ele? Como posso fazer a cabeça dura dele entender isso?

Ele me abraça, estende a mão para o abajur de cabeceira e apaga a luz. Não é algo particularmente significativo, e não sei por que, mas é a gota d'água para mim. Decido que já estou farta. Chega de todos se chocarem por eu gostar dele, chega de pessoas me dizendo que há algo errado comigo, mas, acima de tudo, chega de ele pensar que não é bom o suficiente e negar meu toque. Eu me sento, acendo o maldito abajur e encaro Mikhail.

— *Isso acaba agora. Vou tocá-lo onde e quando eu quiser. Se eu quiser beijá-lo, você está proibido de virar a cabeça.*

Mikhail se apoia de novo nos cotovelos e olha para mim com a boca contraída.

— Querida...

— *Não. Nada de “querida”. Conversa fiada não vai te ajudar dessa vez.*

— Conversa fiada? — Ele levanta uma sobrancelha.

— *Chega de se afastar. Chega de quente e frio. Chega de mangas compridas.* — Aponto o dedo para ele. — *Se eu ver você com mangas até os pulsos pela casa, vou rasgá-las.*

Mikhail é muito bom em evitar que as emoções transpareçam em seu rosto, mas percebo a surpresa em seus olhos quando ele inclina a cabeça e me observa.

Não importa que eu o conheça há apenas um mês. Que nosso casamento tenha sido arranjado como um acordo de negócios, sem que eu tivesse voz ativa no assunto. Eu não dou a mínima. Ele é meu e lutarei contra tudo e todos que tentarem afastá-lo de mim, mesmo que seja o próprio Mikhail.

— *E eu vou beijar você em qualquer lugar. Entendeu? Se for preciso, eu posso desenhar. Em todos os lugares. Sim, seu olho está fodido.*

Mesmo assim eu quero beijá-lo. — Cerro os dentes e o encaro. — E você vai deixar. — Afundo o dedo em seu peito e continuo: — Porque estou apaixonada por você. Por cada pedacinho de você. Inclusive sua personalidade rabugenta. Lide com isso.

Tomo fôlego, cruzo os braços e fico olhando para ele, que me encara sem piscar. Ele está tão imóvel que, por um segundo, me pergunto se parou de respirar, mas, de repente, ele se lança contra mim e me vejo com o corpo de Mikhail esparramado sobre o meu. Ele ainda não diz nada, apenas segura meu rosto entre as mãos e abaixa a cabeça até nossos narizes se tocarem. Seu polegar direito traça o contorno da minha bochecha e do meu queixo, e depois pousa nos meus lábios.

— Fale de novo — ele sussurra, olhando para mim como um falcão, como se procurasse alguma armadilha. Encaro seus olhos e sustento seu olhar, desejando que ele veja que estou dizendo a verdade.

— *Estou... perdidamente... apaixonada... por você* — sinalizo e, no segundo seguinte, a boca de Mikhail se choca contra a minha.

Ele rola com os braços em volta das minhas costas, levando-me junto, até que eu esteja deitada sobre ele, sem interromper o beijo. Ele me aperta com tanta força que é difícil respirar.

— *Ya lyublyu tebya vsey dushoy, solnyshko* — diz ele no meu ouvido. — *Ya ne pozvolyu nikomu zabrat' tebya.*

Sorrio e beijo sua sobrancelha esquerda. Depois, passo para o lado direito de seu rosto e percorro com o dedo a cicatriz mais grossa, do alto da testa até o queixo.

— *Você é... tão duro... meu marido.* — Beijo sua sobrancelha direita e depois o canto de seu olho direito. Ele não se afasta. Beijo novamente.

— E você é maluquinha, *dusha moya*. — Ele suspira.

— Só... por você... Mikhail.

Ele pousa o dedo em meus lábios.

— Chega. Pare de se machucar.

Eu sorrio e deslizo minha mão pelo seu peito.

— Me... obrigue.

MIKHAIL

Depois de ler a mensagem do nosso contato no México, ligo para Roman imediatamente.

— Angelo Scardoni está transferindo o produto — digo assim que ele atende. — O que você quer que eu faça?

— Tem previsão de quando vão cruzar a fronteira?

— Em algum momento da noite de quinta-feira.

— Encontre um bom lugar para interceptá-los depois que cruzarem e os exploda.

— Tem certeza?

— Bruno incendiou meu depósito. Anton ainda está internado com queimaduras de terceiro grau. Quero que o produto desapareça.

— Tudo bem.

— E garanta que eles saibam que fomos nós — declara Roman e encerra a ligação.

Guardo o telefone no bolso, pego uma cadeira e a coloco na frente de um homem sentado com as mãos e as pernas amarradas no meio da sala. A palma de suas mãos está virada para cima, mostrando sua pele vermelha e com bolhas.

Sento, me recosto na cadeira e encaro o italiano idiota. Ele tem vinte e poucos anos, está um pouco acima do peso e usa jeans e uma camiseta de grife. Não parece ser um soldado raso. Provavelmente é sobrinho de alguém, alguns degraus abaixo e buscando uma maneira de subir na hierarquia ao assumir a tarefa de incendiar o depósito da Bratva. Imbecil. E, pela forma como seus olhos me fitam – enormes e sem piscar –, está morrendo de medo.

— Então você gosta de queimar coisas, Enzo? — Aceno para suas mãos queimadas. — Você precisa praticar mais.

Ele balbucia algo que não consigo entender através da mordação. Não importa, ele não está pronto para me dar as informações de que preciso.

Ainda não. Dou no máximo quinze minutos.

— Uma queimadura dói pra caramba. Basta o toque mais leve e a dor penetra até a coluna vertebral. Vou lhe mostrar. — Eu me inclino e pressiono de leve meu polegar no meio da palma da mão de Enzo.

Ele dá um pulo tão forte na cadeira que quase tomba para o lado, e há um som de chiado que sai pelo pano em sua boca, como um animal preso em uma armadilha.

— Sabe, eu realmente odeio torturar pessoas — eu digo. — É demorado, desagradável e, no final, todo mundo fala. Seria bom se pudéssemos pular a parte desagradável, porque dá muito trabalho lavar o sangue. Sabe quantos ternos meus foram parar no lixo este mês? Quatro. — Apoio os cotovelos nos joelhos e olho para ele. — Gosto deste terno, Enzo. Agradeceria se você me dissesse o que eu preciso saber, e eu o deixaria ir. Simples assim.

Pego uma das facas menores alinhadas na mesa de metal ao meu lado e examino a lâmina. Quando me viro para Enzo e coloco a ponta dela sobre sua palma, ele começa a se debater com as amarras. Ele balança a cabeça, tentando dizer alguma coisa, mas eu o ignoro e faço um longo corte diagonal em sua pele queimada. Ele consegue gritar mesmo amordaçado. Eu me recosto novamente na cadeira, tomo um gole da garrafa de água que mantenho sobre a mesa e espero ele se acalmar.

Enzo para de se debater depois de mais ou menos um minuto e se afunda na cadeira, respirando pesado pelo nariz. Espero mais alguns minutos e, em seguida, pego uma caixa de fósforos.

— Bem, testamos o tato e a faca até agora. — Acendo um fósforo e o coloco na frente do rosto de Enzo. — Você acha que aquilo doeu?

Ele assente com a cabeça e começa a chorar.

— Não foi nada comparado a um fósforo aceso na pele já queimada.

Uma mancha úmida aparece na calça jeans de Enzo enquanto ele observa a chama, com os olhos injetados de sangue. Solto o fósforo e ele cai na poça de mijo no chão, entre os pés do Enzo, por pouco não atingindo sua mão.

— Parece que minha visão não é mais como antes. — Eu suspiro. — Ainda bem a caixa está cheia.

Pego outro fósforo e olho para Enzo.

— Ou talvez possamos conversar agora? Diga, Enzo, quanto tempo você acha que passou desde que entrei aqui? Uma hora? Um pouco mais,

talvez? — Acendo o fósforo e levanto a mão. — Já foram oito minutos. O tempo passa devagar quando se está com dor. Então, vamos fazer o seguinte. Vou tirar a mordaca. Você vai falar. Se eu achar que está mentindo ou omitindo algo, coloco a mordaca de volta e ela permanecerá por mais duas horas. Você não vai querer ficar na mesma sala que eu por duas horas, Enzo.

Inclino para a frente até meu rosto ficar bem na frente do dele.

— Sabe, eu ainda nem comecei com você. Isso foi só para nós dois nos conhecermos e para eu medir seu limite de dor. Ele é muito baixo, Enzo. O que significa que eu provavelmente começaria com suas unhas, depois passaria para seus dedos e dentes. Presumo que levaria as duas horas que mencionei, e tenho certeza de que você cantará como um passarinho quando eu tirar a mordaca depois disso. Mas, a essa altura, você não terá mais dedos nem dentes. Acho que você deveria aceitar o acordo que estou oferecendo.

Ele funga e faz que sim com a cabeça.

— Boa escolha. — Apago o fósforo e me levanto para tirar a mordaca de Enzo.

Ele começa a falar no momento em que sua boca está livre.

*

Saio da sala dez minutos depois e, atravessando o armazém vazio, pego meu celular e ligo para Roman.

— O incendiário falou. Foi o Bruno. Ele orquestrou tudo — eu digo. — E eles pegaram as drogas de Diego Rivera, não de Mendoza.

— Aquele filho da puta. Quando pedi para Diego dobrar as quantidades para nós, ele disse que já estava muito sobrecarregado.

— Pelo que Enzo contou, parece que a polícia matou Manny Sandoval, e Diego Rivera assumiu o negócio dele. Foi assim que ele conseguiu mais produtos.

— Droga! — ele pragueja. — Sempre tem alguma merda acontecendo lá embaixo.

— Sim. E temos outro problema. — Aperto a ponte do meu nariz e suspiro. — Não podemos explodir o transporte, Roman.

— E por que não?

— Bruno decidiu entregar um presente para a Dushku junto com o produto. Há uma garota no caminhão.

— É brincadeira? Isso não parece coisa da Dushku.
— Era para ser uma surpresa.
— Seu sogro é um filho da puta doente.
— É. E agora?
— Ponha alguém na cola deles. Quando eles pararem para descansar, tire a garota de lá e depois mande a coisa pelos ares.
— Certo.
Guardo o telefone de volta no bolso, entro no carro e dou a partida.

BIANCA

— Eu não gosto de boates, Bianca.
— *Por favor? Eu prometi à Milene.* — Faço cara de triste. — *E você disse que me levaria para dançar, lembra?*

A amiga de Milene, Caterina, queria ir a algum lugar para comemorar o aniversário. Minha irmã propôs o Ural, um dos clubes da Bratva. Eu disse que não era prudente, mesmo com a trégua entre os dois lados. Mas ela insistiu, dizendo que se Mikhail e eu fôssemos junto, nada aconteceria. Se o papaizinho descobrir, ela vai se ferrar.

— Eu disse “vamos ver”. — Ele passa a mão no meu cabelo. — Quando?

— *Esta noite.* — Eu sorrio. — *Já combinei com a Sisi para cuidar da Lena. Ela deve estar chegando.*

— Então você tinha certeza que eu diria sim. — Ele se abaixa até que nossas cabeças fiquem no mesmo nível. — Roman estava certo. Você me tem na palma da mão.

— *Isso é ruim?* — pergunto, e observo como ele pega minha mão e coloca a ponta do meu mindinho em seus lábios.

— Não. — Ele beija meu dedo. — Quem mais vai?

— *Milene e Caterina. E a Andrea, a neta do don. Talvez a irmã dela também, Isabella.*

— A nova esposa do Rossi? — Ele levanta a sobrancelha. — Vou ligar para o Pavel e avisar que precisaremos de mais segurança.

MIKHAIL

Música alta demais, gente demais, álcool demais. Nunca curti boates quando era mais novo, e agora simplesmente as detesto. Todos sabem disso e, quando Pavel espalhar que fui a Ural com Bianca, essa história vai dar pano pra manga.

Guio as garotas até a mesa no canto e me viro para ter certeza que os quatro seguranças organizados por Pavel estão a postos. Somados aos guarda-costas de Andrea e Isabella, são sete homens cuidando de quatro garotas. Considero isso mais do que suficiente. Pego a mão de Bianca e a puxo para o lado, perto da extremidade do bar, onde há mais luz.

— E aí, o que achou?

— *Adorei*. — Ela sorri para mim. — *Muito chique*.

— Pavel gosta de exageros. — Seguro a nuca dela e a faço olhar para cima. — Só vim porque você pediu. Odeio esses lugares. E essa aversão está aumentando mais a cada segundo.

Bianca estreita os olhos para mim e desenha com a mão um ponto de interrogação em meu peito. Adoro quando ela faz isso.

— Porque eu reparo em cada homem que olha para você, e há pelo menos cinquenta deles aqui — eu digo, depois chego perto e sussurro em seu ouvido: — Tenho medo que alguém tente tirar você de mim, e sinto essa compulsão de matar todos eles antes que tenham a chance de tentar.

Com um suspiro, Bianca sobe no banco do bar atrás dela, segura meu rosto e me puxa entre suas pernas. Ela encosta o nariz no meu e começa a acariciar meu rosto, sustentando meu olhar fixo, sem piscar. Começa pelo meu queixo, passa ternamente pelas minhas bochechas e depois enterra os dedos em meus cabelos. Fecho os olhos e me deixo afogar no calor de seu toque, esquecendo das pessoas à nossa volta. Um beijo pousa no lado direito do meu queixo, logo acima da cicatriz mais pronunciada. Ainda acho inesperado como ela toca meu rosto arruinado com tanto carinho. Outro beijo, dessa vez na ponta do meu nariz, e sinto meus lábios se curvarem em um sorriso. O próximo beijo chega ao canto da minha boca e depois à minha bochecha esquerda. Mantenho meus olhos fechados, aguardando o que virá a seguir. A sobrancelha esquerda. Depois, minha bochecha direita. A ponta do meu nariz novamente. Meu sorriso se alarga ainda mais.

— Você fica... — um sussurro suave bem perto do meu ouvido — ... tão lindo... quando sorri.

Eu a abraço com mais força e encosto minha bochecha na dela. Meu pequeno e bobo raio de sol.

— Ninguém... — outro sussurro — ... se compara... a você.

Ela segura meu pescoço com ambas as mãos, e sinto sua respiração perto da minha orelha quando ela aproxima ainda mais a boca.

— Eu amo você... Mikhail.

Afundo meu rosto no pescoço de Bianca e respiro fundo, inalando seu perfume. Ela não faz ideia do que provoca em mim quando a ouço dizer meu nome. Isso me quebra e me reconstrói todas as vezes. Cada toque dela derrete minhas entranhas.

— Se soubesse como estou loucamente apaixonado por você — digo em seu pescoço —, você estaria apavorada, Bianca.

Ela se afasta um pouco para me olhar nos olhos, sorri e cutuca o nariz no meu.

— Jamais — diz ela, e então colide seus lábios com os meus.

BIANCA

Faz cinco minutos que o telefone está no balcão à minha frente, com a janela de mensagem aberta. Nina e eu trocamos números quando fomos à casa do Pakhan na outra noite, e estou planejando mandar uma mensagem para ela há dias, mas não sei se ela vai querer responder às minhas perguntas. Não somos exatamente amigas, mas não tenho mais ninguém para perguntar, além do Mikhail. Tenho certeza que ele me diria se eu perguntasse, mas, se minhas suspeitas estiverem certas, não quero obrigá-lo a falar sobre isso. Pego o celular e começo a digitar.

19:09 Bianca: Oi, é a Bianca. Você está ocupada?

19:11 Nina: Não acho que estar com a cabeça sobre a privada desde as seis da manhã seja considerado estar ocupada. Ha ha ha. Não é divertido, isso é certo. Sabe quando dizem que o enjoo matinal dura só dois meses? É MENTIRA! Estou vomitando desde a terceira semana, e a parte do “matinal” também não é verdade. Vocês dois topam vir tomar um café? Como está o Zangado?

Dou uma olhada na última linha e bufo.

19:14 Bianca: Mikhail ainda está no trabalho. Ele sabe que você o chama de Zangado?

19:14 Nina: Claro que sabe. Ele não vem aqui com frequência, mas quando vem, geralmente fica cismado em um canto.

19:15 Bianca: É, ele faz muito isso. Eu queria lhe perguntar uma coisa. É sobre o Mikhail. Mas se não se sentir à vontade para responder, é só dizer, não tem problema.

19:16 Nina: Claro. Manda.

19:16 Bianca: Você sabe o que aconteceu com ele?

Alguns minutos se passam até Nina responder.

19:18 Nina: Sei. Roman me contou.

19:18 Bianca: Ele foi torturado, não foi? Eu vi as cicatrizes, e elas não são resultado de um acidente ou algo do tipo. São muito precisas, quase

clínicas. As costas dele estão cobertas de chicotadas. Por favor, pode me dizer quem torturou o meu marido? E por quê?

19:20 Nina: Foi o velho Pakhan. O pai de Roman.

Fico encarando a resposta dela, chocada. O pai de Roman fez aquilo? O telefone começa a tocar na minha mão. É Nina. Eu atendo.

— Sei que você não pode responder, mas acho que é melhor eu falar do que escrever. É... é uma história bem ruim, Bianca.

A voz de Nina está baixa e sufocada, diferente de seu tom alegre habitual, o que me diz que o que ela vai relatar provavelmente é pior do que eu poderia imaginar.

— Eu só sei o que Roman me contou, e ele não entrou em detalhes. Vou lhe dizer o que sei. Você pode dar uma batidinha no telefone para dizer “sim”, ok?

Bato no aparelho com a unha.

— Prometa que não pedirá ao Mikhail para falar sobre isso. Em hipótese alguma. Por favor.

Sim, definitivamente é pior do que eu pensava. Dou outra batidinha.

— O pai de Mikhail cuidava das finanças do antigo Pakhan. Um dia, uma grande quantia de dinheiro desapareceu, simplesmente sumiu da conta do Pakhan. Alguns milhões. Ele concluiu que o pai de Mikhail tinha algo a ver com isso, então levou toda a família dele a um dos antigos armazéns. Ele matou a mãe de Mikhail. Depois, ordenou que um de seus homens... estuprasse a irmã dele. Mikhail e o pai assistiram.

Meu Deus! Minhas pernas tremem e sinto que vou passar mal, então me sento no chão da cozinha e apoio a testa nos joelhos.

— Como o pai de Mikhail ainda não conseguia dizer onde estava o dinheiro, o Pakhan decidiu que precisava de um incentivo melhor — diz Nina e, pela sua voz, sei que ela está chorando. — Não sei o que ele fez com Mikhail para que o pai dele falasse, mas, com base no que você me disse, posso deduzir. Roman disse que ele e Maxim encontraram Mikhail e sua família no dia seguinte. Todos, exceto Mikhail, estavam mortos. Ele tinha apenas dezenove anos, Bianca.

Há um zumbido em meus tímpanos, como uma TV fora do ar, cancelando qualquer outro som ao redor. Minha visão embaça com as lágrimas e, quando me levanto, bato o quadril no balcão, mas ignoro a dor e corro para o quarto de hóspedes. Sentindo um frio insuportável, eu me enfio na cama sob o grosso cobertor, ainda com o celular no ouvido.

— Roman matou o pai dele mais cedo naquele dia, quando o encontrou tentando sufocar a Varya — ela continua. — Ele soube dos detalhes pelos dois homens que estavam no armazém com o velho Pakhan. Ele também matou os dois. Mesmo após tantos anos, ele não se perdoa por tê-los matado e por ter tirado de Mikhail a oportunidade de fazer o mesmo.

Ouçõ uma fungada do outro lado, seguida de algo batendo e um palavrão sussurrado.

— Estou enjoada de novo. Não sei se é por ter contado isso ou pela gravidez. Provavelmente os dois. Tenho que voltar a vomitar. Se precisar saber de mais alguma coisa, mande uma mensagem e eu perguntarei ao Roman. Mas... não pergunte ao Mikhail.

Bato a unha no telefone e o deixo sobre o cobertor, depois enterro o rosto no travesseiro. E choro.

A porta do quarto se abre algumas horas depois, mas mantenho a cabeça coberta e finjo que estou dormindo. Não posso deixar Mikhail me ver nesse estado; ele saberá na hora que aconteceu alguma coisa. Ouçõ seus passos se aproximarem da cama e, um instante depois, sinto um beijo na minha cabeça. Ele sussurra palavras em russo e depois se vai. Choro por mais uma hora depois que ele sai, tentando entender como uma pessoa que passou por algo como Mikhail pode ser tão carinhosa e amorosa.

Quando entro no banho, meu rosto ainda está vermelho e meus olhos inchados. Pelo menos agora está escuro, e o inchaço já deve ter desaparecido pela manhã.

A luz está apagada quando entro em nosso quarto. Mikhail está deitado de lado, dormindo, de costas para a porta. Vou na ponta dos pés até a cama, entro debaixo do cobertor e coloco a cabeça no travesseiro, enterrando o rosto no pescoço de Mikhail.

— Pensei que estivesse dormindo — diz ele.

Acaricio as costas dele, sentindo os sulcos pelo caminho, depois passo para o estômago e para a grande porção de pele morta onde ele foi queimado e, finalmente, para a cicatriz longa e fina no peito.

— Eu amo você. — Minha voz sai muito fraca, mas sei que ele me ouve, pois me abraça pela cintura e me aperta contra seu peito.

MIKHAIL

— Estarei aí em uma hora — digo a Maxim e desligo o telefone.

Quando saio da academia, Bianca levanta os olhos do café e me segue com o olhar pela cozinha. Deixei minha camiseta na academia, e é estranho estar na frente de alguém com meu peito e costas expostos de forma tão casual. Acho que ninguém me viu sem camisa por mais de uma década. Ela me observa por cima da borda da xícara, e seu olhar vai da minha barriga até o meu peito, mas não há relutância em seus olhos. Ela percorre meu corpo e, pelo modo como ergue um canto da boca, gosta do que vê.

Abro a geladeira para pegar uma garrafa de água quando sinto um toque repentino na minha lombar, um dedo subindo em minha pele e depois descendo ao longo da coluna. Outro dedo em meu bíceps direito, passando para a frente e descendo pelo peito. Quando chega ao cós do meu moletom, ela desliza a mão para dentro, segura meu pau e se apoia nas minhas costas.

— Caramba, querida... Preciso estar na casa do Pakhan em uma hora.

A mão de Bianca escorrega para dentro da minha cueca e envolve meu pau já duro. Ao mesmo tempo, sinto sua língua em minhas costas, lambendo minha coluna. Eu não aguento. Um rosnado ecoa do meu peito quando me viro e, agarrando-a pela cintura, eu a jogo sobre meu ombro e corro para o quarto.

Assim que a coloco no chão, Bianca agarra o cós do meu moletom e o abaixa junto com minha boxer. Um sorriso malicioso se espalha em seu rosto quando ela me empurra para a cama, depois se arrasta sobre mim e encosta sua boca na minha. Ela morde meu lábio, depois desce, passando beijos pelo meu pescoço e peito, e para quando chega à barriga.

— *Parece que nossos papéis se inverteram desta vez* — ela sinaliza, sorrindo.

— Ah, é? Como assim?

— *Eu ainda estou vestida. Já você, está completamente nu.* — Ela passa o dedo pela minha barriga e roça meu pau em riste. — *À minha mercê.*

Eu me pergunto se ela percebe o quanto sua declaração é verdadeira. Ela poderia apertar uma arma na minha têmpora e puxar o gatilho, e eu não moveria um dedo para impedi-la. Enquanto a observo, ela se inclina e lambe a cabeça do meu pau, e preciso de muito controle para não gozar na mesma hora. Outra lambida circundando a glândula, e então ela o leva

lentamente à boca. Respiro fundo e agarro sua trança, que caiu sobre seu ombro.

Enrolo a trança na mão, uma, duas e depois uma terceira vez, até chegar à nuca. Em seguida, puxo até Bianca liberar meu pau de sua boca com um estalo e olhar para mim. Aperto seu cabelo e vejo como ela arqueia seu delicado pescoço. Ela parece tão frágil, mas não importa. Ninguém ousará colocar um dedo nela nunca mais, porque agora ela tem seu próprio monstro para protegê-la. Colocando a mão livre na lateral do pescoço dela, passo o polegar na curva de seu queixo.

— Preciso enterrar meu pau em você, querida — eu digo e aperto seu cabelo de leve. — Agora mesmo.

Bianca sorri, enfia a mão por baixo da saia e, no momento seguinte, ouço o tecido se rasgando. A mão dela volta, segurando a calcinha de renda arruinada, e a joga para o lado. Mantenho minha mão em seu cabelo enquanto ela desce sobre meu pau e começa a cavalgar, ainda usando a blusa de seda e a saia elegante. Um ligeiro som, semelhante a um grito, sai de seus lábios quando sua boceta começa a ter espasmos ao redor do meu cacete, e meu controle cai por terra. Solto seu cabelo e a agarro pela cintura, forçando-a para baixo. Bianca arfa, suas mãos apertam meus antebraços e, em seguida, ela suspira conforme eu a penetro. Sem nunca tirar os olhos dos meus, ela estremece com seu segundo orgasmo, ainda mais intenso, e minha porra começa a inundá-la. É a imagem mais bela que já vi.

*

— Esta será a primeira vez que me atraso para uma reunião com Roman. — Olho para Bianca abotoando minha camisa. — Você está me corrompendo.

Ela dá de ombros e fecha o último botão.

— *Você entrou na cozinha sem camisa. O que esperava?*

Com certeza não ela pulando em cima de mim desse jeito.

— Talvez eu pare de usar camisa em casa se for para conseguir o mesmo resultado.

— *Faça isso. E veremos.*

— Combinado. — Eu me inclino e a beijo. — Tenho que ir. Não voltarei antes do amanhecer.

Viro para sair, mas paro ao ouvi-la dizer meu nome. Sinto um aperto no peito sempre que ela faz isso, porque sei que a machuca, mas ela

continua, não importa o que eu diga.

— *Tenha cuidado.*

— Terei. — Beijo sua testa. — Me mande uma mensagem quando Lena voltar da creche.

Ela assente, coloca a mão em meu peito e traça um coração com a ponta do dedo.

— Eu também te amo, querida. — Pego seu rosto entre as mãos e encosto meu nariz no dela. — Você não imagina o quanto.

*

Levamos seis horas para organizar tudo e posicionar todos os homens. Dimitri, Yuri e três dos soldados estão esperando em uma parada de descanso, enquanto Denis, Ivan e Kostya, com mais dois soldados, aguardam na segunda parada. Não temos certeza em qual das duas o motorista de Bruno escolherá passar a noite, por isso tivemos que dividir nossas forças, o que nos deixou com pouca gente. Pavel teve que ficar para trás para vigiar os clubes e, como Anton continua no hospital, tive que trazer Sergei comigo como reserva para acompanhar o caminhão de transporte.

Ter Sergei em uma missão de campo é sempre um desastre prestes a acontecer. Ele foi banido do trabalho de campo no ano passado depois que explodiu todo o armazém irlandês, deixando apenas cinzas. Não faço ideia do que Roman estava pensando quando o enviou há alguns meses, enquanto lutávamos contra os italianos. O homem é uma bomba-relógio. Se eu já não soubesse, jamais imaginaria que os dois são meios-irmãos.

Ninguém, exceto Roman e Maxim, sabe o que Sergei fazia antes de vir para a Bratva, mas tenho minhas suspeitas. Todos em nosso círculo precisam ser hábeis com uma pistola e um rifle. Sergei domina todas as armas com as quais já entrou em contato – um rifle de precisão, rifles de assalto pesados e até lança-granadas. Ele também é especialista em todos os tipos de explosivos – caseiros e fabricados profissionalmente. Uma máquina de matar treinada por militares, provavelmente das operações secretas.

— Lembre do que combinamos — eu digo. — Os rapazes cuidarão do motorista. Você prepara o caminhão e espera até que eu tire a garota de lá. Não se desvie do plano. E não exploda a porra do caminhão enquanto eu ainda estiver lá dentro, Sergei.

— Você está nervoso hoje.
— Quero acabar com isso o mais rápido possível. Minha esposa espera que eu volte para casa e vai querer que eu esteja inteiro.
— Ainda não acredito que você se casou.
— Talvez você devesse tentar.
Ele olha para a estrada à frente por um tempo antes de responder.
— Eu já tentei. Não acabou bem.
Sério? Eu não sabia que Sergei era casado.
— O que aconteceu?
— Eu a matei. — Ele se recosta no assento e acende um cigarro. — Logo depois que ela tentou cortar meu pescoço.
— Que merda, Sergei.
— É. Com minha própria faca. Dá para acreditar? — Ele bafora uma nuvem de fumaça e se concentra no caminhão a alguns metros adiante.
Noto que ele está com olheiras.
— Você não está dormindo. De novo.
— Vou dormir quando estiver morto.
O caminhão dá o sinal para virar à direita e pega a saída. Sergei liga para Dimitri.
— Ele saiu da rodovia e está indo em sua direção. Tempo estimado de chegada: sete minutos — ele rosna, joga o telefone no painel e se recosta no assento de novo, abrindo um sorriso presunçoso. — Senti falta da ação, sabia?

Eu conheço esse sorriso. Estamos ferrados.

*

— Droga! — Enfio o pé de cabra embaixo das portas de carga do caminhão outra vez e começo a levantá-las, mas o mecanismo que as impede de descer não funciona.
— Sergei! Você já terminou?
Sua voz vem de baixo do caminhão.
— Só mais uma.
— Você já colocou o suficiente para explodir a área inteira. Deixe isso e venha aqui, a porta está emperrada.
Sergei sai de baixo do caminhão e vem para o meu lado.
— Fique aí, eu vou pegar a garota — ele diz, liga a lanterna do celular e sobe no caminhão.

Ouço seus passos avançando mais para dentro, depois o som de caixas sendo arrastadas.

— Ela está aí? — pergunto.

— Não consigo encontrá-la. Tem certeza que ela está... ah, droga! Mais ruídos e coisas sendo movidas.

— Sergei?

— Já a encontrei. Caramba, ela está em péssimo estado. — Seus passos se aproximam. — Segure a porta.

Pressiono o pé de cabra, levanto a porta um pouco mais, depois agarro a parte de baixo e a ergo acima da minha cabeça para que Sergei possa levar a garota para fora. Segurando um corpo feminino desfalecido nos braços, ele passa sob a porta e desce do caminhão. Não dá para ver as feições da mulher, pois seus cabelos estão emaranhados no rosto. O que consigo ver são os shorts e a camiseta rasgados e um braço magro pendurado. Ela é só pele e ossos.

— Vou ligar para a Varya e pedir que ela chame o médico. — Deixo a porta do caminhão cair de volta. — Podemos nos encontrar com eles no esconderijo.

— Não. Vou levá-la para minha casa.

— O quê? Você está louco?

— Eu disse que vou levá-la comigo.

Há algo estranho nos olhos de Sergei, como se ele estivesse pronto para defender sua preciosa carga de qualquer um que se aproximasse. Roman vai enlouquecer quando souber disso.

— Tanto faz. Coloque-a no carro, exploda o caminhão e vamos dar o fora daqui.

A caminho do carro, ligo para Dimitri e digo para ele pegar os rapazes e sumir. Espero Sergei colocar a garota no banco de trás e sentar na frente, mas, em vez disso, ele aperta os braços em volta dela e se acomoda no banco de trás, embalando-a. Balanço a cabeça, dou a partida e desvio para a estrada de terra que leva à rodovia.

— Pronto? — Olho pelo espelho retrovisor e vejo Sergei fitando a garota em seus braços. — Jesus, Sergei! Pegue a porra do controle remoto e exploda a porra do caminhão.

Ele levanta a cabeça, estreita os olhos e sorri para mim. O estrondo épico atravessa a noite. Meus olhos se arregalam. Será que ele programou

um cronômetro? O desgraçado poderia ter explodido nós três em pedaços se a garota tivesse nos custado mais alguns minutos.

Pego meu celular e ligo para Bruno Scardoni.

Ele atende no segundo toque.

— O que foi?

— Querido sogro. — Dou um sorriso. — A Bratva manda lembranças.

Desligo e, em seguida, ligo para Roman.

— Está feito.

— Saiu tudo como planejado?

— Mais ou menos. — Eu suspiro.

— Merda. O que ele fez? É o Sergei, eu sei disso.

— Ele quer levar a garota para a casa dele.

— Perfeito. Simplesmente perfeito. Diga a ele para... Quer saber?

Não estou nem aí. Devo mandar a Varya para lá?

— Sim. E o médico. A garota não está lá muito viva.

— Que maravilha. Preciso de você aqui amanhã às oito da manhã.

Jogo o telefone no banco do passageiro e dirijo até a casa de Sergei.

BIANCA

Sento na cama e assisto Mikhail se preparando para ir à casa do Pakhan.

— *Quando você volta?*

— Não sei. — Ele se inclina para me beijar. — Envio uma mensagem para você quando terminar.

— *Certo. Vou acordar a Lena. Ela vai se atrasar.*

— Não precisa. Eu cuido disso.

— *Mas eu quero. E eu penteio melhor o cabelo dela* — eu sinalizo e afago a bochecha dele.

Quando Mikhail sai, vou para o quarto de Lena, pego a calça e a camisa rosa com babados combinando na cômoda, depois sento ao lado dela na cama. Demoro dois minutos inteiros brincando com o nariz dela até ela finalmente acordar.

— Bianca, Bianca, mais cinco minutinhos!

Suspiro, tiro os fios de cabelo embaraçados do rosto dela e me encosto na parede. Podemos esperar mais cinco minutos.

Sisi chega no momento em que estou terminando o penteado “muitas tranças” de Lena. Lena corre para pegar sua mochila e se dirige à porta, mas depois se vira e volta correndo para mim.

— Bianca, Bianca. — Ela me beija no rosto, depois corre para se juntar a Sisi e acena. — Até logo, mamãe.

Enquanto a vejo sair, uma sensação de calor se espalha em meu peito.

*

Meu telefone toca em algum lugar quando termino meu banho. Fico tensa. Ninguém nunca me liga. Não faz sentido ligar para alguém que não consegue falar. Saio correndo do banheiro e vou até a sala de estar para procurar meu celular. Assim que o encontro embaixo da almofada no sofá, ele para de tocar. Verifico as chamadas perdidas e vejo o número de

Allegra. Deve ter acontecido alguma coisa se ela está me ligando. Retorno a chamada enquanto volto para o quarto para colocar uma roupa.

— Bianca — ela diz no momento em que a ligação é completada. — Preciso que você venha para cá imediatamente. Rápido. É a Milene.

A ligação cai, e um sentimento de pavor se instala em meu estômago. O que aconteceu com Milene? Por que ela não me disse nada?

Tento ligar de novo, mas ela não atende. Visto a primeira roupa que encontro, pego o celular e a bolsa e saio correndo do apartamento. Quando chego à calçada, começo a procurar um táxi, distraída demais com todas as possibilidades do que pode ter acontecido com Milene, e não percebo o carro que para bem na minha frente.

— Bianca! — Ouço a voz do meu pai vindo do veículo. — Vamos logo.

Ele abre a porta do passageiro e, sem pensar direito, eu entro. O som das portas se fechando me faz levantar a cabeça e olhar para o meu pai, que me encara com malícia nos olhos.

— *Cara mia* — ele zomba, e me golpeia com tanta força que eu desmaio.

MIKHAIL

Estou estacionando em frente à casa de Roman quando ouço chegar uma nova mensagem. Pensando que é de Bianca, abro a mensagem e meu sangue gela. É uma imagem de Bianca em uma poltrona reclinável velha, com as mãos amarradas nas costas. Ela está olhando para cima, provavelmente para a pessoa que tirou a foto, e seu rosto é uma máscara de raiva. Um hematoma grande e vermelho cobre a maior parte de sua bochecha, seu lábio está cortado e uma trilha fina de sangue desce do canto de sua boca.

O telefone toca na minha mão e exhibe o número de Bruno Scardoni.

— Vou te matar, Bruno — digo no momento em que atendo. — Vou garantir que seja lento e doloroso.

— Vou lhe enviar o endereço. Venha sozinho ou eu vou machucá-la.

A mensagem com um endereço nos subúrbios chega depois que ele desliga. Engato a marcha à ré e piso no acelerador.

Demoro quase uma hora para chegar a uma casa em ruínas nos arredores de Chicago. É uma estrutura decadente cercada por grama e ervas daninhas. Dois carros estão estacionados ao lado dela, bem em frente a uma porta pendurada nas dobradiças. Dois homens estão parados em cada lado dela, e vejo outro ao lado de um dos carros.

Envio uma mensagem para Denis, instruindo-o a vir para cá imediatamente, depois pego minha arma debaixo do assento e vou em direção à casa.

BIANCA

Observo meu pai recostado no sofá rasgado à minha frente, com uma arma na mão. Ele não vai me matar. Eu sei disso. Bruno Scardoni pode ser um babaca, mas ele não mataria a própria filha, né? Não tenho ideia do que está rolando, mas é evidente que algo aconteceu. Algo grande, porque eu nunca vi meu pai nesse estado. O terno está em frangalhos. Seu cabelo, normalmente penteado com esmero, está uma bagunça e, embora sua postura esteja relaxada, a mão em seu joelho treme um pouco e o polegar bate rapidamente na perna. Eu o conheço. Ele está com raiva, mas, a julgar pelo seu olhar, também está com medo.

Isso não é bom.

— Eu tinha tudo planejado. Era perfeito — diz ele, olhando para a parede atrás de mim. — Cada detalhe. Era excelente! Puxar a Bratva para uma guerra com os albaneses e depois assumir o controle dos negócios deles. O atirador do casamento me custou cinquenta mil dólares, e mais cento e cinquenta para os imbecis que deveriam ter matado o filho da puta do seu marido. Um bando de burros.

Fico olhando para ele em choque. Toda a nossa família estava na recepção do casamento! E eu estava no mesmo carro com Mikhail quando aqueles caras começaram a nos perseguir. Eles poderiam ter matado nós dois. Será que ele se importou?

— Eu estava tão confiante de que tudo sairia como planejado, até seu marido explodir meu carregamento na noite passada. Quinze milhões. Viraram cinzas. O don provavelmente já sabe. Estou fodido.

Ele olha para mim, e um sorriso louco se espalha em seu rosto.

— Mas não vou afundar sozinho. Vou matar aquele filho da puta nem que seja a última coisa que eu faça.

O som de um carro se aproximando chega aos meus ouvidos, e meu sangue gela. Não. Por favor, meu Deus, não. Puxo com mais força as amarras que estou tentando soltar nos últimos trinta minutos. Meu pulso direito já está machucado. Só preciso afrouxar um pouco mais a corda e aí conseguirei soltar minha mão.

Um tiro ecoa na frente da casa. Mais dois se seguem em uma rápida sucessão.

— Idiota de merda. — Meu pai se levanta do sofá e vem em minha direção.

Eu me inclino para trás na poltrona para esconder minhas mãos. Ele para à minha direita e aponta a arma para a minha têmpora no momento em que Mikhail irrompe pela porta. Nossos olhares se cruzam e, por um segundo, tudo o que consigo fazer é vê-lo congelado ali, com seu exterior aparentando perfeito controle. Seu olho azul escuro se concentra na arma em minha têmpora.

— Você matou meus homens? — ironiza meu pai.

— Matei. Deixe a Bianca ir embora. Isso é entre nós dois, Bruno.

— Acho que não. Acho que prefiro que ela assista. De qualquer forma, é tudo culpa dela. Não é, *cara mia*? — Ele me olha com tanto ódio que minha respiração fica presa nos pulmões. — Pelo menos uma vez na vida, você não poderia fazer o que eu digo. Fiquei tão feliz quando soube que iriam casá-la com o Açougueiro da Bratva. Ah, os planos que eu tinha. Eu me pergunto... você sabe por que chamam ele de Açougueiro?

— Bruno, não — diz Mikhail.

— Ah, você não contou? — Meu pai ri, agarra meu queixo com dois dedos e vira minha cabeça de frente para Mikhail. — Olhe para o seu marido, *cara mia*. Você sabe o que ele faz pela Bratva?

Mikhail está me fitando, com o corpo tenso e o maxilar travado, mas não diz nada. Eu já sei que ele é responsável pela distribuição da droga, então não entendo por que não fala nada.

— Ele tortura pessoas, Bianca. Eles gostam de chamar isso de extração de informações, mas, na verdade, significa que ele as espanca, corta e tudo o mais que for necessário para fazê-las abrir o bico. Olhe bem para ele e veja o verdadeiro homem pelo qual você vendeu sua família.

Olho para Mikhail, querendo que ele diga algo, que diga que meu pai está mentindo. Ele não diz. Em vez disso, fecha o punho, levanta-o lentamente até o peito e faz um movimento circular, seus olhos azuis escuros me observando com tristeza. Um sinal que significa “sinto muito”.

Fecho os olhos e respiro fundo. O mundo em que vivemos é uma merda. Eu sempre soube disso, e só estaria me enganando se acreditasse que Mikhail poderia ser qualquer coisa além de outro produto desse mundo criminoso. Cada peça de roupa minha, cada refeição que já comi, foi tudo pago com dinheiro sujo de sangue. Não sou hipócrita e não vou fingir o contrário. Se eu sou a favor da violência? Não. Eu poderia torturar alguém para obter as informações que preciso? Provavelmente não.

Abro meus olhos e olho diretamente para seu olhar azul. Será que vou amá-lo menos por causa do que ele faz? Não. Um mundo fodido cria pessoas fodidas. É provável que eu também seja uma delas, porque aceito minha realidade como ela é.

— *Eu amo você* — articulo as palavras para Mikhail e o vejo paralisar enquanto se concentra em meus lábios.

— Meu Deus, você está apaixonada por ele — diz meu pai, pasmo, e começa a rir. — Mas não se preocupe, você é bonita. Será fácil encontrar outro monstro para você se casar. — Ele se vira para Mikhail. — Tire o pente e largue a arma.

Não, não, não. Vejo Mikhail descarregar a arma e jogá-la no chão.

— Há algemas no aquecedor no canto. — Meu pai acena com a cabeça para o outro lado da sala, ainda apontando a arma para minha cabeça. — Coloque-as.

O pânico cresce no meu estômago quando Mikhail caminha até o aquecedor. Ele senta no chão, fecha um dos aros da alga no pulso direito e o outro no cano. Meu pai vai matá-lo.

— Bruno, por favor. Deixe a Bianca ir embora. Você pode fazer o que quiser comigo, mas deixe sua filha ir.

— Não sei... — Ele abaixa a arma e dá alguns passos em direção a Mikhail. — Acho que devo deixá-la me ver matando você. Talvez isso a torne mais sensata.

Ignorando a dor lancinante, puxo minhas amarras com toda a minha força, girando a mão de um lado para o outro. Quando sinto que ela se soltou, um tiro atravessa o ar. Levanto a cabeça e vejo, horrorizada, o sangue começar a jorrar do ombro de Mikhail.

— Você não achou que eu o deixaria escapar tão fácil, achou? Tenho mais balas aqui e vou me certificar de que apenas a última seja fatal. — Meu pai dá mais um passo em direção a Mikhail e inclina a cabeça de lado. — O que devo escolher em seguida? Uma perna, talvez? Ou o outro ombro? Bem que você poderia me dar umas orientações, já que é a sua especialidade.

Eu me levanto e corro para pegar a arma de Mikhail no chão, perto da porta.

— Bianca! — grita meu pai. — Que merda você acha que está fazendo? Largue isso. Você vai se machucar, sua idiota!

— Fuja daqui! — Mikhail grita. — Agora, Bianca!

Eu ignoro os dois. Não vou fugir, e sem dúvida vou machucar alguém. Mas não serei eu. Olho para o meu pai, que está três metros à frente de Mikhail, pego a arma com uma das mãos, coloco o pente e engatilho. Não levo mais do que poucos segundos; pratiquei isso muitas vezes com Angelo. A expressão do meu pai ao me ver apontando a arma para ele não tem preço.

Por alguns instantes, ficamos parados olhando um para o outro, minha arma direcionada para o peito dele.

— Você não tem coragem, *cara mia*. — Ele sorri e começa a se virar para Mikhail.

Não, acho que não tenho coragem de matar meu pai. Respiro fundo, miro na coxa dele e puxo o gatilho.

Bruno Scardoni grita e deixa a arma cair de sua mão. Ele desaba no chão, segurando a coxa que sangra.

Avanço até ficar bem na frente dele.

— Essa é por mim — eu murmuro, depois miro novamente, dessa vez em seu ombro, e atiro. O corpo dele sacode e ele cai de costas. — Essa é... pelo meu marido.

Ignorando o chororô do meu pai, chuto a arma dele para longe.

— Bianca, me dê a arma, querida.

Olho para Mikhail com o braço estendido, vou até ele e deposito a arma em sua mão livre.

MIKHAIL

— Bianca, olhe para mim, *solnyshko*.

Ela ergue os olhos até os meus, e vejo que está chorando.

— Posso matá-lo, querida? — Olho para Bruno, que está ofegante no chão. Se Bianca não estivesse aqui, ele já estaria morto, mas não vou matá-lo na frente dela, a menos que ela queira.

Ela balança a cabeça, tira a camiseta e a enrola. Agachada na minha frente, só de sutiã e jeans, pressiona o tecido no sangramento em meu ombro. Minha mão ainda está algemada ao cano do aquecedor e meu ombro grita de dor, mas não vou arriscar que ela se aproxime daquele cretino para procurar a chave. Em vez disso, passo meu braço livre em volta dela e a seguro contra meu peito, cuidando para que a arma em minha mão não encoste nela.

A porta bate com tudo na parede. Denis entra com a arma em punho e examina o ambiente.

— Olhos para o chão — eu ordeno. Ninguém vai ver minha esposa seminua a não ser eu, e que se danem as circunstâncias. — A chave das algemas. — Faço um sinal com a cabeça em direção a Bruno. — Amarre a perna dele com alguma coisa e ligue para Maxim. Mande alguém vir buscá-lo e o entregar ao don.

Denis encontra a chave em um dos bolsos de Bruno e se apressa em me libertar.

— Precisamos te levar para o hospital, chefe — ele resmunga.

— Não. Nosso médico cuidará disso. Nada de hospital por causa de um tiro, a menos que seja necessário. Vamos pegar o seu carro.

— Por que é sempre o meu carro para levar gente vomitando ou sangrando? — Denis resmunga, depois liga para Maxim.

Coloco um dedo sob o queixo de Bianca e levanto sua cabeça.

— Você está bem, *dusha moy*?

Ela pega minha mão e a coloca sobre a camiseta que está pressionando em meu ombro. Então, segura meu rosto com ambas as mãos e me beija.

— Não. Mas vou ficar — ela sinaliza e me beija de novo.

— Precisamos estabelecer algumas regras, Bianca. Quando eu disser para você fugir, você foge. Está claro?

— E deixar você para ser morto?

— Sim.

Bruno poderia tê-la matado. Não achei que ele faria isso, mas eu nunca arriscaria a vida dela, mesmo com só 1% de chance de ela acabar ferida.

— *Não posso prometer isso. Sinto muito.*

— Bianca, querida, se você não prometer, vou trancá-la no apartamento e colocar dois homens na porta. Estou tão zangado com você pelo que fez lá fora. Por favor, não me ponha à prova.

— *Tudo bem.*

— Tudo bem o quê? Tudo bem, você promete que vai fazer o que eu disser?

Ela dá um sorrisinho, passa os braços em minha cintura e encosta a cabeça no meu peito.

BIANCA

Não sei o que me faz levantar a cabeça do peito de Mikhail e olhar para o meu pai, caído no chão a uma dúzia de passos atrás de Mikhail. Por um minuto, parece que ele ainda está desmaiado, mas então meus olhos caem em sua mão direita enfiada no paletó. A cena acontece em câmera lenta. Ele traz a mão de volta com uma arma em punho, lança um olhar furioso para nós e abre um largo sorriso. A arma está apontada para as costas de Mikhail. Contorno Mikhail e corro em direção ao meu pai. Alguém dá um grito. Um braço forte envolve minha cintura e vira meu corpo. Minhas costas são esmagadas contra o peito de Mikhail. Dois tiros explodem quase ao mesmo tempo em algum lugar atrás de mim. Sinto quando Mikhail estremece e dá um passo à frente, ainda me segurando junto a si. Um beijo aterrissa no topo da minha cabeça.

— Nunca mais se atreva a tentar levar uma bala destinada a mim — ele sussurra no meu ouvido.

Ele afrouxa o braço à minha volta enquanto Denis olha para o corpo imóvel do meu pai, depois se vira e corre em nossa direção. Solto um suspiro, agradecida por tudo ter terminado, e abraço Mikhail. Sua camisa está molhada. Afasto a palma da minha mão direita – vermelha. O horror se instala em meu estômago quando vejo Mikhail cambalear, mas Denis consegue ampará-lo.

— Pegue o meu carro! — Denis grita, apoia o braço de Mikhail em seus ombros e o arrasta em direção à porta. — Agora, Bianca!
Eu corro.

BIANCA

Sinto a mão de alguém em meu ombro e abro os olhos. Nina está sentada em uma cadeira ao meu lado, me observando.

— Novidades? — ela pergunta, mas eu só balanço a cabeça.

Levaram Mikhail para a cirurgia assim que chegamos ao hospital ontem. Durou quatro horas. O médico disse que a bala atingiu o pulmão, mas que tudo deve ficar bem e que ele receberá alta da UTI hoje. Fiquei esperando a enfermeira dizer para qual quarto ele seria transferido, mas fui informada de que uma hemorragia interna começara e que teriam de levá-lo para outra cirurgia de emergência. Isso foi há seis horas.

— Denis trouxe algumas roupas para você. — Nina pega minha mão. — Uma toalha e alguns cosméticos também. Você precisa tomar banho, se trocar e depois comer alguma coisa.

Eu me enrolo na jaqueta que Denis me deu e balanço a cabeça. Não vou sair desta cadeira até alguém me dizer que Mikhail está bem.

— Tem uma sala vazia logo ali. Voltaremos em dez minutos, no máximo. Roman ficará aqui e nos ligará se derem notícias. Se o Zangado te ver assim, ele vai pedir o divórcio. Você sabe disso, né?

Olho para o Pakhan a alguns passos à minha direita e ele acena com a cabeça.

— Estarei bem aqui e chamarei você se o médico aparecer.

Desdobro minhas pernas e me levanto devagar. Não tenho ideia de quantas horas estou sentada nessa posição e sinto minhas pernas rígidas, como se todo o fluxo sanguíneo nelas tivesse parado. Demoro menos de dez minutos para tomar banho, escovar os dentes e vestir a calça jeans e a camiseta que encontrei na mochila. Recolho os cosméticos para guardá-los de volta quando noto um capuz cinza dobrado no fundo. Eu o tiro de lá e começo a chorar novamente. É o que eu roubei de Mikhail. Denis deve tê-lo enfiado ali pensando que era meu. Não estou com frio, mas o visto mesmo assim e volto para a sala de espera.

Nina olha para mim quando entro e sorri, mas o sorriso não chega aos seus olhos.

— Que merda, meu bem. É do Zangado?

Assinto e tento evitar que as lágrimas voltem a cair.

Nina funga e me abraça.

— Ele vai ficar bem, você vai ver. — Ela funga de novo. — Venha. Vamos procurar algo para você comer.

Uma hora depois, o médico sai da sala de cirurgia e informa que a cirurgia correu bem. Ele nos diz para irmos para casa e voltarmos pela manhã, já que Mikhail não receberá alta da UTI antes disso, mas eu balanço a cabeça e volto para o banco. Não vou a lugar nenhum.

Do outro lado do corredor, Roman e Nina começam a discutir, mas eu só entendo a parte em que ele ameaça carregá-la para casa se ela não for embora. Quinze minutos depois, dois homens de terno chegam. O mais velho, de óculos, se aproxima de Roman e lhe entrega um laptop. Eles se sentam no final do corredor e conversam sobre algo. O outro segue Nina quando ela se coloca na minha frente e pega minha mão.

— Tenho que ir. Roman ameaçou me amarrar na cama se eu não for para casa e descansar, mas voltarei logo pela manhã. Se precisar de alguma coisa, me mande uma mensagem, ok?

Aperto a mão dela e balanço a cabeça.

— Maxim e Roman ficarão com você. — Ela acena para os dois. — Maxim combinou com a enfermeira para que você fique no quarto de Mikhail até que o tragam. Tente dormir um pouco.

Acho que não vou conseguir, mas faço que sim com a cabeça mesmo assim.

A enfermeira chega pouco depois que Nina sai e me leva para o quarto onde tomei banho mais cedo. Caio no sofá ao lado da janela, pego meu celular e envio uma mensagem para Sisi perguntando sobre Lena. Não contamos a ela o que aconteceu.

Navego pelo telefone, passando por cerca de vinte mensagens de Milene perguntando sobre Mikhail e se preciso de alguma coisa. Ela pergunta também se vou ao funeral do meu pai amanhã. Respondo que não houve alteração no estado de saúde de Mikhail, ignoro a parte do funeral e jogo o celular na poltrona ao meu lado. Por mim, espero que meu pai queime no inferno.

*

A porcaria da máquina de venda automática travou. Dou uns tapas nela, mas nada acontece. Suspirando, deixo a máquina pra lá e vou para a cafeteria do outro lado do hospital. Não estou com fome, mas comecei a sentir tontura na última hora, provavelmente meu corpo me dizendo que não comi nada além da salada que Nina me obrigou a engolir ontem.

Ao me aproximar da porta deslizante que dá acesso ao refeitório, noto meu reflexo no vidro. Meu cabelo está tão bagunçado que parece que levei uma surra. Meu rosto está pálido como um fantasma, exceto pelas bolsas escuras sob os meus olhos, e, por um segundo, eu me pergunto se devo entrar com toda aquela gente ali. Estou um trapo, mas então decido que não dou a mínima. Escolho o menor sanduíche que encontro e uma limonada, e termino os dois no caminho de volta. Quando viro a esquina, uma enfermeira sai do quarto e me alcança. Lembro dela da noite passada, quando me deu um cobertor.

— Acabamos de trazer seu marido para o quarto. Ele ainda está sedado, mas logo acordará, então me avise quando ele acordar, está bem?

Quando não digo nada, ela sorri e aperta meu braço de leve para me tranquilizar.

— Ele vai se recuperar, querida, não se preocupe. Fale com ele, isso o ajudará a acordar.

Roman e Maxim estão me observando logo adiante no corredor. Eu me viro para a porta aberta a poucos passos à frente, mas minhas pernas se recusam a obedecer. Não sei por que, mas de repente estou com medo de entrar. Respiro fundo, depois respiro mais uma vez e, por fim, consigo dar os passos necessários para entrar no quarto.

Mikhail está deitado, com a cabeça inclinada para o lado, coberto até o peito por um lençol branco. Há um suporte para soro na lateral da cama e vários tubos e fios. Alguns deles estão conectados a um pequeno monitor acima e, por um momento, fico paralisada ao ver a linha pulsante que mostra seus batimentos cardíacos.

Puxo uma cadeira até o lado da cama e me sento. Quero pegar a mão dele e colocá-la no meu rosto, mas tenho medo de machucá-lo, então me aproximo e deito minha cabeça ao lado do travesseiro dele. Por um tempo, fico só olhando para ele, odiando como ele está quieto, até que tomo

coragem para colocar a palma da minha mão em sua bochecha. Alguém removeu seu tapa-olho. Ele não vai gostar disso.

A enfermeira disse que conversar o ajudaria a acordar. Não tenho certeza se serei boa nisso, mas darei o meu melhor.

MIKHAIL

Acordo com um som fraco no meu ouvido. Tento abrir os olhos, mas, como não consigo, me concentro no som. A princípio, é como uma vibração em minha cabeça, mas, aos poucos, se transforma em uma voz. É muito baixa, quase um sussurro, e preciso prestar atenção para entender as palavras.

— Você me deixou com tanto... medo.

O ar tem cheiro de hospital, mas não sei como cheguei aqui. Minha cabeça parece estar em um nevoeiro.

A voz continua sussurrando:

— Quando você estiver... melhor... eu vou... esganar você.

Aos poucos, minha mente volta aos trilhos, e me lembro. Quando entrei naquela casa e encontrei Bruno com uma arma na cabeça de Bianca. Bianca correndo em direção ao pai enquanto ele apontava a arma para mim. O pânico que me consumiu quando percebi o que estava acontecendo. Meu *solnyshko*, que tentou se colocar entre mim e a bala. Não sei o que eu teria feito se a bala tivesse atingido ela no meu lugar.

— Eu amo você... por favor... acorde.

As últimas palavras se perdem. Há quanto tempo ela está falando? Eu quero que meus olhos se abram.

— Chega de falar — eu rosno.

A cabeça de Bianca se levanta do meu travesseiro. Ela se debruça sobre mim e segura meu rosto. Minha visão está embaçada e não há muita luz no quarto, mas ainda assim noto o inchaço e a vermelhidão ao redor de seus olhos e os cabelos bagunçados. Não me lembro de já ter visto Bianca assim. Ela funga, deposita um beijo na minha boca e começa a fazer sinais, mas não consigo decifrar as formas que suas mãos desenham.

— Não consigo ver nada, querida. — Suspiro e pego sua mão. — Suba aqui comigo.

Ela balança a cabeça, mas eu a puxo.

— Venha se deitar ao meu lado. Está tudo bem.

Ela reluta no início, mas depois sobe com cuidado, deita na beirada da cama e se aconchega em mim.

— Você contou à Lena o que aconteceu?

Sinto a ponta do dedo dela desenhando letras no meu peito.

N-Ã-O

— Ótimo.

A porta do quarto se abre e Roman entra. Ele nos observa por alguns instantes e depois se aproxima.

— Quais são os danos? — eu pergunto.

— Pulmão perfurado e hemorragia interna. Eles te remendaram. O médico deu um mês para você estar novo em folha.

— Quando poderei ir para casa?

— Em duas semanas.

Eu olho para ele.

— Não vou ficar em um hospital por duas semanas.

— Vai ficar o tempo que eles disserem que você deve ficar — Roman rebate e aponta o cabo de sua bengala para mim. — E você fará exatamente o que disserem para você fazer, entendeu? Isso é uma ordem.

— E quanto ao trabalho?

— Assumirei as rédeas até você voltar. Está de folga pelos próximos dois meses.

Ele não pode estar falando sério.

— Dois meses?

— Cale essa boca. Você quase foi morto! — ele esbraveja. — Se eu te pegar trabalhando antes disso, vou trocá-lo com o Pavel e você ficará com as boates. Você me entendeu, Mikhail?

Eu trinco meus dentes.

— Entendi, Pakhan.

— Perfeito. Esperamos vocês dois para jantar quando estiver melhor. E use esse tempo livre para levar sua esposa para uma lua de mel ou algo assim. Você não vai ter férias de dois meses novamente. — Ele se vira para sair, mas olha por cima do ombro. — Sergei deu uma passada aqui ontem quando soube que você foi baleado.

Levanto as sobrancelhas

— Aqui? Para quê?

— Uhum. Entrou de surpresa, perguntou sobre você, disse para eu lhe passar um recado e foi embora.

— Que recado?

— Quer que você mande por mensagem a lista das pessoas envolvidas no seu tiroteio, para que ele possa matá-las. Ele disse que está livre no fim de semana.

Suspiro e balanço a cabeça.

BIANCA

Estendo a mão e acaricio a barba de cinco dias de Mikhail. É estranho. Eu só o vi com a barba feita. As cicatrizes ficam bem menos visíveis com ela. Ele parece diferente. Ergo os olhos e o vejo me observando.

— Você gosta? — ele pergunta.

Eu sorrio e acaricio seu rosto novamente.

— Quer que eu deixe assim?

Ele pergunta isso de forma despreocupada, mas fica atento à minha reação. Eu sei o que ele quer dizer. Certa vez, ele me disse que não gosta de manter a barba. Mas, se eu disser que sim, ele deixará crescer por achar que eu prefiro suas cicatrizes escondidas. Ele ainda não entendeu. Eu o considero o homem mais bonito que já vi.

— *Eu gosto assim* — sinalizo, e ele assente, pousando o barbeador na pia. — *Mas prefiro quando você está com a barba feita.*

A mão dele para no ar.

— Tem certeza? — ele pergunta, e há dúvida em seu olhar.

Seguro seu rosto com as palmas das mãos, abaixo sua cabeça e o beijo.

— Tenho certeza, Mikhail — sussurro de encontro a seus lábios.

— Ok, querida.

— *Você quer que eu o barbeie?* — Nunca fiz isso, mas ele está com o braço direito imobilizado em uma tipoia, e não sei se consegue só com uma mão. — *Serei cuidadosa. Você pode se cortar.*

Mikhail fica me olhando por alguns segundos e depois ri.

— Não é como se isso fosse fazer diferença, querida.

Estreito os olhos para ele, pego seu queixo entre os dedos e aperto de leve.

— *Para mim, importaria.*

— Certo, certo. — Ele sorri, abaixa a tampa da privada e senta nela.
— Sou todo seu.

— *Exatamente.* — Pego a lâmina e o creme de barbear na pia e, então, faço meu marido voltar ao seu belo eu original.

Quando termino, guardo os itens de barbear e ouço a fechadura da porta do banheiro. Viro e encontro Mikhail sorrindo para mim.

— *Não* — mexo meus lábios.

— Sim.

— *Você levou um tiro há cinco dias. Dois tiros. Não estamos fazendo nada que exija uma porta trancada.*

— Venha cá.

— *Não.*

Ele estende a mão para a frente, prende um dedo no cócs da minha calça jeans e me puxa até que eu esteja entre suas pernas.

— Vire.

Suspiro e obedeço.

— Adoro quando você finge ser dócil — ele sussurra no meu ouvido e começa a desabotoar meu jeans.

Abro a boca para lhe dizer o que penso sobre sua declaração, já que não posso fazer sinais para ele com as costas prensadas contra seu peito, mas quando sua mão desliza para dentro da minha calça, as palavras morrem em meus lábios.

— Já está molhada? — ele provoca, e sinto seu dedo entrar em mim.
— Eu gosto disso. Gosto muito, Bianca.

Ele morde meu ombro e eu arfo quando outro dedo me penetra.

— O que acha? Quanto tempo vou levar para te fazer gozar, hein?
— Ele faz um movimento circular lento ao redor do meu clitóris. — Cinco minutos?

Fecho os olhos e assinto com a cabeça.

— Duvido, querida — ele sussurra, depois belisca de leve meus grandes lábios. — Você não vai aguentar mais do que dois minutos.

Eu me encosto em seu peito e abro um pouco mais as pernas. As coisas que esse homem consegue fazer com a mão... é de enlouquecer.

— Olhos, Bianca.

Eu os abro e vejo nossos reflexos no espelho sobre a pia. A mão de Mikhail entre minhas pernas e um sorriso perverso em seu rosto. Quero gritar quando ele tira o dedo, mas então o enfia de novo até o fim e pressiona meu clitóris com o polegar. Eu me arrepio na hora.

— Um minuto e meio no máximo, querida. — Ele beija meu ombro. — Tentaremos de novo mais tarde. Para ver se conseguimos em menos de um minuto.

Que homem malvado.

Epílogo

BIANCA

Seis semanas depois

— *Tenho uma surpresa para você* — eu sinalizo e coloco minhas mãos no peito de Mikhail.

— Ah, é? Que surpresa?

Abrindo um sorriso presunçoso, eu o seguro pela gravata e dou um passo para trás, puxando-o. Mikhail ergue as sobrancelhas, mas me acompanha, dando um passo para cada dois meus, permitindo que eu o conduza pela sala de estar até a academia. Sem soltar sua gravata, giro a maçaneta e o arrasto para dentro, esperando sua reação ao ver o que fiz. Ele para na porta e olha as persianas que baixei até o fim. A única luz no cômodo vem dos dois abajures que peguei na sala de estar e posicionei em cantos opostos. Seus lábios se erguem quando ele vê a cadeira que coloquei no meio da sala, mas ele nada diz. Com o dedo, eu o chamo para o meu teatro improvisado e o conduzo até a cadeira.

— *Sente-se* — sinalizo e o empurro de leve no peito.

Mikhail se acomoda na cadeira e tomba a cabeça de lado, franzindo os lábios como se tentasse ler minhas intenções.

— *Feche os olhos. E nada de espiar.*

— Está bem. — Ele sorri e se reclina na cadeira.

Dou um beijo suave em seus lábios e corro para o canto, onde deixei minha saia de tule e minhas sapatilhas de balé escondidas embaixo de uma toalha. Levo menos de dois minutos para tirar o vestido e colocar as sapatilhas, o top curto e a saia. A princípio, planejei usar um collant, mas isso atrapalharia mais tarde. Depois de refletir por alguns segundos, tiro a calcinha e a jogo sobre o vestido descartado. Olhando por cima do ombro para Mikhail, sorrio com expectativa enquanto ajusto o sistema de som no

volume máximo. Na pausa que incluí antes do início da minha playlist, assumo uma quarta posição com um braço estendido em um arco delicado.

Chopin enche a sala com os sons iniciais de *Nocturne No. 9*, e Mikhail arregala os olhos. Dou um sorriso, assopro um beijo para ele e começo. Faço uma pirueta, estendo lentamente a perna em um *developpé*, minha sequência de abertura de *O Lago dos Cisnes*, e continuo a coreografia com diferentes tipos de passos. Os olhos de Mikhail me assistem sem piscar, acompanhando cada movimento meu. Eu me acostumei com homens olhando para mim, tanto no palco quanto fora dele, mas ninguém nunca me olhou como Mikhail. Como se eu fosse algo precioso, e ele tem medo de que, se desviar o olhar de mim, eu desapareça. Meu marido é um homem tão tolo. Ninguém vai me fazer largá-lo. Jamais. Faço um arabesco e alguns passos menores até ficar bem na frente dele. Em seguida, faço um *fouetté*, só para garantir que ele perceba que não estou usando calcinha, e paro no exato instante em que a peça de Chopin termina.

O silêncio se estende por alguns segundos, durante os quais ele me observa com um sorrisinho nos lábios. Ele provavelmente acha que isso foi tudo o que preparei e, quando o som de *All of Me*, de John Legend, preenche a sala, ele arqueia uma sobrancelha. Eu sorrio e, com um passo à frente, me acomodo entre suas pernas. O primeiro verso passa enquanto nos encaramos, sem sequer nos tocarmos, mas quando o coral canta, coloco a palma da mão esquerda sobre sua bochecha direita e, sem quebrar o contato visual, removo seu tapa-olho com a outra.

— *Tudo de mim* — sussurro e deponho um beijo em seus lábios. — *Tudo de você... querido.*

Sem tirar os olhos de mim, ele segura minha nuca, passa os dedos pelos meus cabelos e aperta. Tiro a gravata dele e desabotoo sua camisa. Mikhail não diz uma palavra, só fica me olhando e imobilizando minha cabeça com a mão enrolada no meu cabelo. Como se quisesse manter meu rosto à vista.

Quando o refrão recomeça, tiro a camisa dele e me inclino, pressionando meus lábios sobre a cicatriz em sua pálpebra direita.

— *Todas as suas... imperfeições.*

Ele respira fundo e envolve meu rosto entre as palmas enormes e ásperas, com um toque incrivelmente delicado. Eu sorrio e, com o dedo, traço um coração em seu peito.

Não consigo acreditar que quase o perdi. Os pesadelos daquele dia ainda me atormentam, e acordo no meio da noite com o pânico apertando meu peito. Aproximando-me, encosto meus lábios nos dele e percorro suas costas nuas com minhas mãos, sem me importar com as cicatrizes mais antigas. Mas quando sinto o relevo redondo sob meus dedos, estremeço e o abraço com mais força.

MIKHAIL

Não há muita luz no quarto, mas, mesmo com minha visão ligeiramente embaçada, vejo as lágrimas se acumulando nos olhos de Bianca.

— Querida? Qual é o problema?

Ela comprime os lábios e encosta a testa na minha, ao mesmo tempo em que traça com o dedo um padrão ao redor do ferimento de bala já cicatrizado em minhas costas.

— Bianca, olhe para mim.

Ela levanta a cabeça e eu prendo seu queixo entre meus dedos.

— Eu estou bem. Você pode, por favor, tentar esquecer isso?

A mão dela repousa na minha nuca e ela assente, mas sei que está mentindo porque uma lágrima escapa e rola pela sua bochecha. Não aguento isso. Durante anos, acreditei que não havia nada que eu não pudesse suportar, mas ver Bianca chorar por minha causa... é o meu limite.

— Quer que eu a tranquilize, minha ovelhinha? — pergunto. Passo a mão dentre seus seios até o estômago. Em seguida, alcanço sua saia de tule e pressiono meus dedos em sua boceta.

Quando ela respira fundo e balança a cabeça, eu deslizo o dedo para dentro dela. Levantando da cadeira, começo a desabotoar minha calça com a mão direita, sem tirar a esquerda de sua boceta. Quando consigo me livrar da calça, agarro o cós da saia e a puxo pela cabeça dela, depois giro seu corpo e colo suas costas contra mim, prendendo sua cintura com a outra mão.

— Pronta? — pergunto e afundo meu nariz no pescoço dela.

Ela diz que sim com a cabeça e eu aperto o braço em volta dela. Então, pegando-a no colo, saio da academia. Ofegando, Bianca aperta meu antebraço e junta as pernas. Faço questão de ir devagar, provocando seu

interior durante todo o caminho até o quarto. Quando chegamos, ela já está quase gozando.

— Ainda não, querida. — Eu a coloco no chão e retiro lentamente meu dedo dela, mas, em vez de se deitar, ela sobe na beirada da cama e se apoia em meu peito com as palmas das mãos.

— Eu quero... — ela sussurra — ... te dizer... tanta coisa.

— Você não precisa dizer nada, Bianca.

Encosto meus lábios nos dela, depois deslizo as mãos pelas suas costas e a agarro pela bunda. Meu plano era saboreá-la na cama, mas mudei de ideia, então a levanto até que suas pernas se enrosquem na minha cintura e me viro, prendendo-a na parede. Devagar, eu a desço sobre o meu pau duro como uma rocha, e adoro como ela prende a respiração quando eu a preencho.

— Mesmo meio cego, eu consigo ver tudo, querida. — Deslizo para fora e depois meto de novo. — Tudo. — E meto. — Tudo. — E meto. — Tudo.

Bianca geme, com os braços apertados em volta do meu pescoço e inspirando no ritmo das investidas. Ela costuma fechar os olhos quando goza, mas, dessa vez, mantém os dois bem abertos, sustentando meu olhar enquanto treme e arfa. Explodo dentro dela como nunca antes, depois choco minha boca contra a dela, apertando seu corpo ao meu e segurando-a por muito tempo depois que ambos descemos juntos do êxtase.

BIANCA

Que merda. Alguma coisa não está certa.

Tento sovar a massa um pouco mais, mas ela continua grudando em meus dedos. Depois de limpar a farinha das mãos no avental, pego o celular no bolso de trás do jeans e abro a janela de mensagem. Prometi à Lena que faria *piroshki* no jantar e preciso acertar essa massa, droga.

19:22 Bianca: Fiz alguma besteira, a massa está parecendo chiclete. Você pode verificar com o Igor se ele passou as medidas certas?

19:24 Nina: Tente adicionar mais farinha. Ele me dá medidas diferentes toda vez que pergunto e estou começando a pensar que é proposital. Ele decerto não quer que ninguém roube sua receita de *piroshki*. Vou pedir ao Roman para dar um susto nele, talvez ele ceda.

19:25 Bianca: Por favor, não faça isso. Ha ha ha. Vou tentar com mais farinha. Novidades?

19:26 Nina: Roman acabou de voltar da casa de Sergei. Ele disse que o lugar parece ter sido atingido por um furacão. Sergei destruiu tudo.

19:27 Bianca: Por quê? Nunca conheci o cara, mas pelo que ouvi do Mikhail, ele é um pouco... desequilibrado.

19:29 Nina: Isso é o eufemismo do século, meu bem. Parece que a hóspede dele desapareceu e ele surtou. Quer ir até lá?

Estou digitando minha resposta quando sinto um toque na base do meu pescoço, seguido de um beijo.

— *Dusha moya...*

Sorrio e faço menção de me virar, mas Mikhail enlaça minha cintura e mantém minhas costas pressionadas contra seu peito. Ele roça o nariz no meu pescoço e pousa a mão direita na bancada à minha frente, segurando uma rosa amarela. Todo o ar abandona meus pulmões quando a vejo, com o caule envolto em uma fita de seda amarela bordada em ouro.

— Eu nunca lhe contei — ele sussurra no meu ouvido — que sempre fui seu maior fã. E ainda sou.

— Mikhail? — eu sussurro, meus olhos ainda focados na delicada flor.

— Vi um pôster certa noite, acho que foi em uma vitrine, há quase um ano. Lembro que passei por ele e depois voltei para dar uma olhada melhor. Ele mostrava um grupo de dançarinos. Todos, exceto um, usavam figurinos amarelos. E, enquanto eu os observava, me perguntei por que, entre todos eles, a única que usava uma roupa preta brilhava mais do que os outros. — Um beijo pousa ao lado do meu pescoço. — Como um sol.

Virando-me de frente para ele, Mikhail segura meu rosto e deposita um beijo suave em meus lábios.

— Não perdi uma única apresentação sua depois disso. Eu amo você, meu pequeno raio de sol. Meu *solnyshko*.

Enrosco meus braços em sua cintura e enterro meu rosto em seu peito.

— Eu também amo você... meu Mikhail.

Fim

Sobre a autora

Neva Altaj escreve romances de máfia contemporâneos e picantes sobre anti-heróis problemáticos e heroínas fortes que se apaixonam por eles. Ela tem um fraco por alfas loucos, ciumentos e possessivos dispostos a devastar o mundo por sua mulher.

Suas histórias são cheias de calor e reviravoltas inesperadas, e todas as vezes há a garantia de um “felizes para sempre”.

Neva adora receber mensagens de seus leitores, então fique à vontade para entrar em contato.

Website: www.neva-altaj.com

Facebook: <https://www.facebook.com/neva.altaj>

TikTok: www.tiktok.com/@author_neva_altaj

Instagram: www.instagram.com/neva_altaj

Amazon: www.amazon.com/Neva-Altaj

Goodreads: www.goodreads.com/Neva_Altaj

